



LETÍCIA CAMARGO

**A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CAPITALISMO
NEOLIBERAL: análise do material didático do Ensino Fundamental I**

Presidente Prudente

2023

LETÍCIA CAMARGO

**A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CAPITALISMO
NEOLIBERAL: análise do material didático do Ensino Fundamental I**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT-Unesp, *campus* de Presidente Prudente-SP, como exigência/requisito para obtenção do Título de Mestra, linha de pesquisa Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores, sob a orientação do Prof. Dr. Divino José da Silva.

Presidente Prudente

2023

C172e Camargo, Letícia

A educação empreendedora no capitalismo neoliberal : análise do material didático do Ensino Fundamental I / Letícia Camargo. -- Presidente Prudente, 2023

113 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Orientador: Divino José da Silva

1. Empreendedorismo. 2. Neoliberalismo. 3. Formação. 4. Ensino Fundamental I. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:

Educação empreendedora no capitalismo neoliberal: análise do material didático do Ensino Fundamental I

AUTORA: LETÍCIA CAMARGO**ORIENTADOR: DIVINO JOSÉ DA SILVA**

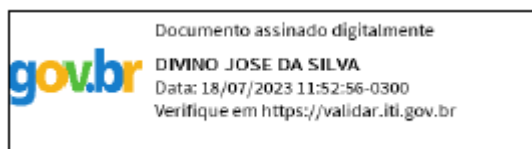
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. DIVINO JOSÉ DA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

Prof(a). Dr(a). PEDRO ANGELO PAGNI (Participação Virtual)
Departamento de Administração e Supervisão Escolar / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof. Dr. MARCOS VINICIUS FRANCISCO (Participação Virtual)
Programa de Pós Graduação em Educação / Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM)

Presidente Prudente, 31 de março de 2022



AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela oportunidade de ter vivido este momento em minha vida, que exigiu muita persistência e força durante todo o percurso. Grata pelo discernimento e pelas pessoas colocadas em meu caminho para tornar essa jornada mais leve e cheia de significados.

Aos meus queridos pais, Cirlei e Edmilson, por me apoiarem durante toda a minha formação e por me ensinarem tanto. Obrigada pelo apoio e pelo amor imenso por mim!

Ao meu irmão, Leonardo, pelo incentivo e pelas conversas diárias que muito contribuíram para minhas reflexões.

Ao querido orientador, mestre e amigo, Divino, foi uma honra compartilhar mais esta fase de aprendizado. Agradeço a sua confiança, paciência e parceria. Teria sido bem mais difícil sem a sua generosidade. Obrigada por ter acreditado em mim!

À banca: Ari, Marcos e Pedro, pela dedicação e disposição durante todo o processo de qualificação e de defesa. Suas contribuições foram fundamentais para a pesquisa.

Às colegas de Mestrado, e hoje, amigas, Jacqueline, Mônica, Nathalia e Raquel, por todos os momentos e sentimentos compartilhados, desde as incertezas, desafios até as inúmeras risadas.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Educação, por compartilharem momentos privilegiados de estudo.

Aos meus amigos e amigas, que compartilharam diferentes momentos da minha trajetória, sempre me apoiando.

Aos colegas de profissão, que colaboraram no meu crescimento profissional e pessoal a cada dia vivenciado na escola.

A todos os meus alunos ao longo da minha trajetória docente, que me incentivaram a cada dia a lutar pela Valorização da Educação.

A todas as escolas que trabalhei e que contribuíram de forma significativa para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Foi ao longo desses anos de experiência que tenho aprendido e refletido sobre a importância da educação e seu papel essencial para a construção de uma sociedade mais justa e digna.

À Capes, pelos prazos concedidos ao longo da pesquisa.

Por fim, sou grata pela trajetória intensa de aprendizados, e pela oportunidade de aprofundar e de adquirir novos conhecimentos, conhecer pessoas e lugares que agregaram muito para a minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

A educação empreendedora no capitalismo neoliberal: análise do material didático do Ensino Fundamental I.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as implicações do discurso do Empreendedorismo no processo de formação de estudantes do Ensino Fundamental I. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que se destina a problematizar as práticas de Empreendedorismo as quais serão abordadas na perspectiva do referencial teórico foucaultiano, particularmente a partir da noção de biopolítica desenvolvida por Foucault, no livro *Nascimento da biopolítica* (2008). Trata-se da análise do material didático do 1º ao 5º ano utilizado em escolas privadas de Presidente Prudente-SP e região, o qual se baseia na Metodologia OPEE – Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo, que apresenta uma sequência didática do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. O título das coletâneas que foram analisadas é “Empreendedorismo e Projeto de Vida”, do autor Leo Fraiman, publicadas pela editora FTD. Desse modo, os principais pontos que serão discutidos nesta pesquisa são os seguintes: analisar/identificar os elementos abordados acerca do Empreendedorismo; quais são as implicações do discurso empreendedor na constituição dos sujeitos envolvidos no contexto escolar.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Neoliberalismo; Formação; Ensino Fundamental.

Entrepreneurial education in neoliberal capitalism: analysis of didactic material for Elementary School I.

ABSTRACT

This research aims to analyze the implications of the Entrepreneurship discourse in the formation process of Elementary School I students. It is a qualitative research, which aims to problematize the Entrepreneurship practices which will be approached from the perspective of the reference Foucauldian theoretical, particularly from the notion of biopolitics developed by Foucault, in the book *Birth of Biopolitics* (2008). This is an analysis of the didactic material from the 1st to the 5th year used in private schools in Presidente Prudente-SP and region, which is based on the OPEE Methodology – Professional Orientation, Employability and Entrepreneurship, which presents a didactic sequence from the 1st year of Elementary School to the 3rd year of high school. The title of the collections that were analyzed is: “Entrepreneurship and Life Project”, by the author Leo Fraiman, published by FTD publishing house. Thus, the main points that will be discussed in this research are the following: to analyze/identify the elements approached about Entrepreneurship; what are the implications of the entrepreneurial discourse in the constitution of the subjects involved in the school context.

Key-words: Entrepreneurship; Neoliberalism; Training; Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema de crenças.....	48
Figura 2 – Reorientação do sistema de crenças.....	49
Figura 3 – Exemplo de esportista: Pelé.....	62
Figura 4 – Exemplo de esportista: Guga.....	63
Figura 5 – Crianças em seu pequeno negócio.....	63
Figuras 6 e 7 – Cartunista brasileiro: Maurício de Sousa.....	64/65
Figura 8 – Sociólogo brasileiro: Betinho.....	66
Figura 9 – Jornalista brasileira: Francine Lima.....	67
Figura 10 – Significado de cooperação.....	69
Figura 11 – Significado de colaboração.....	70
Figura 12 – Significado dos sentimentos.....	71
Figura 13 – Texto: Janela sobre a palavra (IV)	72
Figura 14 – Aprendendo sobre escolhas.....	73
Figura 15 – Dicas de empoderamento pessoal.....	74
Figura 16 – Marketing pessoal.....	75
Figura 17 – Stop das profissões.....	76
Figura 18 – Empreendedor brasileiro: o que é preciso?	77
Figura 19 – Técnica dos 5S.....	78
Figura 20 – Personagens da Coleção.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Apresentação e organização do material didático.....	94
Tabela 2 – Conteúdos do 1º ano.....	97
Tabela 3 – Conteúdos do 2º ano.....	101
Tabela 4 – Conteúdos do 3º ano.....	105
Tabela 5 – Conteúdos do 4º ano.....	108
Tabela 6 – Conteúdos do 5º ano.....	112

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DOS CORPOS DÓCEIS À BIOPOLÍTICA	16
2.1 Do poder disciplinar à biopolítica	20
2.2 A escola moderna	27
3 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E A LÓGICA DA MICROPOLÍTICA NEOLIBERAL	31
4 ANALISANDO A COLETÂNEA “EMPREENDEDORISMO E PROJETO DE VIDA”	42
4.1 O discurso empreendedor e sua relação com os saberes	43
4.2 A concepção do empreendedorismo presente nos cadernos	50
4.3 Eixos temáticos presentes na coletânea	53
4.4 Empreendedorismo, conhecimento de si e modos de sujeição.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

O cenário político, econômico e social contemporâneo, pautado num modelo econômico capitalista neoliberal, impôs à escola a tarefa de preparar os estudantes para que estejam à altura das exigências e dos novos arranjos presentes no mundo do trabalho. Essas demandas são decorrentes dos avanços tecnológicos e dos processos de empresariamento da vida, os quais, conforme o demonstraram Foucault (2008) e Deleuze (1992), passam a administrar e a reger todas as instâncias da vida, inclusive aquelas que não tinham, num primeiro momento, grande relevância para a economia.

É dessa perspectiva que a escola adquire, sobretudo a partir de meados do século XX, importância para o desenvolvimento econômico de cada país, como instituição encarregada de preparar mão de obra para o mercado de trabalho e, posteriormente, como instituição que dotaria os estudantes, pequenos futuros empresários, de um tipo de capital humano que os transformariam em detentores de competências e de habilidades raras.

Estas habilidades passaram a ser consideradas fundamentais para a adaptação à lógica da empregabilidade contemporânea, que requer sujeitos flexíveis, criativos, inventivos, dos quais se espera que estejam suficientemente preparados para responder às crises econômicas, ao desemprego e à desregulamentação do trabalho, bem como ao fim da seguridade social, antes mantida, mesmo que de forma precária, em países como o Brasil (DARDOT; LAVAL, 2016).

Essa realidade complexa demanda da instituição escolar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que produzam nos estudantes disposições e valores que os preparem para lidar com as impermanências do mercado de trabalho, provocadas pelas reviravoltas na economia mundial e nas novas formas do capital aumentar os seus lucros. É no horizonte econômico e político do neoliberalismo, o qual acirrou e recriou, nas três últimas décadas, as formas de competitividade, que aprofundam e ampliam os discursos da gestão empresarial e de negócios pautados no empreendedorismo. Como se poderá perceber, não se trata de um discurso novo, visto que, como indicara Foucault (2008), ele tem suas bases aprimoradas nos anos de 1950, com os chamados teóricos do capital humano, e ganha novos impulsos e fisionomia com as crises econômicas provocadas pela financeirização do capital em décadas recentes, pois já não se trata mais, somente, de investir na produção de mercadorias e na redefinição de empregos, mas de submeter o destino de nações inteiras à lógica da especulação financeira e à volatilidade dos mercados, aliadas aos avanços tecnológicos e eficazes formas de controle que passam a incidir sobre a vida em suas instâncias mínimas. Sobre isso, assim escreve

Lazzarato: “Na crise, os neoliberais não procuram governar o menos possível, mas, pelo contrário, governar tudo, até os mínimos detalhes” (LAZZARATO, 2017, p. 11).

Diante do contexto apresentado, esta pesquisa se propõe a problematizar o modo como se faz presente na escola o discurso empreendedor, bem como estabelecer a relação entre o neoliberalismo e a maneira como ele ocorre no âmbito das relações de saber e de poder, no contexto escolar, os modos de subjetivação que objetivam o sujeito para si mesmo e para os outros, via “procedimentos precisos de governo” (CASTRO, 2009, p. 189).

Ao fazer, em 1982, uma espécie de retrospectiva de seu pensamento naqueles últimos vinte anos, Foucault, na obra *O sujeito e o poder* (2014, p. 118), afirma que seu objetivo não havia sido desenvolver uma análise do poder, mas, antes, “[...] produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura; tratei, nessa ótica, dos três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos”. O autor deixa claro que sua intenção não havia sido produzir uma teoria acerca do poder, ou uma teoria do objeto poder, pois essa não seria a melhor maneira de abordar o assunto, interessava-lhe “conhecer as condições históricas que motivam tal ou tal tipo de conceitualização. Precisamos ter uma consciência histórica na qual vivemos” (FOUCAULT, 2014, p. 119).

O nosso esforço na presente pesquisa será analisar os aspectos inerentes à racionalidade neoliberal em seus vínculos com os discursos empreendedores no contexto escolar. Para isso, buscaremos seguir o que recomenda Foucault (2014), tendo em vista entender de que modo se faz presente, hoje, na escola, um tipo de racionalidade específica, a qual nos auxiliaria para pensar uma outra economia das relações de poder vinculadas à empiria de tramas que tecem o nosso presente escolar. Lidar com essas tramas demandam novas relações mais ajustadas entre teoria e prática, analisando caso a caso. Ou seja, problematizar os modos como se efetivam nas relações escolares, os jogos entre o poder e o saber em suas relações com os processos de subjetivação e de sujeição dos sujeitos, tomando como ponto de partida os fenômenos, as técnicas e os procedimentos de poder postos em funcionamento via o uso no espaço escolar de material didático, baseado, no caso em questão, na Metodologia Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo (Metodologia OPEE), conforme explicitaremos adiante.

Antes, é preciso ressaltar que Foucault (2014) distancia-se das abordagens clássicas sobre o poder, as quais se personificam na figura do Estado, para pensá-lo em seu funcionamento nos contextos das várias instituições e em seus vínculos com os saberes. Ao proceder assim em sua análise, o autor tem como foco os efeitos de verdade decorrentes do

jogo saber-poder nos processos de constituição da subjetividade dos sujeitos. Foucault (2014, p. 121), acerca dessas novas relações entre teoria e prática na abordagem do poder, afirma:

Esse novo modo de investigação consiste em tomar as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como ponto de partida. Ou, para utilizar outra metáfora, ele consiste em utilizar essa resistência como um catalisador químico que permite colocar em evidência as relações de poder, ver onde elas se inscrevem, descobrir seus pontos de aplicação e os métodos que elas utilizam. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, trata-se de analisar o poder por meio do enfrentamento das estratégias.

Tomando como referência teórica a análise que Foucault (2014) realiza do poder e as formas como o mesmo se exerce na sociedade, a presente pesquisa tem como objeto de estudo os livros didáticos de 1º ao 5º ano elaborados pela Metodologia OPEE – Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo, que apresenta uma sequência didática do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, publicados pela editora FTD. O título dos livros que serão analisados é: “Empreendedorismo e Projeto de Vida”, de Leo Fraiman. O material selecionado para o estudo nesta pesquisa é adotado na rede de ensino particular e utilizado em diferentes escolas, particularmente, no estado de São Paulo, na região de Presidente Prudente-SP.

É importante salientar que optamos por analisar os cinco volumes da coletânea, os quais são destinados, respectivamente, aos alunos do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, em razão do tempo de duração do mestrado e do volume de material que compõe a coletânea, que vai do 1º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Entendemos que seria mais viável, para o momento, o referido recorte. Interessa-nos tomar a metodologia OPEE como dispositivo que mobiliza o jogo das relações de poder e de saber, possibilitando assim explicitar seus modos de aplicação, suas táticas e estratégias, as quais desdobram-se na produção de modos de subjetivação.

O referido material será tomado como um dispositivo que se articula ou se alimenta de outros dispositivos, tais como os dispositivos disciplinares, os dispositivos de poder e os dispositivos de saber. Foucault (1979, p. 244) caracteriza assim o dispositivo:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais filantrópicas. Em suma o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.

O dispositivo como rede auxilia-nos para pensar a Metodologia OPEE como mecanismo que se entrelaça a outros. Foucault (1979) salienta que, ainda que haja nos dispositivos elementos heterogêneos, é possível estabelecer relações entre eles, na medida em que os discursos que os compõem, no âmbito de uma instituição, podem se reforçar, produzindo novos campos de racionalidade e novos jogos ou mudanças de posições e de funções. Tudo isso ocorre, segundo o autor, em razão de se responder a determinadas demandas e urgências históricas. É nesse sentido que o dispositivo adquire uma função estratégica. É dessa perspectiva que estamos lendo a Metodologia OPEE, como um dispositivo estratégico de constituição da subjetividade de estudantes no contexto amplo do neoliberalismo contemporâneo, mas que assume na escola, via material didático, especificidade e racionalidade próprias. Não se trata de esquadrihar a subjetividade dos estudantes, por meio de questionários e de entrevistas, mas de problematizar o funcionamento do dispositivo, suas redes, suas regras, seus enunciados e suas proposições morais. Mesmo que haja no dispositivo algo de instável, ele funciona, em determinado momento histórico, como uma força que agencia processos de subjetivação que “devem produzir o seu sujeito” (AGAMBEN, 2009, p. 38).

Na tentativa de deixar mais claras as questões metodológicas e o percurso que pretendemos realizar na presente pesquisa, é importante dizer que o empenho aqui não será o de pensar a escola como força emancipadora das relações sociais opressivas, no registro dos ideais universais iluministas, ainda que isso seja importante, mas de pensá-la, conforme sugere Veiga-Neto (1999), na relação de causalidade imanente que há entre escola e sociedade, o que evitaria o lamento pelo fracasso da escola em atingir os seus propósitos, e, por outro lado, nos ajudaria a entender que na modernidade a escola não emerge fora do jogo das relações sociais de poder, mas que ela se insere nesse jogo ambíguo, que tanto domestica a diferença quanto produz também diferenciações que alimentam a exclusão e as desigualdades sociais.

Desse modo, a nossa preocupação será problematizar práticas educacionais que ocorrem fora e dentro da escola, as quais operam produzindo novas subjetividades e novos modos de governo dos homens (VEIGA-NETO, 1999, o qual, conforme buscaremos mostrar, atua, desde o século XVIII, sobre nossos corpos, via as instituições disciplinares, dentre elas, a escola; e atua sobre o corpo da população via a biopolítica. Nesse ponto, temos dois aspectos que são complementares no modo como se exerce o governo das condutas, o primeiro ocorre no nível micro, atingindo e separando os indivíduos e demarcando suas

individualidades, o qual Foucault nomeou como uma anatomopolítica, no livro *Vigiar e punir* (1987); o segundo visa a população mediante o cálculo amplo sobre a vida, que busca analisar fenômenos como morte, nascimento, longevidade, doenças e incidência de catástrofes naturais. Foucault denominou essa forma de governo sobre a vida da população de “governo biopolítico”. Nos livros *Em defesa da sociedade* e *História da sexualidade: a vontade de saber*, Foucault aborda a biopolítica como capacidade do Estado de potencializar a vida administrando os riscos que recaem sobre ela, por meio de políticas públicas que visam a eliminar perigos e ameaças.

No entanto, no livro *Nascimento da biopolítica* (2008), Foucault investiga a incidência dos processos de governo econômico sobre a população, atentando-se para suas sutilezas na maneira como submete as condutas coletivas à lógica da racionalidade do autoempreendedorismo neoliberal. Esse processo de governo torna a coletividade presa, a qual se rende aos modos de individuação e de subjetivação administrados pelo mercado econômico (DUARTE, 2010). Esse movimento na obra de Foucault, aqui brevemente sintetizado, será explorado no corpo da pesquisa, com o intuito de lançar sobre a escola pensada, num primeiro momento, como instituição disciplinar, na qual se entrelaçam os mecanismos do biopoder e do governo biopolítico. Por essa razão, ao longo desse estudo serão mobilizados os conceitos de sujeito, poder, saber, subjetivação, biopolítica e governamentalidade, em obras de Michel Foucault, tendo em vista compreender os efeitos de verdade produzidos pelos enunciados acerca do empreendedorismo, presentes na coletânea orientada pela Metodologia OPEE como um dispositivo da biopolítica.

Em linhas gerais, a genealogia dos micropoderes disciplinares introduzida por Foucault apresenta uma tese que está vinculada à ideia de que o poder domestica o sujeito de diversas formas, se apropriando de dispositivos de controle para enquadrá-lo às normas e às regras.

Segundo Foucault (1979), a constituição do sujeito é sempre histórica, concomitantemente “à constituição dos saberes, dos discursos e dos domínios de objetos” (p. 7). Ao discutir sobre poder e verdade, sua preocupação está em analisar os efeitos de verdade contidos nos discursos e quais as implicações na constituição dos sujeitos. Ou seja, se a verdade induz e reproduz efeitos de poder, quais efeitos estão sendo reproduzidos na escola via os discursos e as práticas oriundas do mundo da gestão empresarial?

No primeiro capítulo, abordamos os conceitos desenvolvidos por Foucault, com ênfase na Biopolítica, além de discutirmos o papel da escola diante das relações de poder e saber. Já no segundo capítulo, o nosso esforço consiste em relacionar o discurso empreendedor com o

discurso capitalista neoliberal, indicando as confluências que permeiam essa relação. Na sequência, no terceiro capítulo, buscamos identificar e analisar os eixos temáticos que orientam a coletânea, bem como os pressupostos teóricos em que estão baseados. Ressalte-se que o propósito é organizar e reduzir o material aos seus enunciados centrais, os quais dão sustentação à educação empreendedora e a constituição do sujeito empreendedor.

Por fim, nosso desejo nesta pesquisa é repensar a ideia de uma escola que não está alheia às práticas discursivas do neoliberalismo, mas que foi, aos poucos, se constituído como parte integrante do ordenamento neoliberal, que compreende a escola como instituição fundamental na produção de disposições subjetivas configuradoras do *ethos* neoliberal como um modo de vida. Isso tem resultado na intensificação dos processos de desigualdades sociais e econômicas, em modos de exclusão social que classifica e distribui os indivíduos baseando-se em critérios de desempenho, decorrendo também na precarização do trabalho estimulada pela competitividade e pela ideia de que cada um deve se tornar um empreendedor de si mesmo.

2 DOS CORPOS DÓCEIS À BIOPOLÍTICA

Pode-se notar em Foucault a presença e o esforço em analisar as instituições disciplinares, dentre elas, a escola, e seu papel na sociedade moderna. Na obra *Vigiar e punir* (1977) encontra-se uma vasta contribuição acerca das práticas escolares, denominadas como tecnologias disciplinares “[...] cujo resultado foi a produção de uma intrincada rede de novos saberes e de novas economias do poder” (VEIGA-NETO, 1999, p. 1).

Neste primeiro momento, é importante ressaltar que o foco da discussão é compreender a concepção de escola inserida no contexto da sociedade moderna. Portanto, partindo da análise foucaultiana, pode-se perceber, a datar do século XV, uma crise do poder pastoral, resultando em novas formas de governar a si e aos outros, e, com isso, o surgimento de “novas práticas sociais, econômicas e políticas” (VEIGA-NETO, 1999, p. 1).

Veiga-Neto (1999) destaca ainda que

[...] o deslocamento da ênfase da soberania sobre o território para a ênfase da soberania sobre a população. Com esse deslocamento, a arte de governar o Estado afastou-se dos princípios centrados no governante –isso é, princípios tradicionais de virtudes e habilidades, que até então haviam servido de modelo para a boa conduta do soberano/senhor/pastor--, e se voltou para princípios centrados no Estado –isso é, novos princípios segundo os quais o que mais importa é conhecer o que é bom para a segurança e o desenvolvimento do Estado. O que passa, então, a ser cada vez mais problematizado será o Estado e não tanto o governante, devendo ser entendido o Estado muito mais em termos de sua população do que de seu território. É a partir dessas constatações que Foucault propõe o conceito de governamentalidade, que tanto aponta para uma razão ou tática de governo, uma racionalidade governamental que descobre a economia e que faz da população o seu principal objeto (VEIGA-NETO, 1999, p. 2).

Entre os séculos XVI e XVIII, considerando o desenvolvimento de tratados políticos, o foco passa a ser dado à *arte de governar*. A problemática que aparece no governo do século XVI está presente na forma de governar a si mesmo, baseado nos princípios morais.

Segundo Foucault (1978), existe uma transitoriedade entre os processos.

Todos os problemas, com a intensidade e multiplicidade tão características do século XVI, se situam na convergência de dois processos: processo que, superando a estrutura feudal, começa a instaurar os grandes Estados territoriais, administrativos, coloniais; processo, inteiramente diverso mas que se relaciona com o primeiro, que, com a Reforma e em seguida com a Contra-Reforma, questiona o modo como se quer ser espiritualmente dirigido para alcançar a salvação. Por um lado, movimento de concentração estatal, por outro de dispersão e dissidência religiosa: é no encontro destes

dois movimentos que se coloca, com intensidade particular no século XVI, o problema de como ser governado, por quem, até que ponto, com qual objetivo, com que método, etc. Problemática geral do governo em geral (FOUCAULT, 1978, p. 278).

Para desenvolver a construção do conceito de Estado e para representar a ideia de governo, surge a obra *O Príncipe*, de Maquiavel.

Para caracterizar as diferentes formas de governo, podemos utilizar uma tipologia do texto de Le Vayer, apresentado por Foucault (1978):

É assim que, procurando fazer a tipologia das diferentes formas de governo, La Mothe Le Vayer, em um texto do século seguinte (uma série de escritos pedagógicos para o Delfim), diz que existem três tipos de governo, cada um se referindo a uma forma específica de ciência ou de reflexão. O governo de si mesmo, que diz respeito à moral; a arte de governar adequadamente uma família, que diz respeito à economia; a ciência de bem governar o Estado, que diz respeito à política. Em relação à moral e à economia, a política tem sua singularidade, o que La Mothe Le Vayer indica muito bem. Mas o importante é que, apesar desta tipologia, as artes de governar postulam uma continuidade essencial entre elas. Enquanto a doutrina do príncipe ou a teoria jurídica do soberano procura incessantemente marcar uma descontinuidade entre o poder do príncipe e as outras formas de poder, as teorias da arte de governar procuram estabelecer uma continuidade, ascendente e descendente (p. 280).

Nesse sentido, a ideia de saber governar parte da lógica de que para se ter um bom governo, deve-se saber administrar, primeiramente, sua família. Dessa forma, surge o elemento “economia”, como continuação do governo de família, ou seja, “[...] quando o Estado é bem governado, os pais de família sabem como governar suas famílias, seus bens, seu patrimônio e por sua vez os indivíduos se comportam como devem” (FOUCAULT, 1976, p. 281).

Para embasar a definição de governo, sem que se refira ao conceito de território, Foucault utiliza o texto de La Perrière para elucidar a seguinte expressão: “Governam-se coisas”.

Não creio que se trate de opor coisas a homens, mas de mostrar que aquilo a que o governo se refere é não um território e sim um conjunto de homens e coisas. Estas coisas, de que o governo deve se encarregar, são os homens, mas em suas relações com coisas que são as riquezas, os recursos, os meios de subsistência, o território em suas fronteiras, com suas qualidades, clima, seca, fertilidade, etc.; os homens em suas relações com outras coisas que são os costumes, os hábitos, as formas de agir ou de pensar, etc.; finalmente, os homens em suas relações com outras coisas ainda que podem ser os

acidentes ou as desgraças como a fome, a epidemia, a morte, etc. (FOUCAULT, 1978, p. 282).

Existe uma complexidade de relações quando tratamos de governar. Dessa forma, para definir “um bom soberano, é preciso que tenha uma finalidade: “o bem comum e a salvação de todos” (FOUCAULT, 1978, p. 283).

De acordo com o autor,

Isto quer dizer que o bem público é essencialmente a obediência à lei: seja a do soberano terreno seja a do soberano absoluto, Deus. De todo modo, o que caracteriza a finalidade da soberania é este bem comum, geral, é apenas a submissão à soberania. A finalidade da soberania é circular, isto é, remete ao próprio exercício da soberania. O bem é a obediência à lei, portanto o bem a que se propõe a soberania é que as pessoas obedeçam a ela (FOUCAULT, 1978, p. 284).

Para Foucault (1978), o governo se utiliza de diferentes táticas para atingir os fins específicos. Então, a soberania consiste na aplicação de leis pelo governo para conduzir a população. Já em La Perrière encontra-se uma outra finalidade para definir governo.

[...] é definido como uma maneira correta de dispor as coisas para conduzi-las não ao bem comum [...], mas a um objetivo adequado a cada uma das coisas a governar. [...] E esta palavra dispor é importante, na medida em que, para a soberania, o que permitia atingir sua finalidade, isto é, a obediência à lei, era a própria lei; lei e soberania estavam indissolivelmente ligadas. Ao contrário, no caso da teoria do governo não se trata de impor uma lei aos homens, mas de dispor as coisas, isto é, utilizar mais táticas do que leis, ou utilizar ao máximo as leis como táticas (FOUCAULT, 1978, p. 284).

Ao longo dos séculos XVI e XVII, a arte de governar foi barrada por sua organização política de soberania, impedindo o seu desenvolvimento de forma específica e autônoma. Para Foucault (1978), o mercantilismo foi um grande exemplo de força para o soberano, ou seja, “é a primeira racionalização do exercício do poder como prática de governo; é com ele que se começa a constituir um saber sobre o Estado que pôde ser utilizável como tática de governo” (FOUCAULT, 1978, p. 287). Essa prática econômica que consistia em leis, em ordens e em regulamentos é uma característica de intervenção do Estado na economia. No entanto, o mercantilismo teve dificuldades de se introduzir no interior da soberania, pois ao mesmo tempo em que parecia ter possibilidades de atuação na estrutura da soberania, esta, por sua vez, também a bloqueava.

Aqui, surge a questão: como ocorreu o desbloqueio da arte de governar? Alguns fatores contribuíram para que isso ocorresse: “[...] a expansão demográfica do século XVII, ligada à abundância monetária e por sua vez ao aumento da produção agrícola através dos processos circulares que os historiadores conhecem bem” (FOUCAULT, 1978, p. 288). A partir disso, emerge a ideia de população, a qual se mostra conectada às questões anteriores, sobretudo, com a descentralização da economia na família.

Foi a ciência do governo que permitiu que a economia pudesse ser pensada fora do quadro de soberania e, aliada ao problema da população, aparece a questão apresentada por Foucault (1979, p. 288).

De que modo o problema da população permitirá desbloquear a arte de governo? Em primeiro lugar, a população – a perspectiva da população, a realidade dos fenômenos próprios à população – permitirá eliminar definitivamente o modelo da família e centralizar a noção de economia em outra coisa. De fato, se a estatística tinha até então funcionado no interior do quadro administrativo da soberania, ela vai revelar pouco a pouco que a população tem uma regularidade própria: número de mortos, de doentes, regularidades de acidentes, etc; a estatística revela também que a população tem características próprias e que seus fenômenos são irreduzíveis aos da família: as grandes epidemias, a mortalidade endêmica, a espiral do trabalho e da riqueza, etc.; revela finalmente que através de seus deslocamentos, de sua atividade, a população produz efeitos econômicos específicos. Permitindo quantificar os fenômenos próprios à população, revela uma especificidade irreduzível ao pequeno quadro familiar. A família como modelo de governo vai desaparecer. Em compensação, o que se constitui nesse momento é a família como elemento no interior da população e como instrumento fundamental (FOUCAULT, 1978, p. 288).

Quer dizer, até a emergência da ideia de população a arte de governar estava atrelada ao modelo familiar. A partir daí, muda-se a configuração, e a família passa a ocupar um papel secundário, à medida que a população amplia suas formas, a qual se transforma em um segmento, deixando de ser um modelo. A população aparece como foco do governo, a fim de gerar riqueza, de melhorar a vida e a saúde.

A ideia de governamentalidade ultrapassa a figura do Estado como poder soberano, pois já não é mais uma instância capaz de controlar todas as esferas sociais. Governar se transforma numa arte que passa pelo aprimoramento no modo de conduzir as condutas dos sujeitos, orientando-os através de normas e de regras.

Assim sendo, explorar alguns conceitos apresentados por Foucault se faz necessário para compreender as transformações políticas, econômicas e sociais que ocorreram, e consequentemente, influenciaram a “nova” concepção de sociedade, e a importância que nela

adquire a instituição escolar. É nesse contexto da multiplicação das artes de governar que a escola passa a cumprir papel fundamental no governo das crianças (VEIGA-NETO, 1999).

A questão central aqui, não é discutir se permanecemos ou não com os ideais da Modernidade, mas se tais ideais iluministas são suficientes “[...] para explicar os novos arranjos econômicos, geopolíticos e culturais e as novas distribuições de forças que daí decorrem” (VEIGA-NETO, 1999, p. 3). Em outras palavras, o objetivo é repensar o papel da escola, tendo como foco o que é ela e o que representa, e não como aquilo que ela deveria ser, ou melhor, buscar compreender o papel da Educação diante das mudanças no mundo atual, mas, antes disso, abordaremos alguns aspectos importantes sobre o poder disciplinar e a Biopolítica.

2.1 Do poder disciplinar à biopolítica

Para Foucault (1979), esse poder precisa ser analisado a partir das “técnicas e táticas de dominação”. Se por volta dos séculos XVI e XVII há o predomínio do poder soberano, nos séculos XVII e XVIII surge, com a sociedade burguesa, uma nova mecânica de poder, o poder disciplinar.

Um direito de soberania e um mecanismo de disciplina: é dentro destes limites que se dá o exercício do poder. [...] Na realidade, as disciplinas têm o seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível dos aparelhos que produzem saber e conhecimento. As disciplinas são portadoras de um discurso que não pode ser o do direito; o discurso da disciplina é alheio ao da lei e da regra enquanto efetivo da vontade soberana. As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural”, quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização; [...] (FOUCAULT, 1979, p. 189).

Segundo Duarte (2010), o sujeito pensado na concepção de Foucault é “[...] produto de uma multiplicidade de relações horizontais de saber-poder que o caracterizaram como sujeito assujeitado e disciplinado. Tal sujeito histórico foi produzido nas modernas instituições fechadas, como a escola, a família, a fábrica, [...]” (DUARTE, 2010, p. 215). Nos micropoderes disciplinares, encontra-se um sujeito dominado pelos poderes que atuam diretamente sobre o corpo, domesticando-o na íntegra, trata-se de um corpo controlado e que atende a interesses bem claros. Como anuncia Duarte (2010),

[...] as disciplinas possuem objetivos econômicos e políticos, portanto: aumentar a produtividade do trabalhador, aumentar a eficácia da ação do soldado, aumentar a eficácia dos sistemas educacionais, mas também reduzir o potencial de revolta e neutralizar os efeitos de contrapoder (DUARTE, 2010, p. 219).

Esse sujeito produzido dentro de uma sociedade disciplinar não pode ser incluído com suas características próprias, pois o poder disciplinar “normatiza/normaliza” o indivíduo, encaixando-o em padrões (de comportamento). Assim, “[...] é o poder disciplinar que individualiza e fabrica o “homem calculável”, distinguindo e classificando os indivíduos entre normais e anormais, tomando a norma e seus desvios como referência padrão na hierarquização dos comportamentos” (DUARTE, 2010, p. 220).

Ao retomar a ideia do poder soberano, Foucault (1988) aponta como característica histórica deste poder o direito de vida e de morte. Ao se pensar na relação entre soberano e súditos, pode-se analisar o direito de vida e de morte sob duas perspectivas: quando o soberano se encontra em perigo, ou em outro caso, em que o súdito se coloca contra o poder exercido pelo soberano e infringe suas leis.

Em uma sociedade pautada pela lógica do poder soberano, em que o direito de viver ou de deixar morrer é uma marca das relações estabelecidas, torna-se evidente, que “o direito que é formulado como de vida e morte é, de fato, o direito de causar a morte ou de deixar viver” (FOUCAULT, 1988, p. 128).

Ora, é preciso definir e compreender a ideia de poder empregada nessa sociedade de soberania. De acordo com Foucault (1988, p. 129), “o poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida, culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la”.

Os mecanismos de poder foram se transformando ao longo do período clássico no Ocidente, havendo um deslocamento no sentido do poder soberano; não se trata mais da morte em defesa da vida, mas “como o complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto” (FOUCAULT, 1988, p. 129). Trata-se, portanto, de direcionar o foco para a sobrevivência da espécie, potencializando a vida. “Pode-se dizer que o velho direito de causar a morte ou deixar viver foi substituída por um poder de causar a vida ou devolver à morte” (FOUCAULT, 1988, p. 130). Esse novo direcionamento traz à tona novas formas do poder atuar sobre a vida, que datam do século XVII. Essas novas formas de poder estão situadas em dois polos:

Um dos pólos, o primeiro a ser formado, ao que parece, centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam *as disciplinas: anátomo-política do corpo humano*. O segundo, que se formou um pouco mais tarde, por volta da metade do século XVIII, centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar, tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma biopolítica da população*. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação – durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces – anatômica e biológica, individualizante e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida – caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo (FOUCAULT, 1988, p. 131).

O poder, a partir do século XVII está voltado para investir e para gerir a vida. Dá-se, então, a transição de um período que “simbolizava o poder soberano” centrado na ideia da morte, para um poder que domina e domestica os corpos e passa a exercer um cálculo minucioso sobre a vida. É nesse contexto que as instituições disciplinares – escolas, prisões, hospitais, fábricas, caserna – assumem a função do adestramento do corpo. No entanto, essa gestão da vida não se limita aos aspectos do corpo individual, mas estende-se para o âmbito da vida da população, em que os fenômenos populacionais, tais como natalidade, longevidade, migração, mortes, doenças, passam a ser geridas pela política. Não há, nesse sentido, a exclusão entre as instituições disciplinares que submetem os corpos aos processos de disciplinamento e a maneira como ocorrerá o controle das populações. Estas duas instâncias estabelecem uma relação de interdependência e de complementação mútua, através das quais ocorre a regulação da vida.

Inaugura-se a partir de meados do século XVIII, uma biopolítica da população, como indica Foucault (1988), e com ela o biopoder como elemento fundamental no processo de desenvolvimento do capitalismo, pois está atrelado ao domínio dos corpos no processo de produção e pela adequação dos “fenômenos de população aos processos econômicos” (CASTRO, 2009, p. 58). Com essa nova forma de governo da vida, segundo Foucault (1988), o sistema econômico capitalista se expandiu, ampliando a sua atuação.

Mas, o capitalismo exigiu mais do que isso; foi-lhe necessário o crescimento tanto de seu reforço quanto de sua utilizabilidade e sua docilidade; foram-lhe

necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torná-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos do Estado, como *instituições* de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVIII como *técnicas* de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em ação em tais processos e os sustentam; [...] (FOUCAULT, 1988, p. 132-133).

As consequências do desenvolvimento do “biopoder” estão relacionadas, primeiramente, à nova dinâmica entre a história e a vida, ou seja, “[...] nesta posição dupla da vida, que a situa fora da história como suas imediações biológicas e, ao mesmo tempo, dentro da historicidade humana, infiltrada por suas técnicas de saber e de poder. Não é necessário insistir, também, sobre a proliferação das tecnologias políticas [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 135), visto que, vão se aplicar a todas as formas de existência, desde a domesticação até a subjetivação dos corpos. Outro fator importante é a força crescente da norma, do “poder normalizador” que se instaura para cumprir uma função reguladora. A norma se aplica tanto à disciplina do corpo como à regularização da população. Na sociedade de normalização há uma articulação entre essas instâncias, é um poder que atua individualizando, ao mesmo tempo em que desenvolve dispositivos de controle totalizantes (CASTRO, 2009).

Tendo em vista o que nos propomos desenvolver nesta pesquisa, por ora, vamos nos deter sobre a biopolítica nos termos como dela se ocupa Foucault nas últimas aulas do curso “Nascimento da biopolítica”. Ressaltamos que a noção de biopolítica foi desenvolvida pelo autor nas obras *Em defesa da sociedade*, *História da sexualidade: a vontade de saber*, e *Segurança, território e população*. No curso “Nascimento da biopolítica”, conforme assinala Duarte (2009), ocorreu o deslocamento da noção de biopolítica como governo da população, para uma noção voltada para pensar as estratégias que são próprias da racionalidade econômica do neoliberalismo. Emergem desta racionalidade novas formas de controle sobre a vida na atualidade. Não se trata, como esclarece Duarte (2009), de negar as noções de biopolítica anteriores, posto que as mesmas se complementam na explicação sobre o governo da vida na atualidade. Sobre essas diferenças, assim escreve André Duarte (2009, p. 47):

Se *Em defesa da sociedade* e no volume I da *História da sexualidade* Foucault considerava a biopolítica a partir da capacidade do poder estatal de agir a fim de incentivar a vida e aniquilar suas partes consideradas perigosas por meio de políticas públicas dirigidas a esse fim, em *Nascimento da biopolítica* ele centra a atenção na caracterização dos sutis processos de governo econômico dos indivíduos e da população, os quais decidem

regurar e submeter sua conduta pelos princípios do autoempreendedorismo, tornando-se, assim, presas voluntárias de processos de individuação e subjetivação controlados flexivelmente pelo mercado.

Para Foucault (2008), a biopolítica contemporânea baseia-se numa racionalidade que reduz a vida ao cálculo utilitário, visando a potencializar a eficiência e a competitividade dos indivíduos no mercado. As relações humanas são pensadas tendo como referência os critérios do empreendedorismo empresarial, em que os indivíduos são submetidos “[...] à regra interna da economia máxima” (FOUCAULT, 2011, p. 460). Foucault identificará no pensamento econômico do neoliberalismo da Escola de Chicago a emergência de uma nova singularidade biopolítica, a qual passará a orientar a economia e a política, estendendo-se para os diferentes domínios da vida social.

Segundo Foucault (2008), essa racionalidade empresarial e econômica passa a influenciar o comportamento dos indivíduos e da população. A ação governamental do Estado vai cedendo espaço a essa racionalidade econômica, por meio do estímulo à concorrência e de competitividade no mercado de trabalho. Isso tem efeitos sobre a subjetividade dos sujeitos e passa a produzir e a gerir novos modos de ser, de pensar e de desejar, regidos por discursos e por práticas vindos da economia e da administração empresarial, os quais envolvem estratégias e ações que visam a condução e a adequação de condutas à lógica da racionalidade neoliberal.

Ao analisar a racionalidade neoliberal, Foucault (2008) deu particular atenção ao neoliberalismo americano, destacando que o mesmo cria um estilo geral de pensamento econômico, o qual tem como elemento central a teoria do capital humano. Essa teoria, formulada por Theodore Schultz (1971), defende a ideia de que os ganhos em produtividade têm relação direta com o investimento em fatores humanos na produção. Conclui o autor que o trabalho humano qualificado pela educação seria fator de aumento da capacidade produtiva do trabalhador, o que resultaria na ampliação dos lucros do capital. Aumentar os lucros na produção já não passaria mais somente pela exploração do tempo de trabalho do trabalhador e pela lei da oferta e da procura, mas passa principalmente pela qualificação humana em suas múltiplas variáveis. Tem-se, então, como analisa Foucault (2008), a emergência de um novo domínio de objetos na análise econômica.

O problema não estaria mais em analisar a lógica histórica dos processos produtivos, mas de orientar o comportamento dos indivíduos na concorrência produtiva no capitalismo atual. Quais são os recursos necessários para que os indivíduos entrem nessa disputa? Essa parece ser a questão central posta pela teoria do capital humano. Por isso, a análise econômica

do trabalho toma como referência a perspectiva daquele que trabalha. Afirma Foucault (2008, p. 307): “[...] será preciso estudar o trabalho como conduta econômica, como conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada, calculada por quem trabalha”. A economia deve se ocupar em estabelecer estratégias que orientem os aspectos qualitativos do trabalho, tendo em vista seus efeitos econômicos. O trabalhador foi transformado em “[...] um sujeito econômico ativo” (FOUCAULT, 2008, p. 308).

Para levar a efeito o papel de “sujeito econômico ativo”, o trabalhador deverá investir, permanentemente, em seu capital humano. A detenção desse capital definirá o valor de cada um no mercado de trabalho. Assim, o salário do trabalhador e sua renda são produtos decorrentes do rendimento de seu capital. O investimento em capital humano, assinala Foucault (2008), resulta de um conjunto de fatores que envolvem aspectos físicos e psicológicos que são determinantes na definição das capacidades de cada um. O trabalhador, nesse caso, é transformado em capital-competência e “[...] aparece como uma espécie de empresa para si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 310). Essa forma de pensar o trabalho e o trabalhador produz uma nova racionalidade que incide sobre a sociedade e sobre a economia, além de definir formas de condução de condutas e de governo dos indivíduos.

Nessa nova forma de condução de condutas, o homem econômico da teoria clássica, compreendido como parceiro nas relações de troca, é transformado em agente econômico, em “[...] um empresário, e empresário de si mesmo [...] sendo ele próprio o seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda” (FOUCAULT, 2008, p. 311). Para que isso ocorra, será necessário valorizar e ampliar suas competências, capacidades e habilidades profissionais, para concorrer no mercado de trabalho. Trata-se de uma multiplicidade de competências requeridas àqueles que queiram se lançar na concorrência, que vão desde a gestão de recursos humanos nas empresas, ao desenvolvimento de competências emocionais que tornem as pessoas adaptadas e produtivas. Assim, a biopolítica neoliberal se constituirá, segundo Foucault (2008), a partir da articulação entre a figura do *homo oeconomicus* e a teoria do capital humano.

O *homo oeconomicus*, como agente econômico, é aquele que aceita racionalmente a realidade e busca responder de forma consciente e sistemática às variáveis do meio, acreditando assim evitar o que há de aleatório nas pressões econômicas. Foucault (2008) caracteriza assim o perfil do *homo oeconomicus*:

[...] esse *homo oeconomicus* aparece justamente como o que é manejável, o que responde sistematicamente a modificações sistemáticas que serão

introduzidas artificialmente no meio. O *homo oeconomicus* é aquele que é eminentemente governável. De parceiro intangível do *laissez-faire*, o *homo oeconomicus* aparece agora como o correlativo de uma governamentalidade que vai agir sobre o meio e modificar sistematicamente as variáveis do meio (p. 369).

O *homo oeconomicus* é, em termos ideais, a extensão da grade econômica a todos os aspectos da existência humana e que, nesse caso, tem uma forte incidência sobre a educação, a qual passa a ser avaliada pelo filtro econômico. Todas as relações formativas ou educacionais, processos de aprendizagem, comportamentos, hábitos e cuidados passam a ser avaliada “[...] em termos de investimento, de custo capital, de benefício psicológico [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 335). Tudo se volta para a formação e transmissão de capital humano.

A lógica que movimenta o *ethos* do *homo oeconomicus*, é a que visa estender o cálculo a tudo o que escapa a ele. Os indivíduos se lançam a fazer cálculos acerca de sua inserção concorrencial no mercado, no entanto, eles exercitam o cálculo sobre o que lhes escapa, sobre o que é incontrolável e indefinido. Essa ideia constitui, na compreensão de Foucault (2008), a mecânica que confere movimento ao *homo oeconomicus*, como sujeito de interesse individual, situado nessa lógica invisível que lhe escapa ao domínio, mas que orienta a racionalidade de suas escolhas, no interior de uma totalidade.

A insistência em localizar o que moveria os indivíduos, no contexto do liberalismo econômico contemporâneo, em sua versão aplicada ao neoliberalismo da escola de Chicago, tem relação direta com o modo como os mesmos devem se portar nesse jogo do mercado. Se eles estão submetidos às variáveis do meio, às indefinições das disputas mercantis e ao que elas têm de incontrolável, e se, além disso, não há nenhum poder que regule com mão forte o mercado, cabe ao indivíduo a responsabilidade de se preparar para a sua sobrevivência no mercado. Por isso mesmo, intensifica-se o cálculo do indivíduo sobre suas ações, tendo em vista alcançar os seus interesses. O que há de indefinido e incontrolável nessas relações deve ser compensado com o investimento calculado que o indivíduo deve fazer sobre si mesmo. Mesmo aquilo que escapa ao cálculo deve estar contido na lógica de um cálculo flexível que possibilita a mobilidade no jogo e a adaptação às novas demandas. É nesse ponto que a teoria do capital humano passa a estruturar o campo de ação dos indivíduos no mercado.

Esse viés da discussão dos novos dispositivos e tecnologias implementados pela biopolítica neoliberal nos permite aproximar do contexto da educação, pensada em seus aspectos mais gerais, e da educação escolar, em seu sentido específico. Esse diagnóstico traçado por Foucault (2008) nos possibilita não só aproximar do contexto da educação escolar, mas ampliar e aguçar a nossa percepção acerca de como incidem sobre a instituição

escolar e sobre as práticas que lá são desenvolvidas, o saber-poder oriundo da racionalidade própria à governamentalidade neoliberal, a qual se baseia num novo modo de condução de condutas constitutivo de novos processos de subjetivação e de assujeitamento dos indivíduos e da população.

É da perspectiva da análise desenvolvida por Foucault, aqui retomada, que buscaremos compreender o papel da coletânea didática, “Empreendedorismo e projeto de vida”, objeto de nosso estudo, em sua relação com os pressupostos que são constitutivos do ideário neoliberal. A educação escolar apresenta-se como espaço de produção de um cálculo sobre um futuro incerto e incontável. Ela é, nesse sentido, um investimento calculado que os indivíduos fazem sobre si mesmos, ou que os pais fazem sobre seus filhos, como uma forma de internalização de um *ethos* flexível e ajustável às demandas e variáveis do meio econômico, jurídico e político.

2.2 A escola moderna

Para se pensar a ideia de poder no Estado Moderno, em uma perspectiva foucaultiana, pode-se basear em duas diferentes racionalidades. Uma delas é o poder pastoral, e a outra, a Razão de Estado. Enquanto a primeira trata das práticas cristãs, voltadas para o “jogo do pastor – individualizador, jogado no indivíduo”, a outra está voltada para “o jogo da cidade – totalizador, jogado na população” (FOUCAULT *apud* VEIGA-NETO, 1999, p. 4).

O papel do poder disciplinar é fundamental para que o poder pastoral se exerça, de tal forma, que funcione como uma técnica para o apagamento da soberania. Segundo Veiga-Neto (1999), “[...] Esse apagamento só é possível porque se dá um duplo deslocamento da disciplinaridade: do âmbito religioso para o âmbito civil e do âmbito do indivíduo para o âmbito da população” (1999, p. 4).

Já para o jogo da cidade, ou melhor, da população, emerge com o surgimento de novos saberes, relacionados à Demografia, à Estatística, à Saúde Pública, e em seguida, à “área psi”, com a Psicologia, a Psiquiatria, a Psicanálise. Todos esses novos saberes foram fundamentais para a boa gestão do Estado.

É exatamente no jogo do Estado que se configura um elemento que faz parte da história moderna do poder: o liberalismo, que se opõe criticamente à Razão de Estado. Sendo assim, na perspectiva de Foucault, o liberalismo seria “[...] mais um refinamento da arte de governar, em que o governo, para ser mais econômico, torna-se mais delicado e sutil, de modo que “para governar mais, é preciso governar menos” (VEIGA-NETO, 1999, p. 5).

Sintetizando a concepção apresentada anteriormente,

Assim, o liberalismo ocupa-se do “governo da sociedade”; uma sociedade formada por sujeitos que são, cada um e ao mesmo tempo, objeto (governado de fora) e parceiro (sujeito auto-governado) do governo. Em outras palavras, um sujeito com deveres e direitos, um sujeito cidadão, um sujeito-parceiro (VEIGA-NETO, 1999, p. 5).

O desenvolvimento do liberalismo¹, em meados do século XX, ocorreu em duas versões: a primeira, pelo liberalismo norte-americano, com a Escola de Economia de Chicago, e a segunda, pelo ordoliberalismo, originário da Alemanha.

O interesse nesta pesquisa está em compreender como a versão do liberalismo norte-americano foi impactante no debate para a racionalização do exercício do governo e como o seu desdobramento, ou melhor, aprimoramento, são fundamentais para analisar a “nova” conjuntura política, econômica e social que se estabelece, o neoliberalismo.

[...] o liberalismo norte-americano mostrou-se muito mais confiante nas próprias forças e na racionalidade do mercado, a ponto de não apenas querer afastar o Estado de qualquer tipo de ingerência sobre a economia, como, logo em seguida, querer que toda a vida social se subordinasse à lógica do mercado (VEIGA-NETO, 1999, p. 5).

Diante desse contexto, as relações que se constituíram, tanto no âmbito econômico como no social, dão margem para se repensar as instituições modernas, como a escola.

O Neoliberalismo pode ser analisado como uma arte de governar mais aprimorada, que visa a constituir um novo *ethos* para os sujeitos. É dessa perspectiva que, a instituição escolar conecta-se com esse conjunto de práticas (sociais) que se estabelece e, mais do que isso, passa a reproduzir essas práticas e valores que perpassam a sociedade. Assim, a escola como instituição disciplinar é conectada à construção da Modernidade. Segundo Veiga-Neto (1999), a produtividade da escola nesse contexto se dá em três níveis: criação, aplicação e difusão de tecnologias.

¹ Segundo Castro (2016), “[...] No curso Naissance de la biopolitique, Foucault analisou o liberalismo como racionalidade política no Ordoliberalismo, o liberalismo alemão de 1848 a 1962, e o neoliberalismo americano da Escola de Chicago. No primeiro caso, tratou-se de uma elaboração do liberalismo americano dentro de um marco institucional e jurídico que oferecesse as garantias e limitações da lei, isto é, que mantivesse a liberdade de mercado, mas sem produzir distorções sociais. No segundo caso, no entanto, encontramos um movimento oposto. O neoliberalismo busca estender a racionalidade do mercado como critério para além do domínio da economia (à família, à natalidade, à delinquência ou à política penal)” (CASTRO, 2016, p. 244).

A escola se constitui com a Modernidade, ela faz parte das transformações históricas, políticas, econômicas, sociais, culturais existentes. Isso nos mostra que a instituição escolar adota práticas e discursos em consonância com o contexto e suas transformações. A escola contemporânea, fruto do pensamento moderno ou dos ideais da modernidade, torna-se uma máquina a favor dos ideais contemporâneos. Desse modo, a escola reforça os modos de subjetivação do sistema neoliberal com a presença dos discursos nos espaços escolares. (VEIGA-NETO, 1999).

Assim, numa perspectiva foucaultiana, algumas questões devem ser pensadas sobre a escola contemporânea. Veiga-Neto (1999) nos lança a pergunta que deve ser feita à escola:

[...] como estão funcionando e como eventualmente estão se modificando, na escola atual, as práticas físicas e morais que conectam o jogo da cidade com o jogo do pastor, mas também quais dessas práticas se atenuaram ou mesmo desapareceram com o neoliberalismo. E mais: examinar quais são as novas práticas que estão surgindo na escola e qual as relações que estão se estabelecendo entre a escola e os novos dispositivos na fabricação das identidades pós-modernas (VEIGA-NETO, 1999, p. 6).

A questão a ser pensada é que foi pela escolarização da população que as práticas pastorais se estenderam a todos, ou seja, a escola moderna estabeleceu o nexo entre poder e saber: o nexo entre a Razão de Estado e o deslocamento das práticas pastorais. Ela fez o nexo entre tecnologias de poder e tecnologias do eu. A escola é a maquinaria que se coloca a serviço do jogo entre o pastor e a população.

A escola moderna se constituiu como uma imensa maquinaria cujos princípios proclamados apontaram cada vez mais para os ideais do Iluminismo; e, ao mesmo tempo, como uma imensa maquinaria cujas práticas estiveram sempre mais ou menos ajustadas ao funcionamento do mundo que estava sendo construído a partir desses ideais. Assim, ao invés de uma contradição, o que existe é uma articulação produtiva entre escola e modernidade (VEIGA-NETO, 1999, p. 7).

Isso nos mostra que a escola moderna, ao tentar alcançar tais ideais, acaba gerando consequências, que são frutos da própria modernidade iluminista, como: a sujeição de corpos e mentes às normas e às regras decorrentes das demandas econômicas e políticas. Tudo isso faz parte do funcionamento da escola moderna e da constituição do sujeito.

No próximo capítulo, o nosso esforço será compreender as transformações advindas da modernidade e suas implicações na contemporaneidade, bem como seguir na tentativa de

estabelecer uma articulação entre os elementos do discurso empreendedor e o discurso capitalista neoliberal e quais as suas nuances.

3 A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E A LÓGICA DA MICROPOLÍTICA NEOLIBERAL

Com o advento da modernidade, mudanças significativas ocorreram no âmbito econômico, político, social, que acabaram refletindo, inclusive, na esfera educacional. Neste capítulo, objetiva-se compreender as implicações dessas mudanças na sociedade contemporânea, buscando-se estabelecer uma articulação entre os elementos do discurso empreendedor e o discurso capitalista neoliberal, bem como saber quais as suas nuances na contemporaneidade.

Wendy Brown (2018), no artigo “Cidadania sacrificial. Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade”, nomeou essa investida da economia sobre a vida, produzida pelo neoliberalismo, de “economização da vida política e social”. A autora afirma que este processo “converte toda pessoa em capital humano – de si mesma, das empresas, e de uma constelação econômica nacional ou pós-nacional [...]” (2018, p. 6). Seguindo os argumentos de Foucault (2008), desenvolvidos no curso “Nascimento da biopolítica”, a filósofa evidencia que todas as escolhas dos indivíduos, quer elas se deem na esfera do consumo, da capacitação para o mercado de trabalho, quer se deem no âmbito da educação, elas se definem na perspectiva de investimentos que cada um faz sobre si mesmo, em que o “si mesmo” é transformado numa empresa individual. Esta constitui a nova maneira pela qual a economia passa a governar a vida, norteando os seus princípios pela racionalidade empresarial. Ocorre, nesse caso, afirma Brown (2018, p. 7), uma reconfiguração do sujeito humano:

A racionalidade neoliberal refaz o sujeito humano como partícula do capital, há uma passagem, da crua abordagem anterior do ser humano como maximizador de interesses, para a formulação do sujeito ao mesmo tempo como membro de uma empresa e como sendo ele mesmo uma empresa.

Todos esses aspectos estão afinados com os elementos que são característicos da teoria do capital humano, que orienta a conduta empreendedora na atualidade. A teoria do capital humano chega ao Brasil no final da década de 1960, com o desenvolvimentismo e ufanismo dos governos militares que queriam transformar o país numa nação desenvolvida e, para isso, era preciso incorporar ao mercado de trabalho e ao consumo grande parte da população brasileira.

O caminho mais eficiente para que isso ocorresse, como já demonstrara o economista americano Theodore Schultz, nos anos de 1950 e 1970, seria o investimento em capital humano via educação. É nesse momento que se privilegia, nos programas de governo, uma educação tecnicista, voltada exclusivamente para atender às demandas do mercado de trabalho. A educação é pensada como um fator econômico para o desenvolvimento do país. O argumento que legitima a tecnificação do ensino, à época, é o de que os países desenvolvidos, particularmente Estados Unidos e Japão, chegaram ao nível de grandes potências mundiais, porque souberam investir em capital humano, por meio de projetos educacionais alinhados à lógica do mercado (ROSA, 2009).

As práticas discursivas e não discursivas que se estabeleceram a partir da década de 1950 estão fortemente ligadas aos ideais da proposta da Escola de Chicago, que passaram a nortear as políticas econômicas e educacionais de muitos países. Dessa forma, é importante ressaltar que essa versão do neoliberalismo introduz a ideia da modelagem do trabalhador e do consumidor. Essa modelagem se dá pelo marketing, pela propaganda, pela indústria cultural e, também, pelo Estado, como nos indica Veiga-Neto (1999).

Vale destacar que o Estado diante dessa nova relação que se estabelece entre economia e sociedade exerce o papel fundamental de “informar” os consumidores, ou seja, “[...] as relações entre os consumidores e as ofertas de bens e serviços devem estar “informadas” também pelo Estado” (VEIGA-NETO, 1999, p. 10). Quando se utiliza o termo “informar”, pretende-se oferecer aos consumidores as melhores condições e escolhas, de forma variada.

No entanto, Veiga-Neto (1999) nos alerta que o Estado não é o horror, como muitas vezes se quer mostrar, nem há a diminuição de seu papel, o que ocorreu foi a inserção (reinscrição) de técnicas e de formas de saberes, competências, expertises manejadas por especialistas que são úteis tanto para a expansão das formas mais avançadas do capitalismo, quanto para o governo do Estado.

A partir daí, o Estado passa a seguir a lógica da empresa, ou seja, o Estado é empresariado, o que facilita o surgimento de novas táticas e de novos dispositivos, como, por exemplo: a nova tática de maximização da liberdade individual tão presente nos discursos que pregam a “total” liberdade de fazer escolhas, como assinala Veiga-Neto (1999).

Aqui, encontramos um elemento importante para pensar a nova lógica neoliberal que se estabelece, em que os discursos produzem a sensação e o pensamento de que os indivíduos são livres para fazer escolhas. Conjugam-se, com a passagem do governo da população, uma outra forma de governo dos sujeitos, centrada na ideia de que o indivíduo é o responsável pelas escolhas econômicas e pelo sucesso que possam delas advir.

Veiga-Neto (1999) nos aponta que não se trata mais do cultivo e da manutenção da ideia de um sujeito (idealizado) nos moldes do Iluminismo, mas de formar o sujeito cliente, dotado de uma capacidade sem precedentes, que é a capacidade de escolher.

[...] E para que cada um possa fazer “livremente” suas escolhas, é preciso que saiba como fazê-las e, para que saiba como fazê-las, é preciso aprender a combinar múltiplos critérios de escolha. Nesse quadro, a capacidade em competir torna-se um elemento da maior importância pois, na medida em que o Estado se empresaria, os jogos de competição que se concentravam nas atividades empresariais estendem-se por toda a parte. Assim, o sujeito ideal do neoliberalismo é aquele que é capaz de participar competindo livremente e que é suficientemente competente para competir melhor fazendo suas próprias escolhas e aquisições (VEIGA-NETO, 1999, p. 11-12).

Sob o jugo do predomínio da racionalidade neoliberal, cada indivíduo se transforma em carrasco e juiz de si mesmo, e atribui a si a responsabilidade de saber responder às várias demandas e interpelações que lhe são feitas. O sujeito é, ao mesmo tempo, alvo de demandas e aquele que deve portar a expertise para respondê-las à altura. Dessa combinação entre sujeição e expertise decorre a ilusão de que cada sujeito é o responsável por suas escolhas, e a sensação de que as mesmas sejam, de fato, escolhas pessoais (VEIGA-NETO, 1999).

Um aspecto a ser discutido é a intrínseca relação entre sujeição e subjetivação. Quando pensamos em algumas práticas disciplinares que ocorrem na escola, fica evidente uma superposição entre sujeição e subjetivação. Essa superposição no contexto escolar pode ser vista por mecanismos que atuam ativando formas de agenciamento, estimulando a ilusão da liberdade de escolha, ao mesmo tempo em que estabelece padrões de qualidade e formas de avaliação de desempenho. Todos esses elementos caracterizam o caráter ambíguo das práticas neoliberais.

Em sua obra *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (2020), Han nos chama atenção para as transformações que estão ocorrendo na “nova” onda do Neoliberalismo, dentre elas, a crise de liberdade. Atualmente, acredita-se que não somos sujeitos acometidos pelas imposições externas, livres de determinadas regras e normas, “[...] mas *projetos* livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. A passagem do sujeito ao projeto é acompanhada pelo sentimento de liberdade” (HAN, 2020, p. 9). Este projeto, por sua vez, se mostra como “[...] *forma mais eficiente de subjetivação e sujeição*” (HAN, 2020, p. 9, grifo do autor). Não se trata mais, de uma coerção externa, mas de uma imposição interna, ou seja, “[...] submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização” (HAN, 2020, p. 9).

O autor nos aponta que a liberdade do poder é tão coercitiva quanto o dever disciplinar, aliás, é até mais, pois a coerção do poder é ilimitada, o que ocasiona uma espécie de antagonismo, justamente, pela liberdade estar relacionada à ideia de um ser livre de coerções, que não se submete à servidão. Em contrapartida, ao contrário, essa liberdade também produz suas próprias coerções, como, por exemplo: as doenças psíquicas. Han (2020) afirma que o sujeito do desempenho nada mais é que um servo absoluto.

O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um *servo absoluto*, na medida em que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo. Nenhum senhor o obriga a trabalhar. O sujeito absolutiza a *vida nua* e trabalha. A vida nua e o trabalho são dois lados de uma mesma moeda: a saúde representa o ideal da vida nua (HAN, 2020, p. 10).

Ainda segundo o raciocínio do autor, o sujeito neoliberal pensado como empreendedor de si mesmo, “[...] é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito” (HAN, 2020, p.11). Essa liberdade precisa ser exercida em conjunto.

Dentro do sistema neoliberal a liberdade desempenha um papel indispensável, pois a liberdade individual é uma característica inerente ao sistema. Segundo Han (2020), o neoliberalismo é um sistema eficiente e inteligente.

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente – diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo. É a exploração da liberdade que produz o maior lucro (HAN, 2020, p. 11-12).

Dessa forma, o empreendedorismo se destaca nessa “nova” ordem econômica, política e social, em que o empreendedor é a figura do sujeito que explora a si mesmo.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um *empreendedor*. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um *trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa*. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classes também se transforma em uma *luta interior consigo mesmo* (HAN, 2020, p. 14).

É a partir desse ponto que devemos seguir a discussão, o papel das práticas escolares na governamentalização da vida em sua relação com o mercado e as políticas de governo.

A ideia aqui é apresentar alguns elementos para se pensar a escolarização e, sobretudo, o papel da escola na e para a lógica neoliberal, partindo de dois pontos: a escola pública, responsável por atender a grande massa, a classe trabalhadora, e a outra, a escola privada, “[...] onde a educação é pensada como uma mercadoria, para “livre” escolha e consumo dos sujeitos-clientes” (VEIGA-NETO, 1999, p. 15).

É dessa perspectiva, segundo Veiga-Neto (1999), que se pode questionar a função disciplinar da escola, e de que forma ela se exerce nos espaços públicos e privados. Em relação à função disciplinar na escola, nota-se uma sutil diferença desse poder nesses espaços. Para Veiga-Neto (1999), existe uma divisão entre o poder disciplinar destinado mais exclusivamente à escola pública, onde estão aqueles que não são alcançados pela sedução ao mercado. Embora, as formas de atuação do mercado ultrapassem essas barreiras das instituições públicas e privadas. Obviamente que os interesses em cada uma dessas instituições sejam diferentes, ou se expressam de formas distintas, mas isso não impede que na escola pública os ideais neoliberais não estejam presentes.

Nas instituições públicas, encontra-se um poder disciplinar que se exerce fortemente com práticas disciplinares tradicionais. Em relação às escolas privadas, essas práticas podem ser percebidas sutilmente. Pode-se observar práticas voltadas para o controle, ou seja, a passagem de uma lógica disciplinar para uma lógica de controle (VEIGA-NETO, 1999). Como nos aponta Veiga-Neto (1999, p. 15), é a partir das tecnologias de sedução ao mercado que a escola privada orienta seus sujeitos-clientes a serem mais “[...] competitivos e competentes em suas escolhas de consumo”.

Além disso, outros elementos administrativos e pedagógicos tornaram-se aliados para fortalecer a tendência do empresariamento da instituição escolar, como: a meritocracia e a formação contínua. Afinal, o objetivo é preparar esses sujeitos para atuar em um mundo competitivo.

Segundo Ball (2013), as políticas advindas e imbricadas com as novas exigências da globalização colaboraram com a articulação cada vez maior do sujeito e da sociedade, visto que, novas mudanças devem ocorrer em que “[...] devemos desistir do passado e oferecer a nós mesmos para sermos reformados, refeitos como sujeitos da globalização e como sujeitos globais [...]” (BALL, 2013, p. 147).

Dessa forma, a presença das tecnologias de poder no contexto escolar e na vida implicam nas políticas de subjetivação. Será desta perspectiva que analisaremos o material didático, visto nesta pesquisa como um dispositivo de saber e de poder, permitindo-nos

articular elementos do discurso do empreendedorismo à lógica neoliberal e sua relação com as práticas escolares.

Para iniciar a discussão e a análise do material didático, e também uma aproximação teórica, é necessário antes de tudo, caracterizar aspectos das ideias que permeiam uma educação empreendedora.

Segundo Dolabela (2003, p. 22), o processo de globalização impulsionou a área do empreendedorismo empresarial, tornando interessante a abertura de espaço para o surgimento “da micro e pequena empresa”. Assim, caracterizando um novo cenário, em que favorece a competitividade global, ao mesmo tempo, em que complementa os interesses das grandes empresas, e consequentemente, gera novos empregos.

O autor salienta que diante da nova dinâmica econômica, política e social, o sistema educacional não se mobilizou para mudar suas bases, a fim de atender as novas demandas.

Nesse quadro, a ação empreendedora, caracterizada desde sempre pela capacidade de gerar novos conhecimentos a partir de uma base da experiência de vida do indivíduo (não só do saber técnico-científico ou know-how), deixa de ser exceção e torna-se uma necessidade para todos. O “tino para negócios”, traduzível como capacidade de identificar oportunidades, perde o status de talento inexplicável, dádiva genética ou dom divino para se tornar uma habilidade essencial a indivíduos e coletividades, tão apreensível quanto qualquer outra competência, mesmo que isso ainda esteja longe de parecer óbvio para boa parte dos meios acadêmicos brasileiros. [...] a relação básica de trabalho se dá através do emprego (oferecido por quem é capaz de identificar oportunidades e disponível para quem preenche os requisitos de habilidades e know-how), a capacidade de identificar oportunidades e a de gerar conhecimentos constituem um novo padrão de pré-requisitos para a inserção no mundo do trabalho (DOLABELA, 2003, p. 22 -23).

Entende-se por “know-how”, o conteúdo visto como oportunidade. Na verdade, a ideia de empreendedorismo empresarial amplia suas formas de atuação, adentrando em outros espaços para implementar uma nova concepção de organização, de gerenciamento e de produtividade, próprias da área da administração empresarial, o que ocasiona um impacto em setores, como por exemplo, da área educacional. Diante disso, o sistema

[...] deve tornar flexíveis os modelos de lidar com os conteúdos e se preparar para um mergulho criativo em algo incerto, não-padronizável, não-passível de ser descrito por um algoritmo, mas absolutamente indispensável para a tarefa de transformar conhecimentos científicos, tecnológicos, políticos, existenciais (em conjunto, sabedoria) em riqueza social. O sistema educacional deverá forçosamente ampliar seu currículo para além de conhecimentos técnicos e científicos, cada vez mais indispensáveis e, ao

mesmo tempo, menos suficientes para a inserção livre do homem no mundo do trabalho (DOLABELA, 2003, p. 24).

A ideia do surgimento do espírito empreendedor apresentada por Dolabela (2003), nos mostra que existe um “mito” em torno do empreendedor, em que este é dotado de um “talento” natural, ofuscando ou neutralizando os aspectos relacionados à formação e ao trabalho a ser desempenhado.

O espírito empreendedor é um potencial de qualquer ser humano e necessita de algumas condições indispensáveis para se materializar e produzir efeitos. Entre essas condições estão, no ambiente macro, democracia, a cooperação e a estrutura de poder tendendo para a forma de rede. Sem tais “aminoácidos”, formadores de capital social, há pouco espaço para o afloramento do espírito empreendedor, que é um dos componentes do capital humano. (DOLABELA, 2003, p. 24-25).

Para que os empreendedores se desenvolvam, deve-se pensar antes nos “[...] investimentos na formação de capital humano e social e na capacitação para construir democracia e cooperação” (DOLABELA, 2003, p. 25), de forma que todos tenham condições de tirar proveito do crescimento econômico.

Na teoria do Capital Humano, o sujeito investe em si, e se coloca à disposição do mercado. Por estas e outras, “[...] a *qualidade* do esforço humano pode ser grandemente ampliada e melhorada e sua produtividade incrementada” (SCHULTZ, 1973, p. 32),

Os trabalhadores transformaram-se em capitalistas, não pela difusão da propriedade das ações da empresa, como o folclore colocaria a questão, mas pela aquisição de conhecimentos e de capacidades que possuem valor econômico. Esse conhecimento e essa capacidade são em grande parte o produto de investimento e, combinados com outros investimentos humanos, são responsáveis predominantemente pela superioridade produtiva dos países tecnicamente avançados (SCHULTZ, 1973, p. 35).

Dessa forma, a educação empreendedora é algo a ser investido, pois é necessário para desenvolver o sujeito empreendedor, dotado de habilidades e de competências, e que precisa atender à demanda de um mercado altamente competitivo e desigual. Sendo assim, o empresariamento de si é uma forma do indivíduo cumprir essas exigências, investindo em seu capital humano, na expectativa de tornar-se um capital raro disponível no mercado (FOUCAULT, 2008).

Schultz (1973) caracteriza assim o capital humano:

A característica distintiva do capital humano é a de que é ele parte do homem. É humano porquanto se acha configurado no homem, e é capital porque é uma fonte de satisfações futuras, ou de futuros rendimentos, ou ambas as coisas. Onde os homens sejam pessoas livres, o capital humano não é um ativo negociável, no sentido de que possa ser vendido. Pode, sem dúvida, ser adquirido, não como um elemento de ativo, que se adquire no mercado, mas por intermédio de um investimento no próprio indivíduo. Segue-se que nenhuma pessoa pode separar-se a si mesma do capital humano que possui. Tem de acompanhar, sempre, o seu capital humano, quer o sirva na produção ou no consumo (SCHULTZ, 1973, p. 35).

É nesse sentido que a educação escolar é pensada como instância importante para a formação e para o investimento em capital humano. Esse aspecto fica evidenciado nas políticas públicas espelhadas nos documentos oficiais que endossam o discurso empreendedor, como se pode notar na obra intitulada: *Educação um tesouro a descobrir*: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1996), de Jacques Delors *et al.* Nessa obra, explora-se os quatro pilares da educação: “*aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser*” (DELORS *et al.*, 1996). O autor do material didático analisado nesta pesquisa, baseia-se nesses pilares do conhecimento, como veremos mais adiante.

De forma geral, os pilares mencionados constituem um elo entre si, porém, no ensino formal, observa-se que é dada maior ênfase aos aspectos *aprender a conhecer e aprender a fazer*. Torna-se claro na discussão apresentada no Relatório da UNESCO a importância dada aos quatro pilares, considerando o desenvolvimento integral do sujeito, a partir de uma nova concepção de sociedade.

Desde o início dos seus trabalhos que os membros da Comissão compreenderam que seria indispensável, para enfrentar os desafios do próximo século, assinalar novos objetivos à educação e, portanto, mudar a ideia que se tem da sua utilidade. Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprenda a ser (DELORS *et al.*, 1996, p. 90).

Pode-se definir, sucintamente, estes pilares da educação da seguinte forma: *aprender a conhecer* – seria a capacidade de desenvolver instrumentos da compreensão; *aprender a fazer* – seria colocar em prática todo o conhecimento adquirido; *aprender a viver juntos* – está relacionada à capacidade de cooperação entre as pessoas, e *aprender a ser* – contempla o

desenvolvimento integral, visando a formação de sujeitos críticos, justos e responsáveis por suas escolhas (DELORS *et al*, 1996).

Tudo isso parece ter produzido mudanças no contexto escolar e nos processos formativos, bem como parece ter assumido, em certa medida, as prerrogativas do mercado no âmbito da escola. Não que a escola e as políticas públicas tenham ficado em outros tempos alheias ao mercado, mas atualmente assumem de forma deliberada, e sem restrições, os discursos do mundo empresarial. Propostas pedagógicas que acenam para a preparação precoce de indivíduos para que estejam à altura das demandas do mercado, certamente, atrai uma classe média preocupada com o sucesso dos filhos num mundo cada vez mais competitivo e instável do ponto de vista da empregabilidade.

Essas mesmas orientações estão em discussão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), contemplam competências e habilidades para lidar com a nova dinâmica da sociedade, em específico, para atender às exigências do mercado de trabalho.

Assim como já foi explicitado anteriormente, a biopolítica consiste em uma racionalidade que busca potencializar a eficiência e a competitividade dos sujeitos. Tão logo, transformar esse sujeito, nos moldes neoliberais, dotado de competências e de habilidades para alcançar o sucesso.

É importante destacar o sentido do adquirir “competências” no sistema neoliberal e sua atuação no campo da escola, conforme o que se espera da nova dinâmica do mercado. De acordo com Gruschka (2020, p. 6), as competências não estão mais relacionadas, somente, aos conteúdos escolares, são mais amplas.

As competências não são, portanto, aquilo de que se necessita para dominar determinados conteúdos escolares, sobretudo no sentido de uma imersão compreensiva. Competências são muito mais amplas do que o saber especializado, que decididamente extrapolam. Em primeiro plano estão as “competências gerais”, independentes de conteúdo, também chamadas “competências não especializadas”: competências sociais como capacidade de trabalhar em grupo, competências metódicas como competência de adquirir informações e capacidade de elaborá-las, mas também “competências de modelação”, como a representação antecipada a respeito de quais informações específicas poderiam ser usadas para a resolução de um pequeno problema: por exemplo, o uso da regra de três no cálculo para o pagamento de alguma coisa. Aqui triunfa o conhecimento instrumental formal sobre o conhecimento material de algo específico. O valor da competência aumenta com a abrangência de sua aplicação relevante e diminui com especificidade. O expert em matéria de História Medieval conta menos do que o expert no uso de uma ferramenta de busca ou no domínio virtuoso de uma apresentação animada no Power-Point. Para expressá-lo de modo simples: quem sabe como pode encontrar qualquer informação – as opções de pizza na pizzeria mais próxima assim como a morte de Alexandre,

o Grande – com seu iPhone na internet para a resolução de um “problema”, é valorizado como competente (GRUSCHKA, 2020, p. 6).

O autor ainda destaca que, a partir dessa nova lógica das competências, ser competente relaciona-se às capacidades e às habilidades que cada indivíduo tem ou adquiriu de executar determinadas tarefas técnicas demandadas pelo mercado de trabalho. Segundo Gruschka (2020, p.11), “Competência é, pois, uma expressão da capacidade técnica e profissional” (GRUSCHKA, 2020, p. 11). Trata-se de um trabalhador que seja competente para exercer alguma/qualquer prática.

Além disso, Gruschka (2020) nos alerta sobre a competência como método:

Com isso se torna visível o abismo entre o bom sentido da competência e a “competência” que aqui se manifesta. Ela é a incompetência que se camufla com método. Ela é “pseudocompetência”. Um assim-se-faz-como-se sem nenhuma formação no assunto com o qual se lida, sem qualquer relação íntima com ele. Um tal que se sai bem na adoção de um método universal. Essa é apenas a adoção de um método universal. Um tal comportamento não se pode designar como semiformação, e semicompetência seria também tão ambíguo como semiformação sempre foi. No entanto, essa “pseudocompetência” é tão inimiga da competência quanto a semiformação da formação (GRUSCHKA, 2020, p. 13).

Chamayou (2020), ao analisar a “micropolítica” neoliberal e seu poder de atuação nos modos atuais de vida, reconhece ser esta uma versão atualizada e mais propícia para discutir-se os efeitos do capitalismo neoliberal, a qual amplia a discussão proposta por Foucault sobre a Biopolítica. Chamayou (2020) apresenta a seguinte definição para a micropolítica:

Retomemos os diferentes pontos dessa definição: 1) A micropolítica é uma arte, uma tecnologia política. 2) Seu objetivo: a privatização. 3) Seu objeto: as escolhas individuais, a serem reorientadas. 4) Seu principal meio: nem a persuasão pelo discurso nem a coerção pela força, mas uma engenharia social que reconfigura as situações de escolha por meio de mecanismos de incitação econômicos. 5) Seu artifício (que poderíamos batizar, em homenagem a Adam Smith, de “a manipulação invisível”): fazer com que microescolhas individuais trabalhem involuntariamente para produzir no varejo uma ordem social que a maioria das pessoas talvez não tivesse escolhido se lhes fosse apresentada no atacado (CHAMAYOU, 2020, p. 370).

Segundo Chamayou (2020), um aspecto importante a ser considerado é a privatização, que seria um projeto de “re-regulamentação”, ou seja, transpor de um modo de regulação a outro. Seria uma forma de reorientar às reivindicações políticas e econômicas. Destaca-se

aqui que “reduzir” o papel do Estado para a iniciativa privada é interessante para amenizar sua crise financeira e de legitimidade.

Um dos procedimentos neoliberais é reduzir a atuação do Estado para abrir a livre concorrência no setor privado. Chamayou cita a liberalização como um procedimento forte, visto que, “[...] são os próprios indivíduos, por meio de suas microescolhas de consumidores, que se tornam os motores da mudança” (CHAMAYOU, 2020, p. 337), os indivíduos e suas escolhas vão moldando a “nova” realidade.

A grande chave da micropolítica é, justamente, por se tratar do “micro”, pois as escolhas partem dos indivíduos de forma progressiva e vão produzindo conjuntamente uma nova realidade. De acordo com Chamayou (2020), “a micropolítica neoliberal pensa no longo prazo e sabe esperar” (CHAMAYOU, 2020, p. 384).

Com esse método, não é necessário persuadir todo mundo a aderir ao projeto global de uma sociedade de mercado a fim de que cada um trabalhe para que ela aconteça. Na realidade, é até crucial jamais formular para as pessoas a questão nessa escala: não se vende essa sociedade por atacado, apenas no varejo. A grande questão de escolha de sociedade é evitada dissolvendo-a em minúsculas questões de uma sociedade de escolha. Nas microescolhas, e é esse o ardil da razão micropolítica, decide-se também, ainda por cima sem saber, outra coisa diferente de seu objeto imediato: as resoluções de cada pessoa contribuem para construir uma sociedade que talvez elas não tivessem escolhido caso fosse apresentada desde o início como o resultado esperado (CHAMAYOU, 2020, p. 378).

Em suma, a micropolítica neoliberal se constitui de algumas táticas, entre elas, as apresentadas anteriormente, em que “[...] visa produzir efeitos sobre a consciência e sobre a ação. Alterar radicalmente a capacidade de pensar e o modo de agir, num nível antropológico” (CHAMAYOU, 2020, p. 387). É importante ressaltar que o público-alvo dessa micropolítica é representada pelas “classes médias”, um ponto a ser destacado, visto que o material didático analisado a seguir, é um dispositivo utilizado por escolas particulares, que atendem, inclusive, a essa clientela.

No próximo capítulo, tomaremos como base para análise os cadernos (material didático) de 1º ao 5º ano elaborados a partir de uma metodologia conhecida como: Metodologia OPEE - Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo. O título da coletânea, conforme já anunciado, é: “Empreendedorismo e Projeto de Vida”, de Leo Fraiman, publicados pela editora FTD.

4 ANALISANDO A COLETÂNEA “EMPREENDEDORISMO E PROJETO DE VIDA”

Ball (2013), em seu artigo intitulado “Aprendizagem ao longo da vida, subjetividade e a sociedade totalmente pedagogizada”, salienta que a aprendizagem ao longo da vida está ocorrendo desde cedo. As famílias, sobretudo, das classes médias, estão preocupadas cada vez mais em desenvolver um projeto de vida para seus filhos, produzir um sujeito educacional que está inserido em uma época de total insegurança e receio do fracasso. Por isso, torna-se fundamental investir tempo, dinheiro e outros elementos na formação cultural, ou melhor, integral desse (projeto) sujeito.

Como já dito antes, o material didático é um dispositivo utilizado pelas escolas, que (re)produz discursos, e conseqüentemente, impulsiona o jogo das relações de saber e poder, possibilitando assim evidenciar suas táticas e estratégias, as quais desdobram-se na produção de modos de subjetivação. Além disso, é um importante instrumento norteador do trabalho docente. Vale lembrar aqui, que se trata de um material de aprendizagem consumido por escolas particulares, em que o público-alvo são as “classes médias”. É a partir desse contexto que se situa a análise do material.

Baseado nisso, fica posto os objetivos deste capítulo, identificar e analisar os elementos encontrados no material acerca do empreendedorismo, quais as implicações do discurso empreendedor na produção da subjetividade dos sujeitos. Serão abordados alguns aspectos, como os eixos temáticos e os pressupostos teóricos encontrados no material didático do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, que foi elaborado a partir de uma metodologia conhecida como: Metodologia OPEE – Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo. O título da coletânea, conforme já anunciado, é: “Empreendedorismo e Projeto de Vida”, de Leo Fraiman, publicados pela editora FTD.

O autor do material didático, Leo Fraiman², é bacharel em Psicologia, psicoterapeuta e mestre em Psicologia Educacional e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). É palestrante internacional. Foi professor da cadeira de Projeto de Vida de 2001 a 2011 na rede particular de ensino do Estado de São Paulo. Publicou mais de 20 obras, dentre as quais está a Coleção Empreendedorismo e Projeto de Vida (FRAIMAN, 2016). Atualmente a Metodologia OPEE é adotada por mais de 1.200 escolas. Recentemente, o autor esteve

² Disponível em: <https://metodologia.opee.com.br/leo-fraiman/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

presente na Conferência da ONU, em Genebra,³ para palestrar sobre o tema do Empreendedorismo e sobre o material aplicado aqui no Brasil, em diversas instituições escolares.

A partir de agora, daremos início à análise dos discursos encontrados no material⁴ citado.

4.1 O discurso empreendedor e sua relação com os saberes

O discurso empreendedor, na educação, mescla diferentes campos dos saberes: Psicologia, Autoajuda e Neurociências. Há uma apropriação simplificada dos saberes, sobretudo daqueles oriundos do campo das ciências Psi e das Neurociências, os quais são apropriados pela literatura de autoajuda, em sua versão empresarial (ROSE, 2013). Ligados a esses saberes há uma indústria de produção de materiais – palestras, vídeos, livros e cursos – destinados àqueles que estão na luta pela sobrevivência no mercado de trabalho ou que sonham em montar o seu próprio negócio. Por trás dessa indústria está a figura do Coach, com sua *expertise*. Segundo Ball (2013), *expertise* essa que pode ser “[...] destacada durante a venda de produtos e serviços educacionais diretamente para os pais e para os aprendizes; materiais de aprendizagem (livros e software), brinquedos e materiais educacionais [...]” (p. 149).

Encontramos, no material estudado, uma abordagem oriunda do campo da Psicologia, que engloba dois elementos: a *vulnerabilidade* e o *empoderamento*. Do ponto de vista da psicologia, são processos mentais pelos quais os indivíduos passam e que determinam e influenciam suas crenças. A *vulnerabilidade* está relacionada a uma percepção negativa e autodestrutiva; o *empoderamento* está voltado para uma percepção positiva e proativa. No material está denominado como: Esquema de Vulnerabilidade Cognitiva ou Esquema de Empoderamento Cognitivo. Aqui, destaca-se o papel do professor e sua forma de se relacionar com a realidade, sobretudo, a escolar.

Uma parte essencial desse trabalho com os alunos consiste em ajudá-los a construir uma visão de si, do mundo e do futuro que lhes traga mais saúde e

³ Disponível em:

<https://www.opee.com.br/category/metodologia/#:~:text=Hoje%2C%20a%20OPEE%20impacta%20300,aprendizado%20ao%20longo%20da%20vida.> ; <https://www.facebook.com/leo.fraiman/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

⁴ Para maiores informações a respeito da organização e dos conteúdos do material didático, direcionar-se aos anexos deste trabalho.

determinação pessoal diante de seus projetos de vida. Esse feito se consegue, em primeiro lugar, com um contexto seguro e acolhedor em que possam debater seus desejos e escolhas. E a escola é um lugar de excelência para tal ação, pois nela eles têm adultos em quem confiar, conhecimentos que os impulsionam a mudar o mundo apostando em novos sonhos e anseios e colegas com os quais podem se unir para fazer de sua vida um projeto de algo que seja maior do que eles mesmos (FRAIMAN, 2016, p. 6).

A partir disso, o autor discute o papel da escola baseado nos estudos de Perrenoud (2013), em seu livro *Desenvolver competências ou ensinar saberes? A escola prepara para a vida*, enfatizando a escola como um espaço que deve preparar o indivíduo para a vida, e não somente para passar de ano e considerando que o aluno, quando aprende com significado, sente uma motivação maior. Além disso, a escola tem a missão de formar cidadãos para a transformação da sociedade, sendo assim, é necessário ampliar o repertório de vida do aluno, motivando-o para um projeto de vida nobre, que consiste em algo que seja bom para o indivíduo e a sociedade a qual pertence.

Assim como já visto anteriormente, ser considerado competente dentro da lógica do sistema neoliberal está relacionado ao fato do sujeito ter ou desenvolver suas capacidades e suas habilidades para executar determinadas tarefas técnicas exigidas pelo mercado de trabalho. Além dessas competências técnicas, alguns estudiosos têm pesquisado sobre as competências cognitivas e emocionais.

Han (2010) salienta que o capitalismo da emoção é resultado de um processo econômico, cujas as emoções são recursos utilizados pelo sistema neoliberal para aumentar a produção e o desempenho dos sujeitos. De acordo com Han, “[...] O capitalismo da emoção faz uso da liberdade. A emoção é celebrada como expressão da subjetividade livre. A técnica neoliberal de poder explora essa subjetividade livre” (HAN, 2010, p. 65).

Não se trata mais, conforme salienta Han (2010), da demanda só por competência cognitiva, mas sobretudo por competência emocional. Na atual conjuntura, pensando no modelo de gerenciamento utilizado nas empresas, as emoções estão se tornando cada vez mais relevantes, visto que “[...] A emoção é dinâmica, situacional e performativa. O capitalismo da emoção explora exatamente essas características” (HAN, 2010, p. 61). Assim continua Han (2010, p. 68):

As emoções são performativas no sentido de que evocam certas ações: como *tendência*, representam a base energética ou mesmo sensível da ação. As emoções são controladas pelo sistema límbico, no qual também se assentam os impulsos. Eles formam o nível pré-reflexivo, semiconsciente e corporalmente impulsivo da ação, do qual frequentemente não se tem

consciência de forma expressa. A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção *para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo*. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo.

Além das competências emocionais, Illouz (2011) salienta que existe uma “competência comunicativa”, dado que a comunicação é uma ferramenta fundamental dentro do modelo da identidade empresarial. Illouz (2011) assim se refere ao papel da comunicação na construção de relações de afeto entre os indivíduos:

O modelo linguístico da comunicação é uma ferramenta e repertório cultural usado como um modo de ajudar a coordenar os agentes *entre e dentro* deles mesmos, ou seja, de coordenar relações entre pessoas tidas como iguais e dotadas dos mesmos direitos, e coordenar o complexo aparelho cognitivo e afetivo necessário para fazê-lo. “Comunicação”, portanto, é uma tecnologia de manejo do eu que se apoia largamente na linguagem e na administração adequada dos sentimentos, mas com o objetivo de instaurar uma coordenação inter e intra-afetiva (ILLOUZ, 2011, p. 31).

A partir disso, entende-se que para desenvolver determinadas habilidades, como por exemplo: empatia, o sujeito precisa ter controle sobre si, e automaticamente, controlar seus impulsos sobre os outros. Segundo Illouz (2011), “[...] ser um bom comunicador significa ser capaz de interpretar a conduta e os sentimentos dos outros” (ILLOUZ, 2011, p. 33).

Portanto, a comunicação se utiliza de normas e técnicas de “reconhecimento social”, ou seja, “[...] é um repertório cultural que pretende fomentar a cooperação, prevenir ou resolver conflitos e respaldar o sentimento de individualidade e identidade” (ILLOUZ, 2011, p. 35). Para Illouz (2011) a comunicação tornou-se um atributo afetivo e utilizado em resposta às incertezas e conflitos contemporâneos, de modo a colaborar “[...] com os outros através da capacidade de instilar coordenação e reconhecimento” (ILLOUZ, 2011, p. 37).

Enquanto Foucault (2008) apresenta o conceito de *homo oeconomicus*, como um sujeito do neoliberalismo conduzido por interesses, Illouz (2011) ressalta a ascensão da figura do *Homo sentimental*, que faz parte do capitalismo afetivo. De acordo com ela, “[...] o capitalismo afetivo realinhou as culturas dos sentimentos, tornando emocional o eu econômico e fazendo os afetos se atrelarem mais estreitamente à ação instrumental” (p. 38).

Outro aspecto que merece destaque, nas orientações dadas por Fraiman sobre o material didático por ele elaborado, é ênfase dada, a partir da psicologia cognitiva, ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Segundo Fraiman (2016, p. 8),

A Psicologia Cognitiva acredita em influências, mas não na determinação total do ambiente sobre o sujeito, e a história do mundo mostra inúmeros exemplos de resiliência e superação para justificar tal posição. O jovem será o que fizer de si diante dos recursos (internos e externos) que tem e dos que vai construir por meio de suas competências comportamentais e cognitivas, que organizarão sua atitude geral diante da vida, seja pessoal ou profissional.

Reforça-se, mais uma vez, a ideia do aluno e o estímulo necessário para seu desenvolvimento pessoal. “De acordo com a perspectiva cognitiva, cabe a nós a possibilidade e a responsabilidade de compreender e reconstruir os significados de nossas experiências, tornando-nos protagonistas de nossas escolhas” (FRAIMAN, 2016, p. 9). Novamente, se enfatiza o papel do professor e sua missão, ou até mesmo, sua função de colaborar e de orientar na construção de um projeto de vida com responsabilidade e consciência. Repete-se aqui argumentos óbvios ressaltando que a escola não deve ser encarada, apenas, como um espaço de escolarização, ou que prepara os alunos para as avaliações e vestibulares, mas os professores devem estar lá porque têm o sonho “[...] de construir um mundo melhor, um mundo com gente mais educada, mais dedicada e delicada, gente que trate o mundo com gentileza” (FRAIMAN, 2016, p. 9).

Ball (2013) identifica nesses discursos voltados para a promoção de projetos de vida centrados nas emoções e em determinados tipos de afetos ligados à ideia de “pedagogização da vida”, ou seja, o sujeito está imerso em uma sociedade, na qual a aprendizagem é pensada como um processo sem fim, inacabado e que perdura ao longo da vida. Trata-se da ALV – “Aprendizagem ao longo da vida”, assim denominada pelo autor, que consiste em uma microtecnologia de poder que estimula o sujeito a desenvolver ativamente suas capacidades, instigando o seu “eu empreendedor”. Neste caso, o “sujeito educável” é formado por suas escolhas e atitudes.

O aprendiz ao longo da vida também faz sentido quando o novo eu aprendente, adaptável e flexível é realocado em um mundo social pós-tradicional, fraturado pelas restrições de classe e comunidade, para tornar-se um projeto a ser realizado por si mesmo. E isso é muito atrativo. O novo eu aprendente/empreendedor é um conjunto de possibilidades e oportunidades não realizadas; no lugar da tradição, há mérito. Sucesso ou fracasso é uma questão de ser empreendedor ou não, de ter talento ou não; isso não é mais uma questão de quem você é, mas do que você pode se tornar (BALL, 2013, p. 147).

Assim, a educação e o papel que os professores cumprem nesse contexto devem estar voltados para a formação de indivíduos proativos diante da vida e das atividades profissionais

que futuramente irão exercer. Ser proativo, nesse caso, pode significar, no contexto atual de trabalho precarizado, uma espécie de apelo para que cada um aprenda a transformar as mazelas e as dificuldades inerentes à desregulamentação das relações trabalhistas, ao desemprego e à competitividade promovidas pelo neoliberalismo, em ocasião para novos aprendizados, para ações educativas transformadoras. Nesse sentido, podemos dizer que a educação, nos termos do empreendedorismo, seria a arte de ensinar crianças e jovens a sempre “caírem de pé”. Cada situação nova que se apresenta deve ser analisada como a possibilidade de novos ganhos.

Ampliando a discussão da Psicologia Cognitiva, Fraiman (2016, p. 9) apresenta os esquemas mentais e a importância do seu funcionamento, pois todo indivíduo é dotado de esquemas que regem suas emoções e comportamentos. São os conceitos formados a respeito de si e do mundo.

O cérebro é todo interligado pelo conectoma, uma complexa rede de conexões que interligam toda a mente, de forma a integrar as diversas áreas do cérebro, proporcionando mais agilidade na tomada de decisões, com mais velocidade no processamento dos dados. Esse funcionamento todo integrado permite que certas áreas do cérebro lesionadas sejam, eventualmente, compensadas por outras que estejam preservadas. Os esquemas globais interligados têm, assim, a finalidade de manter um senso de pertencimento, previsibilidade e segurança, motivo pelo qual existe a resistência à mudança. Os esquemas são responsáveis pelos significados atribuídos aos eventos e constituem a base para a decodificação e a avaliação das experiências ao longo da vida de uma pessoa. São compostos fundamentalmente de crenças básicas, inflexíveis, repetitivas automáticas e incondicionais (FRAIMAN, 2016, p. 9).

Segundo Fraiman (2016, p. 9-10), entende-se por *segurança*, *pertencimento* e *previsibilidade* na perspectiva da educação, por exemplo, quando transmitimos *segurança* ao aluno para partir dele os conceitos e o que quer aprender, a visão oposta de aluno passivo. Já o *pertencimento* ocorre em um ambiente acolhedor em sala de aula. E, por último, a *previsibilidade* é proporcionar possibilidade ao cérebro de antecipar algo que pode acontecer. “[...] E esse processo se dá pelo que aconteceu no passado. Assim, é natural que o cérebro do professor tenda a ver o aluno que se comportou mal como um mau aluno hoje. Mas precisamos ter a transcendência e o olhar adulto para ver que podemos fazer algo para esse aluno ser melhor hoje [...]” (FRAIMAN, 2016, p. 10).

Assim como os campos da Psicologia e da Autoajuda, a Neurociência, ou pelo menos aspectos decorrentes da popularização dos discursos neuro, também se destaca, ainda que tangencialmente, nas orientações de Fraiman (2016). O cérebro assume uma função social,

isso nos remete às análises de Ehrenberg (2010), segundo as quais o conhecimento do cérebro se tornou um alvo e ganhou uma valorização social. Vivemos em uma sociedade em que o sujeito cerebral se constitui como uma figura biossocial e antropológica, conferindo ao cérebro “[...] um lugar privilegiado na representação da individualidade e subjetividade em termos corporais” (ORTEGA; VIDAL, 2007, p. 258), ou seja, as crenças e os comportamentos dos indivíduos passam a ser pensados e analisados como decorrentes de atividades cerebrais passíveis de serem promovidas por técnicas de treinamento cerebral, como aquelas recomendadas pela literatura de autoajuda cerebral ou via medicamentos que potencializam a produção ou o controle de substâncias cerebrais que estimulam determinados comportamentos em detrimento de outros. O cérebro adquire o status de um agente, uma espécie de sujeito cerebral, que “[...] incorpora a ideia de que o ser humano é essencialmente reduzível a seu cérebro” (ORTEGA; VIDAL, 2007, p. 257).

Vejamos um exemplo apresentado no material didático para elucidar um sistema de crenças que está baseado na reorientação de determinados comportamentos.

Figura 1 – Sistema de crenças

Sistema de crenças	“Não gostam de mim”.
Comportamento	Retraimento, afastamento do grupo.
Percepção do indivíduo sobre os fatos	“Não adianta tentar me aproximar, pois não vão me aceitar”.
Percepção do indivíduo sobre si	“Sou inadequado”.
Sobre as consequências de seus atos	“Se eu me agredir (ou aos demais), tanto faz mesmo...”.

Fonte: Manual do Professor, p. 10.

Agora, outro exemplo apresentado pelo material, mas com uma nova crença, ou seja, com um trabalho “sistemático” de acolhimento, envolvimento e amor, uma nova percepção do aluno sobre si, podendo os fatos impulsionarem uma nova e melhor postura.

Figura 2 – Reorientação do sistema de crenças

Novo sistema de crenças	“Se eu mudar de atitude, posso melhorar a minha relação com os demais”.
Novo comportamento	Aproximação do grupo.
Nova percepção do indivíduo sobre os fatos	“Pode haver um jeito de me aproximar, de alguma forma poderão me aceitar”.
Nova percepção do indivíduo sobre si	“Tenho meu valor”.
Sobre as consequências de seus atos	“Posso ser notado e querido pelos outros, pela pessoa que sou e pelas coisas boas que faço”.

Fonte: Manual do Professor, p. 10.

Para que esse novo sistema de crenças se estabeleça, é essencial que a escola seja afetiva, de forma que contribua para a construção de crenças saudáveis, racionais e eficazes. Desse modo,

O comportamento dos alunos será construído de acordo com o que eles acreditam. E, sem uma escola afetiva, eles dificilmente terão apreço por si mesmos. Se os alunos não sentirem isso, não haverá aula que seja verdadeiramente aprendida, pois o cérebro não entende que aprender é algo que vale alguma coisa para a vida [...] (FRAIMAN, 2016, p. 11).

Nessa direção, o cérebro assume aqui um protagonismo que o iguala ao sujeito aprendiz. O cérebro funciona de forma automática, instintiva, involuntária. Há, como já salientamos anteriormente, uma ênfase sobre as emoções, as quais são muitas vezes desconsideradas pela escola. “Em muitos casos, a expressão das emoções é vista pelas escolas atuais como problema. O riso, a espontaneidade, a raiva, a tristeza, tudo isso é, geralmente, banido da sala de aula como se fosse perturbar a qualidade do aprendizado” (FRAIMAN, 2016, p. 13). Além disso, considera o autor que, do ponto de vista dos modelos teóricos e metodológicos que norteiam as práticas escolares, a organização e funcionamento da escola está assentado em relações de poder inspiradas na ideia de obediência, muito identificada com a linha de produção fabril. Nesse modelo, espera-se dos alunos comportamentos fixos condicionado pelas regras. Na realidade, o que está sendo alvo da crítica do autor é o modelo educacional centrado no modelo disciplinar e normativo, o qual negligencia o protagonismo do aluno.

De acordo com Fraiman (2016, p. 14),

O aluno repetidor de dados não se motiva e, pior, está fora da realidade do mercado de trabalho, que demanda pessoas pensantes, reflexivas, que

inovem a realidade com criatividade, alegria e mobilidade. Veja um exemplo: as provas são aplicadas e, em raros casos, os alunos são orientados sobre como fazer uma autoavaliação. Isso vai esvaziando o juízo de si mesmos e, com isso, o autoconhecimento perde espaço. A autocrítica cede lugar para a crítica externa, do outro. [...] Se quisermos ser professores/mediadores realmente eficazes, não podemos negligenciar o fato de que todas as decisões humanas são, em última instância, atos emocionais. Nossas emoções são sinais internos que direcionam (e são direcionados por) nossas atitudes, pensamentos e comportamentos.

Não há dúvidas quanto a dificuldade da escola em lidar com os aspectos que envolvem as emoções e os afetos, no entanto os argumentos do autor são construídos e direcionados para justificar a necessidade de formar indivíduos proativos, criativos, reflexivos, inovadores, e que saibam se mover no mundo com alegria, na perspectiva do que se espera ser um indivíduo que se defina empreendedor. Todo o investimento didático-pedagógico deve-se voltar para a promoção do protagonismo e da proatividade do indivíduo. O professor deixa de ser aquele que ensina um conteúdo e passa a ser redefinido o mediador que deve encontrar a melhor forma de lidar com as disposições dos alunos e suas emoções nos processos de ensino-aprendizagem. O professor se transforma num mediador de experiências e promotor da autoestima dos alunos.

Diante disso, fica evidente a importância do papel do professor na educação empreendedora e, mais ainda, de sua capacidade de atuar e de refletir mediante às circunstâncias apresentadas no contexto escolar.

4.2 A concepção de empreendedorismo presente nos cadernos

A ideia de Empreendedorismo empregada por Fraiman (2016) apoia-se em dois autores: Fillion (1999) e Dolabela (1999), que estão entre as principais referências teóricas sobre as quais articulam a discussão do empreendedorismo e a sua relação com a educação. Verificamos que algumas palavras-chave fazem parte do discurso empreendedor, pois os referidos autores consideram que empreender está relacionado à capacidade de identificar *oportunidades*, ter um olhar *inovador*, ter uma atitude *proativa* e exercer a *criatividade*. Para Fraiman (2016), não adianta ser um idealista, o indivíduo precisa ser responsável pelo seu destino.

Esse é o espírito que enseja toda esta coleção, ou seja, construir com o aluno a percepção de que seus sonhos podem ser alcançados por meio de suas próprias atitudes, e mais, de que elas se relacionam sobremaneira com as

ações de seus pares. A escola é um meio bastante oportuno para essa ação, pois nela se dá boa parte do convívio dos alunos e se promovem novos saberes sobre a vida e o viver (FRAIMAN, 2016, p. 15).

Nesse sentido, a coleção em questão pretende contribuir na “formação do espírito e atitude empreendedora do indivíduo”. Esse espírito pode ser entendido como a conexão do indivíduo consigo mesmo e com o mundo, e que resultam em atitudes que favoreçam seu protagonismo atitudinal, “[...] na criação de seus projetos de vida e para a vida” (FRAIMAN, 2016, p. 16).

Fraiman (2016) elaborou este material baseado nos pressupostos teóricos da Pedagogia Empreendedora. Segundo Dolabela (2003), o empreendedorismo deve ser encarado como “uma forma de ser”. Essa visão empreendedora alargaria as possibilidades de atuação dos sujeitos, visto que o empreendedorismo está relacionado à ideia de protagonismo, que deve ser incorporada pelo sujeito. Essa amplitude da visão empreendedora extrapola limites e passa a não “[...] vincular o espírito empreendedor exclusivamente às atividades de criação de empresas ou de geração de auto-emprego” (DOLABELA, 2003, p. 36), mas abrir a possibilidade de trilhar outros caminhos, em que o potencial humano seja desenvolvido ao máximo e de diferentes formas. Assim, a Pedagogia Empreendedora tem como perspectiva criar nos indivíduos disposições e atitudes amplas que os possibilitem agir num mundo marcado por incertezas. A Pedagogia Empreendedora, afirma Dolabela (2003):

[...] desvincula o conceito de empreendedor de uma atividade específica e o relaciona a uma forma de ser – algo ligado a estilo de vida, visão de mundo, protagonismo, inovação, capacidade de produzir mudanças em si mesmo e no meio ambiente, meios e formas de buscar a auto-realização, incluindo padrões de reação diante de ambiguidades e incertezas (DOLABELA, 2003, p. 37).

O autor salienta que o estudo de outras teorias educacionais contribuiu com o desenvolvimento da metodologia do material, permitindo uma interface entre diversas teorias. Destacaremos algumas teorias citadas por ele: a pedagogia libertadora, de Paulo Freire⁵, enfatizando a relação entre professor-aluno e vice-versa, pois “[...] Juntos, abraçando a mesma

⁵ A referência a Paulo Freire no material didático, assim como a referência a outros autores, funciona como recurso argumentativo que busca conferir confiabilidade ao material, fortalecendo o discurso empreendedor. No entanto, referir-se à pedagogia libertadora de Paulo Freire, em seu sentido amplo, para tratar de causas transformadoras no contexto da educação empreendedora, é aliar o autor a um propósito estranho à sua teoria. Isso revela o ecletismo teórico presente no material, o qual dificulta o trabalho de análise do mesmo. Os enunciados acerca do empreendedorismo estão diluídos no corpo do material, embora em certos momentos ele apareça de forma mais explícita.

causa transformadora, a aliança aluno-professor pode transformar a comunidade por meio de projetos empreendedores” (FRAIMAN, 2016, p. 16).

A importância da problematização por meio do diálogo, essa é a ponte para a conscientização e, conseqüentemente, o expandir do pensamento crítico acerca da realidade. “[...] A conscientização se completa na ação social e política na “práxis social” de busca de libertação, de todos os seres humanos, da opressão” (FRAIMAN, 2016, p. 16). Aqui, reside o aspecto retórico do argumento do autor.

Baseia-se na obra *Identidade* (2005), do sociólogo Zygmunt Bauman, e aponta que um dos desafios da contemporaneidade é a construção de uma identidade permeada por outras identidades e papéis sem perder a compreensão do eu, de suas referências e de seus desejos. Diante disso, devemos pensar uma educação para crianças e adolescentes direcionada para o autoconhecimento e para o protagonismo, para que não se perca na “anomia” do mundo contemporâneo, que traz consigo novas verdades, referências e desejos.

Como foi observado antes, existe uma lógica acerca do discurso empreendedor, que parte da premissa que um projeto de vida deve ser constituído a longo prazo, em que as habilidades e as potencialidades devem ser desenvolvidas ao máximo. Esse é um ideário compartilhado pelas famílias que esperam uma formação integral de seus filhos, e que esse processo se dá, inclusive, via a instituição escolar. Ball (2013) ressalta que essa constituição do sujeito se dá pela capacidade de fazer escolhas. Pensando em um projeto de vida que se inicia desde cedo, e que ocorre de diferentes formas, como aqui representado por um dispositivo, no caso o material didático, fica evidente como a preparação da criança se torna fundamental, a fim de torná-la um sujeito autodesenvolvido.

Esse é um tipo particular de individualismo, e um tipo particular de liberdade, relacionado com a especificidade e com a particularidade da criança e com ideia de que a criança deva ser capaz de perceber suas capacidades ou seu potencial inatos, tornando-se um sujeito autodesenvolvido, uma pessoa de valor categórico. Oportunidades são proporcionadas, escolhas são feitas, um estilo e uma orientação da ação voltada para o mundo social são instaurados. A responsabilidade por si mesmo é trabalhada e estabelecida (BALL, 2013, p. 149).

Sintetizando as ideias apresentadas anteriormente, fica evidente no material que o foco do trabalho está direcionado para o desenvolvimento de processos de subjetivação identificados com o *ethos* neoliberal. Toda a discussão em torno do empreendedorismo no contexto atual, vincula-se às demandas que são próprias da economia neoliberal, a qual se fundamenta na ideia básica de que a atitude empreendedora é condição para que cada

indivíduo se ajuste à racionalidade do próprio mercado. Ajustar-se a esta racionalidade significa, dentre outras coisas, tornar-se empresário de si mesmo, tendo como referência o mercado como processo formador do sujeito econômico. A questão que se coloca de imediato nesse processo refere-se a que tipo de conhecimento é necessário para vencer os outros num contexto marcado pela competitividade. Trata-se, antes, de aprender e de compreender como o sujeito deve agir numa situação de mercado que é incerta, mas que o espírito empreendedor, por sua aptidão, saberia calcular melhor quais ações tomar em função da maximização dos lucros. (DARDOT; LAVAL, 2016).

4.3 Eixos temáticos presentes na coletânea

Na sequência, apresentamos os eixos norteadores presentes na coleção, os quais serão objeto de nossa análise nesta dissertação. Identificamos três temas que permeiam a proposta do autor. Podemos identificá-los como *eixos temáticos*, assim enunciados: *Autoconhecimento e inteligência emocional*; *Escolhas profissionais e empregabilidade*; e *Educação Financeira*.

O primeiro eixo, *Autoconhecimento e inteligência emocional*, destina-se a motivar o aluno a lidar com seus próprios sentimentos e, conseqüentemente, saber se relacionar com o mundo. Para o autor (2016), ter inteligência emocional não significa estar no controle, mas se conhecer o suficiente para fazer boas escolhas, de forma a contribuir para uma convivência *sadia e produtiva* entre as diferentes pessoas e ambientes. Outro aspecto destacado é o *otimismo realista*, ou seja, que apesar dos dias difíceis, “[...] é possível ter algum grau de escolha sobre o modo como se interpreta a realidade e, assim, construir aprendizados a partir das adversidades e enxergar oportunidades de desenvolvimento, escondidas em muitos dos problemas cotidianos” (FRAIMAN, 2016, p. 17). Essa seria a base para uma “vida feliz e realizada”, pois um indivíduo com escolhas conscientes, reconhece que toda escolha envolve perdas e ganhos. Para Fraiman (2016), na escolha profissional, por exemplo, alguns aspectos devem ser considerados, tais como: “valores, crenças (pessoais, familiares, sociais), significados, preferências, habilidades e competências (atuais e a serem desenvolvidas), bem como refletir sobre todo um estilo de vida” (FRAIMAN, 2016, p. 17).

Um dos pontos principais do trabalho a ser desenvolvido a partir da coleção no contexto escolar, é o fortalecimento dos *valores* dos alunos, os quais o autor associa a uma “bússola moral” que orienta a vida, orientando “[...] a direção a seguir, de que e de quem devemos nos aproximar ou nos afastar” (FRAIMAN, 2016, p. 17). O desenvolvimento dos

valores na vida de uma pessoa é fundamental para identificar o que lhe importa, e a forma como lidar com as adversidades e situações que a desafie.

Para o autor, “aspectos como a valorização da vida e a preocupação com o futuro permeiam as propostas desta metodologia, que engloba *atividades transversais com valores*” (FRAIMAN, 2016, p. 18). Estas atividades estão voltadas para reflexões de modo a estimular o aluno a fortalecer seus valores no dia a dia.

Já no segundo eixo, *Escolhas profissionais e empregabilidade*, pode-se observar que são dois temas que, apesar de estarem associados no material estudado, apresentam perspectivas diferentes. Na temática da *escolha profissional*, incentiva-se expandir o repertório do aluno, com informações oriundas de “diversificadas e confiáveis” fontes. De forma a contribuir para a formação de uma “mentalidade aberta e criativa”, sem correr o risco de distorcer significados da realidade. Sobre a importância e os eventuais efeitos de se trabalhar esta temática na escola afirma Fraiman (2016, p. 18):

aumentam-se as chances de o aluno se tornar um adulto consciente, sadio e produtivo, e não uma pessoa “adulterada”, que não se reconhece em suas escolhas e, por isso, sofre e faz sofrer. Profissionais que não são felizes em seu trabalho têm muito menos chances de oferecer um trabalho satisfatório aos demais.

Para Fraiman (2016), a “sondagem de interesses, habilidades e competências profissionais” deve ser realizada constantemente, todos os anos, assim como o estudo das demais disciplinas.

Uma visão de interdependência das relações profissionais perpassa todo o trabalho, levando à formação de uma ideia de respeito mútuo, cooperação e bem comum. Isso se respalda com os estudos sobre o mercado de trabalho atual, com a nova economia colaborativa, o efeito das Tecnologias de Comunicação e Informação e uma série de estudos de futurologia, que apontam para intensas transformações no meio como vivemos e trabalhamos, ou seja, uma nova ordem social que demanda um ser humano flexível, socialmente engajado, comunicativo, consciente de si e dos outros, pluriapto, criativo, autorresponsável, de caráter elevado e inovador. Uma pessoa consciente de si, capaz e disposta a aprender continuamente e madura em termos financeiros, está mais preparada para entrar e se desenvolver no complexo e exigente mercado de trabalho da atualidade (FRAIMAN, 2016, p. 18).

A temática de *empregabilidade* apoia-se na ideia de que para se garantir no mercado de trabalho não basta apenas o domínio de “técnicas”, mas o desenvolvimento de “valores,

caráter, foco e desejo de compartilhar, de fazer a diferença”, ou seja, “alcança uma maior empregabilidade quem se conhece melhor” (FRAIMAN, 2016, p. 18-19).

No terceiro eixo, *Educação financeira*, ressalta o autor:

Não basta refletir sobre os projetos de vida se, aliado a essa reflexão, não oportunizarmos os meios para a prosperidade sustentada. Saber utilizar bem todos os recursos, sejam eles financeiros, sociais, relativos ao meio ambiente [...], é a mola propulsora para nosso enfoque integrativo de educação financeira (FRAIMAN, 2016, p. 19).

É importante que o aluno reconheça que o fator “ter” faz parte da vida das pessoas, mas não deve determinar o “ser”, de quem se é.

Muito mais do que apresentar “técnicas” para se relacionar com o dinheiro, o intuito do material é refletir sobre fatores, como: desejos, valores, metas, desenvolver autocontrole, visando contribuir para uma vida “feliz e sustentada”, e que previna um “consumismo desenfreado”.

Por fim, após a apresentação dos pressupostos teóricos do material didático, fica evidente a “nova” concepção de mercado, bem como o que se espera do sujeito para atender todas essas demandas. Percebe-se uma relação entre um sujeito produtivo e o fortalecimento de suas emoções. Dito de outro modo, para um profissional ser produtivo, precisa estar emocionalmente preparado.

4.4. Empreendedorismo, conhecimento de si e modos de sujeição

Primeiramente, nada mais sugestivo do que iniciar destacando o título do material: “*Empreendedorismo e Projeto de Vida*”, pois, como o próprio autor enfatiza, a proposta da coleção “é desenvolver uma atitude empreendedora e elaborar um projeto de vida” (FRAIMAN, 2016, p. 21). O objetivo da coletânea está assim definido: “[...] ampliar o conhecimento do indivíduo sobre si mesmo, base para poder elevar-se à condição de protagonista, livre e acolhedor autêntico nas mais diversas esferas de sua vida” (FRAIMAN, 2016, p. 17).

O objetivo desta pesquisa é evidenciar os elementos encontrados nos materiais, que expressam aspectos dos discursos e práticas empreendedoras. Diante da análise da estrutura

do material apresentado, pode-se notar que o *Empreendedorismo* é tema central no *módulo 2*⁶ de cada livro.

Algumas questões abordadas no material estudado merecem destaque na discussão presente, como, por exemplo: “Por que ensinar Empreendedorismo?”. Essa questão lançada, logo no início, no manual do professor, já apresenta alguns elementos importantes para o debate. Primeiramente, as competências e as habilidades do sujeito “podem e devem” ser desenvolvidas ao longo de sua trajetória de vida. Além disso, uma educação democrática pretende “formar cidadãos, autônomos, responsáveis, solidários, participativos e inovadores [...]” e deve estar de acordo com os “princípios da mentalidade empreendedora” (FRAIMAN, 2016, p. 2).

O sujeito empreendedor deve encarar os problemas como oportunidades (de inovação). Assim, o sujeito pode desenvolver uma “atitude empreendedora”, que pode beneficiar tanto a si mesmo, pensando em seu protagonismo, quanto a sociedade, por meio de uma transformação social, ocasionada por um projeto de vida, que, espera o autor, seja grandioso. Nessa direção, de acordo com Fraiman (2016, p. 3),

Os projetos de vida se referem àquilo que ecoa do indivíduo para sua vida e seu meio. É a partir da percepção de quem o indivíduo é, de qual seu papel nos círculos sociais de pertencimento e de um filtro consciente sobre as marcas e mesclas sócio-históricas vividas que se constroem o viver e o futuro (FRAIMAN, 2016, p. 3).

Ainda para Fraiman (2016), quem empreende ou se torna um empreendedor desenvolve competências e habilidades que lhe confere maior chance de ser feliz, pois esses indivíduos saberão assumir protagonismo diante dos desafios que a vida lhes oferece. Há neste argumento o pressuposto de que a pessoa talhada pela perspectiva empreendedora se insere mais facilmente na vida social.

A teoria da Pedagogia Empreendedora, formulada por Dolabela (2003), mostra-se alinhada ao discurso do capital humano, considerando o espírito empreendedor como o elemento principal que propulsiona a aquisição de capital humano, matéria essencial para o desenvolvimento e o crescimento econômico do indivíduo e de uma nação.

Por que esse discurso atrai tanto a população brasileira, ou melhor, determinadas camadas sociais, como as classes médias?

⁶ Vide anexos.

Para Dolabela (2003), no Brasil, o empreendedorismo é visto como a mola propulsora no combate às desigualdades, sejam elas sociais ou econômicas. Ao se filiar a essa ideia de que o empreendedorismo constitui a saída para as mazelas do capitalismo, a Pedagogia Empreendedora articula, no interior de seus discursos elementos, como: ética, desenvolvimento, cidadania, cooperação, entre outros.

Por se autodefinir como uma pedagogia voltada para o desenvolvimento, a presente estratégia pedagógica assume o princípio ético que vincula os resultados do sonho individual à geração de valores humanos e sociais (e não só econômicos) para a comunidade. Em outras palavras, o empreendedorismo que nos interessa é aquele capaz de gerar e distribuir renda, conhecimento, poder e riqueza. Assim sendo, o sonho deve subjugar-se à ética, promover a cidadania, a cooperação, a democracia, a humanidade, enfim. A melhoria das condições de vida da comunidade deve ser alvo dos resultados do sonho individual (DOLABELA, 2003, p. 102).

No campo do debate educacional, os enunciados voltaram-se para a formação de sujeitos com habilidades e competências em consonância com o espírito e com atitudes subentendidas como empreendedoras. Subentendidas porque, nos anos de 1990, as noções de competências e de habilidades não assumiam de maneira tão explícita, como atualmente, a sua face empresarial empreendedora, embora ela já estivesse ali presente. Isso fica bastante evidente no *boom* de literatura educacional voltada, naqueles anos, para o tema das competências e das habilidades, da formação do professor crítico e reflexivo. Boa parte desse debate foi embalada pela leitura de autores como Phillipe Perrenoud e Jacques Delors.

Se nos anos de 1990 e em parte dos anos de 2000 o debate gira em torno do desenvolvimento de competências e de habilidades nos processos formativos escolares, logo em seguida emergem os discursos que defendem abertamente o empreendedorismo no âmbito da educação formal. Estas orientações estão em discussão BNCC, que contempla competências e habilidades para lidar com a nova dinâmica da sociedade, em específico, atender às exigências do mercado de trabalho. O conceito *competência*, abordado pelo documento, visa a orientar a prática pedagógica, a construção de currículos, o enfoque nas avaliações internas e externas, entre outros.

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das

competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais da BNCC (BNCC, 2018, p. 13).

É dessa perspectiva que a ideia de empreendedorismo parece se fazer presente no material didático analisado. Segundo Fraiman (2016), as competências e as habilidades devem ser desenvolvidas durante todo o percurso de vida, iniciando desde cedo, pois uma pessoa com uma atitude empreendedora é formada por meio de um projeto de vida que demanda um longo preparo, cujo objetivo maior é realizar um trabalho transformador para si e para o mundo. “Um indivíduo empreendedor é aquele que se compromete em aperfeiçoar-se nas mais diversas esferas da vida, buscando a melhor versão de si mesmo. Ele mede passos, mas não sonhos [...]” (FRAIMAN, 2012, p. 2).

No material didático analisado, fica evidente que o principal objetivo do estudo do empreendedorismo na escola é “[...] a construção de um contexto propício a formar pessoas com brilho nos olhos, em um processo que começa nos primeiros anos de escola e que continua por toda a sua existência” (FRAIMAN, 2016, p. 2). Com a expressão “brilho nos olhos” nos referimos, comumente, a alguém que manifesta interesse e disposição para realizar alguma atividade que o entusiasma ou que o torna desejoso de alcançar determinados objetivos. É uma expressão genérica que cabe em muitas situações cotidianas, as quais envolvem pequenas ou grandes escolhas e decisões. No entanto, fica evidente, no modo como a ela se refere o autor, tratar-se de uma formação voltada para a produção do “brilho nos olhos”, que deve ter início nos primeiros anos escolares. Trata-se, portanto, de um investimento e treinamento para que se adquira essa disposição ou para que se descubra o que faz os olhos brilharem. O emprego da expressão no contexto do discurso empreendedor confere a ela um sentido bem preciso. Formar alguém com brilho nos olhos tem relação direta com a ideia de formar, deliberadamente, para a competitividade no mercado de trabalho.

Outro aspecto destacado no material é o alinhamento com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e também com os parâmetros da Unesco, pautando-se em dois dos principais pilares: aprender a ser e a conviver, que reforça a ideia e a importância do autoconhecimento, “[...] pois, uma vez que os traços de caráter, os significados e os valores são desenvolvidos ao longo de toda a vida, faz-se necessário reforçar a adoção de atitudes sadias, dignas e éticas a partir dos primeiros anos de vida” (FRAIMAN, 2016, p. 3).

Fraiman (2016, p. 3) afirma ainda que “o aprender a conhecer e o fazer estão alinhavados ao longo de todas as nossas intervenções sistemáticas”, que o material oferecido é informativo e formativo, pois possibilita o aluno ampliar seu repertório cultural, a fim de que,

futuramente, ter um bom desempenho em sua vida profissional e social. Para isso, o material tem caráter informativo e formativo, “[...] justamente para ampliar a cultura do aluno quanto às possibilidades reais e às que poderão ser criadas por ele em sua vida profissional e social futura” (FRAIMAN, 2016, p. 3).

O material didático analisado está voltado para atividades que estão relacionadas a valores e a atitudes do próprio sujeito e sua relação com os outros. Além de abordar assuntos, como trabalho e profissões, e a questão da diversidade e sua relevância. “[...] O foco desse segmento é ampliar o repertório dos alunos sobre o valor do trabalho e das profissões e introduzir noções de educação financeira e empreendedorismo” (FRAIMAN, 2016, p. 3).

Um dos pontos altos do material analisado está relacionado à metodologia utilizada, que visa, conforme Fraiman (2016, p. 17), “[...] auxiliar o indivíduo a alcançar um bom grau de flexibilidade mental e empoderamento atitudinal, para que consiga escolher não somente sua futura profissão, como também as atitudes que adotará em sua formação e as posturas que terá diante da vida [...]” (FRAIMAN, 2016, p. 14).

A base teórica proposta na coleção está voltada para a *Psicologia Cognitiva*, que visa “o estudo sobre como se forma o clima interno (o estilo cognitivo de um indivíduo), o clima externo (suas relações com o mundo) e a atitude de um indivíduo (proatividade) [...]” (FRAIMAN, 2016, p. 4). Assim, contribuindo em seu “[...] processo de aprender a conhecer, fazer, conviver e ser”. (FRAIMAN, 2016, p. 15).

O papel do professor também é relevante nesse processo de autoconhecimento, visto que ele “[...] tem de perceber-se como um adulto, que é o dono de si, com capacidade de transcendência, de espiritualmente apropriar-se de seu papel transformador” (FRAIMAN, 2016, p. 4). Nesse sentido, a motivação do professor não pode estar voltada para o aluno, para a família, ou em outro, mas em si mesmo, “[...] seu compromisso em educar, que se revela produtivo, frutífero, a médio e longo prazos” (FRAIMAN, 2016, p. 4).

Nota-se a ênfase dada ao papel do professor em relação à *motivação* dos alunos. Para isso, a autogestão do professor é fundamental para orientar esse vínculo que deve ser estabelecido entre professor-aluno e, a partir disso, a indisciplina e a falta de motivação poderão ser vencidas, por exemplo. Entende-se por autogestão “se conhecer e ser gestor de si” (FRAIMAN, 2016, p. 8).

Um exemplo, citado pelo autor, dessa influência do professor na formação de crenças dos alunos, pode ser percebido quando se trata de questões relacionadas ao mercado de trabalho. Vejamos um caso em que o professor é questionado pelo aluno em relação a uma determinada profissão e seu retorno financeiro. Qual deve ser a postura do professor? Como

orientar o aluno? Segundo Fraiman (2016, p. 8), “[...] não é a carreira em si que determina o resultado financeiro de uma pessoa, mas sim o profissional e seu perfil. Ou mesmo o próprio aluno pode ser orientado a encontrar formas alternativas ou mais flexíveis de pensar [...]”.

Na Pedagogia Empreendedora, o professor desempenha um papel importante na aprendizagem dos sujeitos, mesmo que o discurso da autoaprendizagem seja um elemento enfático dessa teoria, o professor se destaca como agente da Pedagogia Empreendedora. E qual seria esse papel? Seria, justamente, o de “[...] ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do professor como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor” (DOLABELA, 2003, p. 103). O papel do professor é impulsionar dúvidas, desafios, reflexões do aluno e sua relação com o mundo, bem como oferecer suporte para que o aluno saiba se organizar diante dos conflitos cognitivos que surgirem. Para que isso aconteça, é necessária uma preparação docente, a fim de capacitar os professores na (re)criação e na aplicação da Pedagogia Empreendedora (DOLABELA, 2003).

Fraiman (2016) ressalta que somos indivíduos com características singulares, mas que apesar disso, sofremos influências do meio (social, cultural e econômico). Somos o resultado da interação com o mundo.

Somos seres biopsicossociais, resultado de um conjunto de fatores intervenientes, entre os quais a genética, a vida intrauterina, os primeiros meses de vida, o estilo de apego da família, o relacionamento dos pais entre si, o relacionamento com irmãos, a influência da escola e dos amigos, a cultura de origem, tudo mediado pelo sistema cognitivo do indivíduo. Esse é, na verdade, o fator mais importante: a forma como encaramos tudo isso. Como lidar, da melhor maneira, com a família que temos, com a realidade em que vivemos, com o país onde estamos, com a cidade em que moramos? Não dá para alterar a realidade de imediato, mas podemos tentar trabalhar com ela de forma positiva, buscando a resiliência e a superação (FRAIMAN, 2016, p. 5).

A busca pela resiliência e pela superação é sempre mediada pelos modelos vencedores, inspirada no comportamento de pessoas famosas e bem sucedidas em suas ações “empreendedoras”. Recorre-se, sobretudo, à imagem de esportistas, embora essa não seja a regra, cujo intuito é reforçar os aspectos envolvidos no processo de tornar-se um(a) vencedor(a).

É dessa perspectiva que o empreendedorismo é pensado como “projeto de vida”, que é o título da coletânea didática que estamos analisando. A ideia de projeto de vida traduz de maneira precisa a força com que o discurso acerca do empreendedorismo circula não somente

no meio publicitário, mas revela o quanto o mesmo se anuncia como uma prática que deve ser assumida e incorporada pelos indivíduos como um projeto de vida de abrangência ampla no contexto dos discursos e das práticas escolares. Por isso mesmo deve ser parte dos componentes curriculares escolares. Caracterizar a prática empreendedora como “projeto de vida” pode significar um preparo que demanda investimento para uma vida inteira, o qual passa pelo desenvolvimento de disposições internas aos sujeitos e pela aquisição de habilidades que os tornem ajustáveis à racionalidade da cultura empreendedora. É desta perspectiva que as técnicas do empreendedorismo são aplicadas à formação escolar, assumindo os pressupostos da “grade econômica”, nos moldes das análises desenvolvidas por Foucault (2008).

Já não se trata de formar os sujeitos para uma profissão, como ocorreu, sobretudo, nas décadas de 1970 e 1980, nas quais proliferaram os chamados cursos profissionalizantes, mas de transformar a ação empreendedora em um modo de vida regrado pelo cálculo das *expertises* econômicas, que passam a influenciar a construção de políticas públicas orientadas pelo viés empresarial. Por outro lado, multiplicam-se os discursos e as propagandas acerca do empreendedorismo jovem ou na terceira idade, reforçados pelo *coach*, bem como pelos discursos psi, barateados pela literatura de autoajuda e pelos discursos pedagógicos identificados com a cultura do empreendedorismo.

Estabelece-se assim uma nova forma de exercer o governo sobre a vida das pessoas. O Estado liberal, que antes atuava de forma mais incisiva sobre a vida do indivíduo sustentando políticas de bem-estar social foi aos poucos sendo substituído, por um novo modo de governo econômico, cujo parâmetro baseia-se no modelo de um Estado que não deve intervir na regulação das práticas econômicas, mas, ao contrário, estimula e permite que as mesmas passem a mediar todas as relações humanas (SALGADO, 2018).

Apresentamos a seguir os modelos de personagens empreendedoras utilizadas por Fraiman (2016) na coletânea. O repertório é composto por imagens de esportistas, de pessoas famosas, mas também por imagens de pessoas comuns, deixando claro que a atitude empreendedora deve ser praticada por todos. Tornar-se empreendedor é uma questão de atitude e de estilo de vida. O quanto mais cedo se adquire consciência acerca do empreendedorismo como projeto de vida, mais o indivíduo pode se preparar para a adequação e para a adaptação à lógica dos arranjos e da flexibilização no mundo do trabalho.

Nos discursos de empreendedorismo, é sempre exigido do indivíduo um certo protagonismo, mas, para que isso ocorra, antes, é necessário aprender a exercer o controle/governo de si mesmo. Em seu livro *O culto da performance: da aventura*

empreendedora à depressão nervosa (2010), *Alain Ehrenberg* apresenta argumentos em que relaciona a ideia de empreendedorismo empresarial à lógica do esporte, ou seja, faz a fusão da figura do empreendedor ideal à do esportista bem sucedido, constituindo assim, um novo *ethos*, em que a atitude empreendedora seria o caminho para atingir o sucesso e, para que isso aconteça, cada indivíduo deve ter a responsabilidade pela sua inserção no mercado de trabalho e na vida social. Segundo Ehrenberg (2010) houve um processo de empresarização dos comportamentos dos empregados nas diversas funções exercidas por cada um na empresa, em que cada indivíduo é estimulado a se governar a si mesmo.

Vejamos um exemplo no material didático articulando à ideia apresentada anteriormente entre a figura do empreendedor e do esportista bem sucedido:

Figura 3 – Exemplo de esportista: Pelé

NO MUNDO DO TRABALHO, A PESSOA EMPREENDEDORA É AQUELA QUE FAZ UM TRABALHO BEM-FEITO, QUE GOSTA DO QUE FAZ, QUE É ORGANIZADA. NORMALMENTE, ESSA PESSOA É MUITO CRIATIVA, OU SEJA, TEM NOVAS E BOAS IDEIAS, E SEMPRE SUGERE SOLUÇÕES DIFERENTES PARA CONCLUIR AS AÇÕES COM SUCESSO.

O REI PELÉ, COMO É CHAMADO, QUE FOI UM DOS MAIORES JOGADORES DE FUTEBOL DA HISTÓRIA, É UM EXEMPLO DISSO.

INICIOU SUA CARREIRA COMO ATACANTE AOS 15 ANOS, NO SANTOS FUTEBOL CLUBE.

JÁ FOI MINISTRO DOS ESPORTES E ATÉ HOJE REALIZA AÇÕES SOCIAIS PARA INCENTIVAR A PRÁTICA DO FUTEBOL E DESCOBRIR NOVOS TALENTOS.

DENTRO E FORA DOS CAMPOS, PELÉ SEMPRE MOSTROU GARRA E ATITUDE EMPREENDEDORA.

SUA MARCA HOJE PODE SER VISTA NOS MAIS DIVERSOS PRODUTOS E SERVIÇOS: CAFÉ, ACADEMIAS E MUITOS OUTROS.



Fonte: Livro do 1º ano, p. 27.

Outro exemplo, apresentado no material didático, também está relacionado à figura de um esportista.

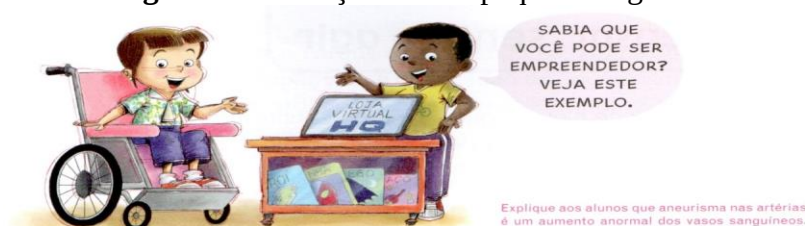
Figura 4 – Exemplo de esportista: Guga

Vamos conhecer um exemplo de empreendedor?
O tenista Gustavo Kuerten, conhecido como Guga, ganhou vários títulos importantes e foi responsável pela popularização do esporte no Brasil. Fundou, em Florianópolis (SC), uma associação civil sem fins lucrativos com objetivos educacionais, esportivos e sociais, de caráter filantrópico.



Fonte: Livro do 3º ano, p. 31.

Ainda nessa perspectiva, pode-se observar que existe um “movimento” na coleção, em específico, entre os livros do primeiro ao quinto ano, em que a ideia de empreendedorismo está pautada em exemplos bem definidos do que pode ser a figura do empreendedor. Pode estar associada à figura de um esportista, visto anteriormente, ou em outros exemplos, como explicitados a seguir:

Figura 5 – Crianças em seu pequeno negócio

Conheça a história de Ana Carolina, de 12 anos, e Arthur, de 9 anos, que são sócios e vendem seus produtos para amigos e vizinhos.

Miçangas, sagu, pães, flores artificiais e sabonetes. Aos 12 e 9 anos de idade, Ana Carolina e Arthur Benato já colecionam mais experiência que boa parte dos empreendedores tradicionais.

A ideia do primeiro negócio surgiu como uma necessidade de distrair Ana Carolina. Há três anos, ela foi diagnosticada com uma doença rara, chamada Síndrome de Kawasaki, que provoca aneurismas nas artérias. “Na oportunidade, ela teve de ficar em repouso por mais de 40 dias em casa. Tivemos de inventar uma maneira de distraí-la”, relembra a mãe, Janaina Benato. “Matriculei a Ana em um curso de miçangas. Com o passar dos dias, ela foi comprando mais matéria-prima, fazendo o contato com as coleguinhas para vender aquilo que produzia enquanto se recuperava”, relembra.

Ao ver a irmã criar seu pequeno negócio e ganhar seus primeiros trocados, o caçula Arthur também quis entrar na brincadeira.

[...]



Pedro Brodbeck. Irmãos mostram trabalho de “gente grande”. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 10 abr. 2013. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/economia/empreender-pme/irmaos-mostram-trabalho-de-gente-grande-ed96q20he9rxglfaubecwlsge>. Acesso em: 12 mar. 2016.

Fonte: Livro do 2º ano, p. 31.

O exemplo de empreendedor apresentado está vinculado à ideia de uma criança investindo em seu próprio negócio. Na imagem a seguir, a figura de empreendedor está relacionada a um importante cartunista brasileiro, Mauricio de Sousa, criador da Turma da Mônica.

Figuras 6 e 7 – Cartunista brasileiro: Maurício de Sousa



Um empreendedor brasileiro

Você costuma ler histórias em quadrinhos?
Já ouviu falar de Mauricio de Sousa?
Conhece algum personagem que ele criou?

LEIA AGORA
A HISTÓRIA DE UM
DOS CARTUNISTAS
BRASILEIROS MAIS
CONHECIDOS.

Mauricio de Sousa nasceu em Santa Isabel, no estado de São Paulo. Começou a criar suas primeiras tirinhas em 1959. Fazem parte da **Turma da Mônica**, além da própria, Magali, Cebolinha, Cascão, Bidu, o cachorrinho do Cebolinha, e Sansão, o coelhinho da Mônica. Você sabia que Mauricio tem uma filha chamada Mônica e outra chamada Magali, que serviram de inspiração para essas duas personagens?

Além da Turma, Mauricio criou outros personagens, como Chico Bento e o dinossauro Horácio. Todos são conhecidos não só no Brasil, mas em vários países, como Argentina, Estados Unidos, Portugal, Grécia, Japão, entre outros.

A empresa Mauricio de Sousa Produções ampliou suas atividades, criando não apenas histórias em quadrinhos, mas filmes, bonecos, jogos e outros produtos, tendo como base seus personagens.

Mauricio de Sousa é um empreendedor que se tornou conhecido internacionalmente. Existem algumas qualidades que as pessoas empreendedoras costumam ter, como criatividade, perseverança, autonomia, comprometimento e flexibilidade. Você sabe o significado de todas essas palavras?

Criatividade é a capacidade de inventar e de inovar, ou seja, de criar.

Perseverança é o que nos leva a insistir em alguma ideia ou algum projeto, ajustando nossas ações e melhorando-as, mesmo que as coisas não estejam dando certo ou indo muito bem.

Autonomia significa confiar nas próprias ideias e opiniões e agir de acordo com elas, mesmo que sejamos criticados por isso.

Comprometimento significa abraçar uma ideia ou projeto de corpo e alma e fazer tudo para que ele dê certo.

Flexibilidade é o que nos leva a mudar o rumo ou nos adaptarmos quando algum obstáculo aparece em nosso caminho.

Logo mais, você entenderá melhor o significado dessas palavras.



Fonte: Livro do 4º ano, p. 31.

Na sequência, encontra-se uma ideia de empreendedor voltada para as atividades humanas não-lucrativas, como é o caso do sociólogo Betinho e da jornalista Francine Lima.

Figura 8 – Sociólogo brasileiro: Betinho

Ser empreendedor

USO EXCLUSIVO
VENDA PROIBIDA
DO PROFESSOR

O que é empreendedorismo?

Quais são as características de uma pessoa empreendedora?

Você saberia citar um exemplo de pessoa empreendedora?

Aproveite o momento para conhecer mais sobre o trabalho da Ação da Cidadania, no site: www.acao dacidadania.com.br.

O empreendedorismo pode ocorrer de diversas formas. Nem todos os empreendedores são industriais bem-sucedidos ou são conhecidos internacionalmente. A escolha profissional nos remete ao futuro: perspectivas, sonhos, projetos e uma dose de imprevisibilidade. Também lembra um jogo complexo e desafiador, com vários fatores. O “dono” do jogo é você.

VAMOS CONHECER DUAS PESSOAS EMPREENDEDORAS QUE SE PREOCUPAM COM A ALIMENTAÇÃO?

O sociólogo Herbert José de Souza, conhecido como Betinho, nasceu em 1935 e faleceu em 1997. Fundou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, em 1993, para buscar soluções para as questões da fome e da miséria.

A Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, criada na cidade do Rio de Janeiro, é uma instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública nacional, de caráter apartidário, cujo propósito é atuar no desenvolvimento de atividades contra a exclusão social, através da adoção de medidas práticas.

30

Fonte: Livro do 5º ano, p. 30.

Figura 9 – Jornalista brasileira: Francine Lima

A Ação da Cidadania conta com uma rede de mais de 2 000 comitês em todo o Brasil onde se prioriza o apoio ao desenvolvimento de projetos de geração de empregos e renda, sendo que também são prioritários os projetos que visam à capacitação de lideranças comunitárias, estimulando à capacidade de cada cidadão prover seu próprio sustento através da remuneração de seu trabalho. Essa é a nossa luta e para isso trabalhamos com programas de Capacitação Profissional e Cultural em prol da conquista de uma Cidadania Plena.

Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida.
Disponível em: <<https://profmorais.wordpress.com/2010/04/21/acao-da-cidadania-contra-a-fome-a-miseria-e-pela-vida/>>.
Acesso em: maio 2016.

Francine Lima é uma jornalista que em 2013 resolveu olhar nos olhos das pessoas e perguntar se elas realmente sabiam o que estavam comendo. Criou então um canal no Youtube e no Facebook para alertar as pessoas sobre o mercado de alimentos. Leia o texto em que ela se apresenta no Youtube.



Olá. Eu sou Francine Lima, jornalista com mestrado em Nutrição em Saúde Pública pela USP. Meu trabalho é trazer informações e questionamentos para ajudar você a pensar melhor nos seus hábitos alimentares. Aqui no canal *Do campo à mesa* você descobre a verdade sobre os alimentos – e também as mentiras que a indústria conta. Como interpretar os rótulos? Será que os produtos que se dizem saudáveis são mesmo tão saudáveis? Como eles são produzidos? Será que as marcas mais conhecidas são confiáveis? Será que nossa **legislação** protege mais os direitos do consumidor ou os interesses da indústria?

Se achar apropriado, mostre para a classe um vídeo de Francine. Alguns são acessíveis a crianças dessa faixa etária e podem despertar seu senso crítico para algumas das armadilhas utilizadas pela indústria alimentícia e estimular seu interesse por uma alimentação mais saudável. Sugestões: "Bate-papo sobre rótulos", "Molho de tomate – quem vai com ele pro molho?", "Quantos morangos tem um iogurte sabor morango?", "Refrigerantes vilões".

Legislação:
conjunto de leis.

Francine Lima. *Do campo à mesa*.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/docampoamesa>>.
Acesso em: 13 abr. 2016.

31

Fonte: Livro do 5º ano, p. 31.

Observando a sequência apresentada anteriormente, nota-se que ao longo da coleção analisada não existe um perfil único de *empreendedor*, visto que a ideia é ampliar a percepção dos alunos, e fazer com que eles percebam as inúmeras possibilidades que existem e que todos podem se tornar empreendedores. De acordo com Dolabella (2003), o empreendedor deve ser

visto como uma *forma de ser*, independentemente de sua função e de sua atuação, a ação empreendedora está relacionada a todas as atividades humanas, sendo elas, lucrativas ou não-lucrativas.

Alargar a ideia de empreendedorismo, estendendo-a a todas as ações humanas parece configurar um recurso utilizado pelo material didático para tornar a ideia mais aceitável. Na verdade, produz um certo embaralhamento de fronteiras, como podemos observar nos exemplos de pessoas empreendedoras anteriormente mencionadas. Betinho, por exemplo, aparece ao lado Maurício de Sousa e de esportistas famosos. No entanto, os propósitos são muito distintos. Betinho é intelectual e crítico das mazelas do capitalismo e militante em defesa de causas sociais, o que torna difícil situá-lo na categoria daqueles que são os empresários de si mesmos.

Com o advento da modernidade, o discurso da psicologia e, conseqüentemente, a imersão dos “afetos” na lógica econômica da sociedade trouxe mudanças significativas no âmbito econômico, afetivo, social e comportamental. Eva Illouz, em sua obra *O amor nos tempos do capitalismo* (2011), apresenta uma definição para essa relação que se estabelece entre discursos e práticas afetivos e econômicos, por ela denominado como *capitalismo afetivo*.

O capitalismo afetivo é uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca (ILLOUZ, 2011, p. 12).

A linguagem da psicologia se alinhou cada vez mais com o discurso empresarial, o que ocasionou transformações no mercado de trabalho capitalista, dando espaço para novas formas de competitividade e estabelecendo novas hierarquias. Illouz (2011), afirma que esse novo estilo afetivo entrelaçou a linguagem da afetividade e da eficiência produtiva.

Assim, o discurso da psicologia arquitetou uma nova forma de sociabilidade e afetividade em cuja base se encontravam dois temas culturais fundamentais – o da “igualdade” e o da “cooperação” -, porque as relações se forjavam entre pessoas tidas como iguais, e o objetivo dessas relações era cooperar para tornar o trabalho mais eficiente (ILLOUZ, 2011, p. 30).

Aparece no contexto desse debate a reflexão acerca da nova ideia de liderança inserida na vida do trabalhador. Trata-se de uma ideia de liderança de si mesmo, que passa a ser

exercida pelo gerenciamento das emoções, das relações, do tempo investido em cada atividade e, principalmente, na formação. Assim, o discurso empresarial passa a estar atrelado/relacionado ao discurso da autoajuda, em que se valoriza o esforço pessoal, a motivação, o trabalho colaborativo, a competição e o salário por mérito. A competição passa a ser encarada como uma forma de colaboração e de cooperação, camuflando, assim, o caráter precário do trabalho e suas formas de controle.

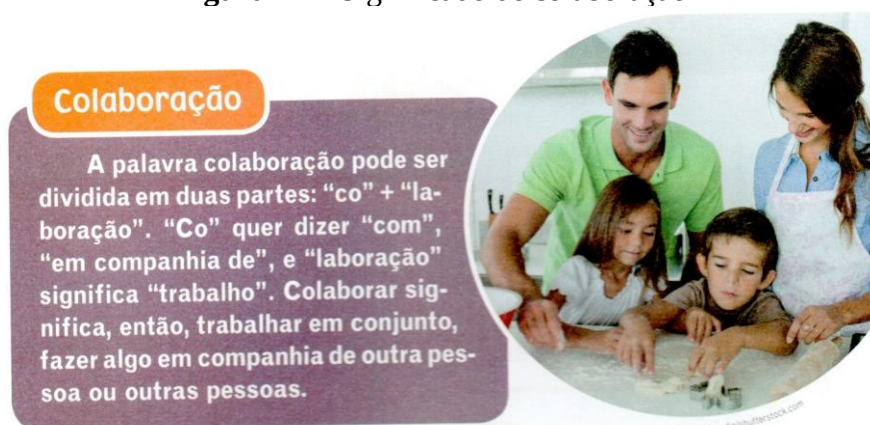
Nota-se a “repetição” de alguns valores e atitudes ao longo do material analisado do Ensino Fundamental I, aparecendo em diferentes perspectivas que colaboram na constituição de novos processos de subjetivação e, ao mesmo tempo, reforçam a ideia de um sujeito emocionalmente preparado para atuar nas diferentes esferas da vida, inclusive, no mercado de trabalho.

Vejamos o exemplo de alguns *valores e atitudes* que são trabalhadas ao longo da coleção e seus respectivos significados:

Figura 10 – Significado de cooperação



Fonte: Livro do 2º ano, p. 39.

Figura 11 – Significado de colaboração

Fonte: Livro do 4º ano, p. 23.

A vida, nesse sentido, passa a ser pensada por critérios de empreendedorismo empresarial, sendo regida por princípios que norteiam o mercado e a economia. Desse modo, o *comportamento* dos indivíduos e da população passa a ser determinado não apenas pela ação governamental do Estado, mas por uma competitividade dos indivíduos no mercado, ultrapassando limites e produzindo novas subjetividades, ou seja, uma nova forma de pensar, de ser e de agir.

Um aspecto importante a ser evidenciado é a ludicidade do material didático ao tratar do empreendedorismo. O discurso no âmbito da escola reproduz, em certa medida, aquilo que é o discurso mercadológico. Encontramos no material outra perspectiva do discurso empreendedor, que se utiliza do lúdico como uma estratégia para produzir a subjetividade do sujeito, transmitindo assim, os valores do trabalho, das emoções, da obediência, da disciplina, entre outros.

Vejamos alguns exemplos encontrados no material didático que se utilizam da ludicidade para trabalhar determinados temas.

Nas imagens das páginas 14 e 15, do volume 3 do material, encontramos o tema dos sentimentos sendo trabalhado por meio da representação das emoções, seguido de um texto – “A janela sobre a palavra” – que aborda a história de como uma menina resolveu lidar com seus sentimentos. Em seguida, propõe-se uma roda da conversa para discussão.

Figura 12 – Significado dos sentimentos





Vamos falar sobre sentimentos?

Todos os dias sentimos as mais diversas emoções: alegria, tristeza, amor, paz e raiva, por exemplo. Tudo isso acontece dentro da gente, às vezes ao mesmo tempo. Quando as emoções acontecem todas juntas e misturadas, nem sempre fica fácil identificar exatamente o que estamos sentindo. É como acontece quando colocamos várias frutas no liquidificador para fazer um suco: ele junta o sabor de todas as frutas e pode ficar difícil saber o que estamos saboreando.

Quando um amigo nos trata mal, podemos sentir tristeza, raiva e medo de perder o amigo.

Quando um parente está distante, podemos sentir o coração apertar, sem nem saber que nome dar para isso.

Você sabia que as cores também podem influenciar as emoções e o comportamento das pessoas? Conheça o significado de algumas delas:

- ◆ Vermelho ■: associado à paixão.
- ◆ Verde ■: associado à esperança.
- ◆ Azul ■: associado à tranquilidade.
- ◆ Amarelo ■: associado à energia.
- ◆ Rosa ■: associado ao romantismo.
- ◆ Branco □: associado à paz.
- ◆ Preto ■: associado à sofisticação.

Comente que as cores podem ter diferentes significados, dependendo da ocasião e da cultura. O preto pode significar algo poderoso; o vermelho, a paixão ou a raiva, dentre outras associações.



Fonte: Livro do 3º ano, p. 14.

Figura 13 – Texto: Janela sobre a palavra (IV)

Agora, vamos ver como a Magda resolveu lidar com os sentimentos. Leia o texto a seguir.

Janela sobre a palavra (IV)

Magda Lemonnier recorta palavras nos jornais, palavras de todos os tamanhos, e as guarda em caixas. Numa caixa vermelha guarda palavras furiosas.

Numa verde, as palavras amantes. Em caixa azul, as neutras. Numa caixa amarela, as tristes. E numa caixa transparente guarda as palavras que têm magia.

Às vezes, ela abre e vira as caixas sobre a mesa, para que as palavras se misturem do jeito que quiserem. Então, as palavras contam para Magda o que acontece e anunciam o que acontecerá.

Eduardo Galeano.
As palavras andantes.
Porto Alegre: L&PM Editores,
1994. p. 69.



Qual seria a melhor forma de lidar com as emoções listadas a seguir?

- | | |
|---------------|-----------|
| ♦ Culpa | ♦ Medo |
| ♦ Desconforto | ♦ Raiva |
| ♦ Dor | ♦ Solidão |
| ♦ Frustração | |

15

Fonte: Livro do 3º ano, p. 15.

Na sequência, nos deparamos com um projeto especial que se intitula “Aprendendo a fazer escolhas”. Percebe-se que é um projeto que visa trabalhar a temática desenvolvida ao longo do ano. Muito pertinente o tema escolhido, principalmente por se tratar de escolhas. Afinal, o empreendedor de si é um sujeito que deve fazer boas escolhas.

Figura 14 – Aprendendo sobre escolhas

Projeto especial

Aprendendo a fazer escolhas

Agora que chegamos ao final do ano, vamos elaborar cartazes sobre o tema "Aprendendo a fazer escolhas".

1. Organizem-se em grupos.

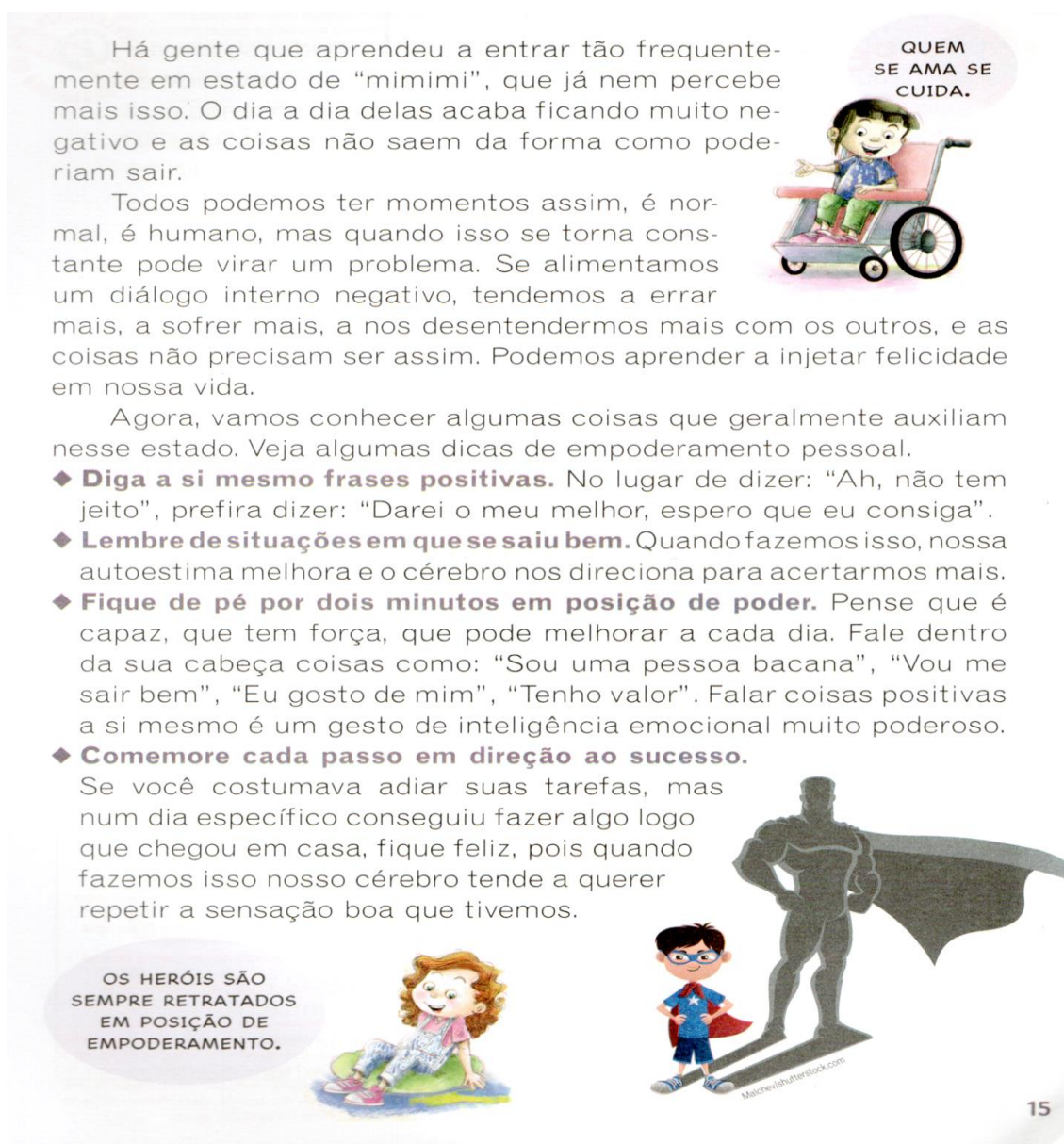


2. Cada grupo será responsável pela feitura de um cartaz. Cada cartaz será sobre um destes temas: Pergunte aos alunos se gostariam de sugerir outros temas.

1. O que é escolha?
2. Como fazer boas escolhas em família?
3. Como fazer boas escolhas na escola?
4. Como fazer boas escolhas com os amigos?
5. Como fazer boas escolhas na alimentação?
6. Como fazer boas escolhas para nossa saúde?
7. Como fazer boas escolhas relacionadas ao nosso dinheiro?
8. Como fazer boas escolhas relacionadas à natureza?
9. Como fazer boas escolhas relacionadas à profissão?

Em seguida, verificamos uma discussão proposta no material acerca do empoderamento pessoal. São apresentadas algumas dicas, a fim de “modelar” as crenças e o comportamento das crianças.

Figura 15 – Dicas de empoderamento pessoal



Fonte: Livro do 4º ano, p. 15.

Agora, encontramos no discurso empreendedor uma interessante referência ao marketing. Como trabalhar a marca pessoal das crianças. Aqui temos um exemplo claro e definido da lógica empresarial entrelaçada com a produção de modos de subjetividade dos sujeitos educacionais

Figura 16 – Marketing pessoal

Marca pessoal

A marca não é utilizada apenas para produtos, e a conhecemos por meio de publicidade ou *marketing*. O *marketing* é importante para promover o produto, mas também serve para promover pessoas, o que chamamos de *marketing* pessoal.

Imagine que uma pessoa cresça sendo gentil com seus amigos, respeitando os seus professores, cuidando bem de sua saúde. Que esta pessoa seja aquela que é parceira de verdade nas horas boas e nas difíceis também. Que capricha nas suas atividades e durante o recreio é aquele amigo animado com o qual você pode se abrir sobre tudo, pois não será julgado e jamais maltratado.

Os anos passaram e você vai precisar de um funcionário para a sua empresa ou um sócio para o seu negócio. Não seria uma pessoa com esse perfil que você iria procurar? Ou tanto faz? Será que você contrataria ou teria sociedade com uma pessoa que zoava todo mundo e nunca ajudava a sala de aula a ter um bom andamento? Você chamaria para estar ao seu lado alguém que passou a vida escolar não levando nada nem ninguém a sério?

Como você acaba de ver, todos os dias estamos criando nossa imagem e cuidando dela. Todos estamos, conscientemente ou não, gerando uma marca, fazendo nosso *marketing* pessoal com as pequenas ações do dia a dia. E você, como acha que tem sido a sua marca pessoal em casa, com a sua família, e na escola?



27

Fonte: Livro do 5º ano, p. 27.

No próximo exemplo, observa-se uma brincadeira antiga e conhecida pelas crianças, o “stop”. Aqui, aparece como o “stop das profissões”, uma adaptação da brincadeira para trabalhar com a temática das profissões, a fim de ampliar o repertório das crianças.

Figura 17 – Stop das profissões

Stop das profissões

Você já brincou de *stop*? Conhece o *stop* das profissões?

Participantes
Grupos de 4 alunos

Regras
Um grupo pensa em um número e o fala em voz alta. Relaciona-o a uma letra do alfabeto. Por exemplo: 5 = E.
Cada grupo terá um minuto para escrever o nome de uma profissão que comece com a letra escolhida. Abaixo, há uma lista de algumas profissões. Depois, escreve uma das atividades desse profissional. Quando terminar, grita *stop*.
Ganha um ponto o grupo que falar *stop* primeiro. Caso ninguém consiga descobrir o que faz o profissional, nenhum grupo ganha pontos, e o professor explica à turma o que faz esse profissional.

Áreas profissionais

Administração	Ecologia	Geografia	Pedagogia
Arquitetura	Economia	História	Produção Cultural
Arquivologia	Educação	Jornalismo	Psicologia
Artes Cênicas	Enfermagem	Letras	Química
Astronomia	Engenharia	Matemática	Rádio e TV
Biblioteconomia	Esporte	Medicina	Relações Públicas
Ciências Sociais	Estatística	Moda	Serviço Social
Cinema e Vídeo	Farmácia	Multimídia	Teologia
Dança	Filosofia	Museologia	Turismo
Desenho Industrial	Física	Música	Zootecnia
Design Gráfico	Fisioterapia	Nutrição	
Direito	Fonoaudiologia	Odontologia	

37

Fonte: Livro do 5º ano, p. 37.

Por último, temos o exemplo de uma atividade/discussão que apresenta elementos fundamentais para se pensar a figura e as características de um empreendedor.

Figura 18 – Empreendedor brasileiro: o que é preciso?

Empreendedor brasileiro

Se fosse montar um negócio próprio, o que seria?
 O que é preciso para abrir um negócio?
 Como o ambiente no qual estudamos nos afeta?

Explique aos alunos que ter um negócio significa ter seu próprio empreendimento.

O CHEF PRECISA USAR REDE DE CABELO OU CHAPÉU, DÓLMÃ E LUVAS.

Explique aos alunos que dólmã é uma capa curta, abotoada na frente de cima a baixo.

Quando uma pessoa quer abrir o próprio negócio – uma sorveteria, uma pizzeria, uma papelaria ou uma fábrica, por exemplo –, ela precisa ter:

- ◆ coragem, para superar os desafios;
- ◆ organização, para saber cuidar bem do empreendimento;
- ◆ criatividade e iniciativa, para propor novas soluções;
- ◆ liderança, para fortalecer a união da equipe;
- ◆ visão de longo alcance, para perceber o que os consumidores querem e o que vão querer no futuro.

30

Fonte: Livro do 3º ano, p. 30.

Em seguida, nos deparamos com a regra dos 5 S apresentada pelo material. Nota-se que faz referência a uma técnica japonesa com a finalidade de aperfeiçoar aspectos, como: organização, disciplina, limpeza. Mais uma vez, evidencia-se uma alusão ao discurso empresarial, visto que é um programa voltado para a gestão empresarial no Japão, porém, pode ser aplicado, também, na rotina pessoal.

Figura 19 – Técnica dos 5S

Peça aos alunos que façam uma pesquisa em casa sobre o 5S, para, na próxima aula, apresentarem as pesquisas, e que possam explicar, com ele, qual esportista admiram e o porquê; se há algum esportista de destaque na região onde a escola está localizada; quais habilidades os atletas praticam para ter sucesso e quais delas podem ser úteis na vida escolar. Espera-se que os alunos compreendam que a determinação, a disciplina, o foco e a flexibilidade são importantes no uso do corpo durante as práticas esportivas e também ajudam no fortalecimento do caráter, ou seja, na atitude de um profissional de sucesso.

Os 5S

Os profissionais não se desenvolvem sozinhos; recebem ajuda de familiares, amigos e colegas de área. E também existem estudos que pesquisam técnicas para melhorar o desempenho.

É o caso da regra dos 5S. Você a conhece?

Os 5S representam cinco palavras japonesas que começam com a letra S, formando um conjunto de atitudes que, se seguidas, garantem um ambiente de trabalho organizado e uma convivência harmônica e sadia com os colegas.

LEIA A REGRA DOS 5S. VOCÊ ACHA QUE PODE APLICÁ-LA? QUANDO EU A USO, TUDO FICA MAIS FÁCIL!



- 1 **Seiri** (Senso de utilização): Separar o que vamos utilizar e o que será descartado ou doado.
- 2 **Seiton** (Senso de ordenação): Colocar as coisas no devido lugar.
- 3 **Seisou** (Senso de limpeza): Evitar fazer sujeira e colocar o lixo em local apropriado.
- 4 **Seiketsu** (Senso de saúde): Preservar a saúde física e mental.
- 5 **Shitsuke** (Senso de autodisciplina): Saber cuidar de si mesmo, ter determinação do começo ao fim.

Alex Oakenman/Shutterstock.com

31

Fonte: Livro do 3º ano, p. 31.

A partir dos exemplos ilustrados anteriormente, fica evidente como o material didático tem incorporado esses discursos na sua proposta e prática pedagógica, refletindo diretamente nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Em sua obra *A escola não é uma empresa: o Neoliberalismo em ataque ao ensino público* (2019), Christian Laval analisa como a escola vai se moldando por meio das transformações econômicas e culturais, incorporando às políticas neoliberais em seu interior e se configurando na *escola neoliberal*.

Christian Laval (2019) destaca

Escola neoliberal é a designação de certo modelo escolar que considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico. Não é a sociedade que garante o direito à cultura a seus membros; são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo

rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que atinge tanto o sentido do saber e as instituições que supostamente transmitem os valores e os conhecimentos quanto o próprio vínculo social (LAVAL, 2019, p. 17).

A escola cada vez mais está se sujeitando à racionalidade econômica, na qual “[...] o ‘homem flexível’ e o ‘trabalhador autônomo’ são as referências do novo ideal pedagógico” (LAVAL, 2019, p. 29). Isso torna a ligação entre escola e economia mais alinhada, de forma que temos a competitividade como um elemento fundamental nessa nova ordem educacional.

As reformas educacionais são fruto das transformações do sistema capitalista ao longo do tempo, ou seja, “[...] com o surgimento de uma sociedade menos religiosa e mais técnica e científica, menos tradicional e mais produtiva, as formas e os conteúdos escolares herdados do passado foram contestados pouco a pouco” (LAVAL, 2019, p. 33). Essa concepção neoliberal da escola vem ocorrendo aos poucos e de forma gradativa, articulando-se cada vez mais aos interesses econômicos.

Segundo Laval (2019), é a partir dos anos 1980 que a concepção de escola surge com um caráter mais individualista e mercadológico. Essa mudança deve estar associada às transformações do capitalismo, como: a privatização, globalização do comércio, desobrigação do Estado, entre outras (LAVAL, 2019).

Muito mais que uma “crise” passageira, o que presenciamos é uma mutação do capitalismo. O que está em jogo é o enfraquecimento de tudo que serve de contrapeso ao poder do capital e tudo que institucionalmente, juridicamente e culturalmente limita sua expansão social. Todas as instituições, além da economia, foram afetadas por essa mutação, inclusive a instituição da subjetividade humana: o neoliberalismo visa a eliminação de toda “rigidez”, inclusive a psíquica, em nome da adaptação às situações mais variadas com que o indivíduo depara no trabalho e na vida. Mais que nunca a economia ocupa o centro da vida individual e coletiva, os únicos valores sociais legítimos são a eficiência produtiva, a mobilidade intelectual, mental e afetiva, e o sucesso pessoal. Isso não pode deixar incólume o sistema normativo da sociedade e seu sistema de educação (LAVAL, 2019, p. 39).

Diante dessas transformações políticas e econômicas, a escola passou a seguir uma lógica da gestão empresarial, em que a sua referência passou a ser do “trabalhador flexível” (Laval, 2019). Não se espera mais uma obediência passiva por parte do trabalhador, mas o acúmulo de conhecimentos, competências e habilidades desenvolvidas ao longo da vida, para enfrentamento de um cenário de incertezas. Esse discurso está em consonância com a doutrina do capital humano. De acordo com Laval (2019), “A diretriz é a ‘empregabilidade’ individual” (LAVAL, 2019, p. 40). Continua o autor:

O empregador não espera mais do assalariado uma obediência passiva a instruções precisas: ele quer que o assalariado utilize as novas tecnologias, compreenda melhor o sistema de produção ou comercialização no qual sua função está inserida, deseja que ele seja capaz de enfrentar as incertezas e demonstre liberdade, iniciativa e autonomia. Em resumo, o empregador quer que, em vez de obedecer cegamente às ordens superiores, o assalariado seja capaz de discernir e analisar para impor a si mesmo uma conduta eficiente, *como se* esta fosse ditada pelas exigências do próprio real. A autonomia que se espera do assalariado, que consiste em ele se dar ordens e se “autodisciplinar”, não acontece sem um certo saber. Em outros termos, o assalariado tem de integrar num universo mais complexo os modos de fazer e os conhecimentos necessários ao tratamento dos problemas, segundo as fórmulas em vigor. Por isso autodisciplina e autoaprendizagem andam de mãos dadas (LAVAL, 2019, p. 40).

A escola precisou se adaptar a essa nova lógica empregada, e se tornou flexível, à medida que buscou atender às novas demandas do mercado de trabalho, ou seja, “[...] para produzir assalariados adaptáveis, a escola, que vem antes do trabalho, deveria ser uma organização flexível, em inovação constante, que atenda tanto aos desejos mais diferenciados e variáveis das empresas como às necessidades diversas dos indivíduos” (LAVAL, 2019, p. 41).

Todas essas transformações ocorridas na sociedade servem para mostrar que o sistema educacional precisa estar preparado para a formação desses sujeitos inseridos em um contexto marcado por incertezas e por instabilidade, sobretudo, no campo/área profissional. Dessa forma, os pilares da educação encontrados em documentos como o relatório da Unesco, já visto aqui, mostram-se alinhados à lógica do discurso empreendedor empresarial, como afirma Laval (2019, p. 41): “[...] a principal *competência*, a metacompetência, consistiria em “aprender a aprender” para enfrentar a incerteza alçada a exigência permanente da existência humana e da vida profissional”.

Conforme anunciamos na introdução, esta pesquisa teve como objetivo estabelecer e analisar as relações entre os discursos empreendedores, o neoliberalismo, as relações entre saber e poder e os modos de subjetivação que objetivam os sujeitos, submetendo-os à governamentalidade neoliberal. Partimos da ideia de que os livros didáticos que compõem a coleção estudada, “Empreendedorismo e projeto de vida”, constituem um dispositivo essencial na construção de processos de subjetivação, portanto, indutor de novas subjetividades alinhadas à perspectiva e à cultura do neoliberalismo econômico.

Os enunciados anteriormente destacados, ainda que possam parecer dispersos, estão presentes neles aspectos que evocam as disposições requeridas dos futuros sujeitos

empreendedores. Nesse caso, a ideia de sujeito aqui adquire uma conotação específica, nos termos como a ele se refere Foucault (1995, p. 235): “Há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a”. Entendemos que os efeitos de verdade produzidos pelos enunciados anteriormente destacados constituem o sujeito nas duas acepções foucaultianas. No primeiro sentido, sujeito significa estar submetido à racionalidade e ao *ethos* de uma determinada ordem discursiva, as quais definem um modo de vida (FOUCAULT, 2008), algo claramente assumido tanto pelo referencial teórico dos cadernos, quanto pelos enunciados sobre a formação para o empreendedorismo anteriormente destacados. No segundo sentido, sujeito se refere à construção da própria identidade, a qual requer do indivíduo um trabalho de constituição de si mesmo e de identificação com os discursos e seus efeitos de verdade. Por isso, o investimento em técnicas que produzam nos indivíduos o autoconhecimento e a autopercepção de que aderiram a um modo de vida, sem que se deem conta, muitas vezes, do poder subjugador desses discursos e o quanto eles estão aliados a uma rede discursiva, que visa a consumir as estratégias da ordem neoliberal, como é o caso em questão.

A educação escolar, do modo como a mesma figura nos cadernos analisados, é pensada como uma instância formadora que cumpre papel relevante na formação e na constituição do sujeito na perspectiva requisitada pelo *ethos* neoliberal. Na realidade, muitos dos enunciados presentes nos cadernos são alvo da crítica da literatura que tem analisado a racionalidade neoliberal e seus efeitos no âmbito da constituição da subjetividade dos indivíduos (FOUCAULT, 2008; DARDOT; LAVAL, 2016; LAZARATTO, 2018; CHMAYOU, 2020; SAFATLE; SILVA JÚNIOR; DUNKER, 2021). Para aprofundarmos a análise de elementos dos eixos e dos enunciados anteriormente apresentados, recorreremos, sobretudo, a Dardot e Laval (2016) e a Michel Foucault (2008). Esses estudiosos identificam a emergência do “empreendedor de si” ou do “sujeito empresarial”, que teria instaurado uma série de estímulos, de discursos e de mecanismos configuradores de um “devir-outro dos sujeitos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 322), identificado com a figura do homem competitivo redesenhado, permanentemente, pelo escopo neoliberal.

Além da função de fabricar corpos dóceis e obedientes, nos moldes do que se propunham as instituições disciplinares, como analisamos no primeiro capítulo, o que neoliberalismo fez foi unificar disciplina e sujeito empresarial. Conforme esclarece Dardot e Laval (2016), seguindo argumentos de Foucault (2008), a ênfase agora recai sobre o governo da subjetividade de um sujeito que deve estar envolvido e motivado a cumprir aquilo que dele

se exige. Portanto, “[...] deve-se reconhecer nele a parte irreduzível de seu desejo. [...] trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Como indicam Dardot e Laval (2016), o alvo do poder da empresa e do mercado é o desejo, fazendo com que os indivíduos se submetam à racionalidade da empresa, como se trabalhasse para si mesmos, evitando, desse modo, qualquer sentimento de alienação. A tática é fazer com que o indivíduo se sinta como protagonista de sua ação e de sua conduta, as quais teriam origem em seu próprio desejo. É por essa via que as técnicas de motivação, de estímulo e de incentivo passam a ocupar espaço nos processos formativos, incluído o espaço escolar. Assim, a cultura da empresa ou a governamentalidade empresarial adquire lugar estratégico nos currículos escolares.

É dessa perspectiva que lemos os cadernos sobre empreendedorismo na escola, nos quais aparecem, reiteradamente, diferentes maneiras de produzir nos alunos o desejo de ser um empreendedor, de ser alguém bem-sucedido, bastando para isso que os mesmos orientem suas condutas guiando-se por determinados modelos e por conselhos de especialistas. É importante destacar que as figuras modelares não são constituídas somente de pessoas famosas e “empoderadas”, mas também de pessoas como “nós”, que nos descobrimos ou nos descobriremos, em algum momento da vida, empreendedoras. Afinal, é para isso que a cultura empresarial trabalha.

A governamentalidade empresarial, ressaltam Dardot e Laval (2016), ao gerir os desejos dos indivíduos os sujeitam mais eficazmente à lógica da mercantilização do trabalhador, facilitando a aceitação ou a crença de que a desregulamentação do trabalho aumentaria o número de empregos e elevação da liberdade e de ganhos do trabalhador. No entanto, essa governamentalização tem levado à precarização do trabalho, ao aumento do número de empregos provisórios e precários, à intensificação da instabilidade no emprego com a ameaça constante de demissões e o empobrecimento das classes trabalhadoras no trabalho. Esses são os desdobramentos decorrentes do processo de empresariamento da vida, que visa a adaptar a subjetividade dos sujeitos às condições de competitividade do mercado. É dessa perspectiva que o modelo da empresa se torna referência modelar para a sociedade para o indivíduo. Sobre isso escrevem Dardot e Laval (2016, p. 332):

[...] a empresa torna-se não apenas um modelo geral que deve ser imitado, como também uma atitude que deve ser valorizada na criança e no aluno, uma energia potencial que deve ser solicitada no assalariado, uma maneira de ser que é produzida pelas mudanças institucionais e ao mesmo tempo produz

melhorias em outros domínios. Estabelecendo uma correspondência íntima entre o governo de si e o governo das sociedades, a empresa define uma nova ética, isto é, certa disposição interior, certo ethos que deve ser encarnado com um trabalho de vigilância sobre si mesmo e que os procedimentos de avaliação se encarregam de reforçar e verificar.

Na constituição ética do sujeito e do governo de si são exaltados valores, como criatividade, iniciativa, disposição, responsabilidade, capacidade de fazer escolhas e comunicabilidade. Todos esses valores são, insistentemente, reiterados e fomentados nas práticas escolares expressas nos recortes que foram apresentados anteriormente. O treino, o preparo, e determinados valores é condição para que o indivíduo maximize seu capital humano, via o autoaprimoramento, o que se supõe o conduzirá a melhorar seu desempenho. Ainda que os discursos embalados pelos valores mencionados estejam articulados às noções de cooperação e de colaboração, todos os jargões próprios do mercado empresarial, no fundo, a ética empresarial, assinalam Dardot e Laval (2016, p. 333), “exalta o combate, a força, o vigor e o sucesso”. Na realidade, esconde-se por trás da aparente suavidade dos discursos a brutalidade e a precariedade das relações de trabalho.

Na constituição ética do sujeito, no contexto do neoliberalismo contemporâneo, há o investimento em técnicas para aumentar o desempenho. Dardot e Laval (2016) retomam de Foucault a ideia de *ascese*, acoplando-a à noção de desempenho: “asceses de desempenho”⁷. Para os autores, ela configura uma das maneiras de “aliciar as subjetividades”, a qual ocorre através da aplicação de teste de personalidade, de técnicas de controle das emoções, de treino para o uso correto da linguagem e de práticas motivacionais. São todas práticas de governo de si, voltadas para o ajustamento total do indivíduo à empresa.

São técnicas de autopersuasão e persuasão. Trata-se primeiramente de o indivíduo se convencer e de se imbuir de determinados valores, para que depois ele possa exercer o convencimento sobre outros, quando ocupar a função de liderança no interior da própria empresa. Pensado nesses termos, podemos dizer que os recortes que trouxemos dos cadernos didáticos cumprem a função de conduzir os alunos a uma compreensão de si mesmos através

⁷ É importante destacar nesse ponto a distinção que Dardot e Laval (2016) estabelecem entre o sentido da ascese e governo de si na ética grega clássica, na perspectiva foucaultiana, e o modo como ela é apropriada de forma falaciosa pela ascese da empresa: “A assimilação das práticas de gestão às práticas antigas é, evidentemente, um procedimento falacioso, que visa a dar-lhes um forte valor simbólico no mercado da formação dos assalariados. O que é suficiente estabelecer aqui é que a ascese da empresa de si mesmo termina com a identificação do sujeito com a empresa, deve produzir o que chamamos antes de sujeito do envolvimento total, ao contrário dos exercícios da ‘cultura de si mesmo’ dos quais trata Foucault, cujo objetivo é estabelecer uma distância ética em relação a si mesmo, uma distância em relação ao todo social” (p. 339).

da autorreflexão e de pequenos exercícios de meditação e de autodiagnóstico. São exercícios realizados em grupo ou mesmo sozinhos, no ambiente escolar, embora sejam exercícios e conselhos praticados e professados no ambiente da empresa e fora dele.

No jogo da autopersuasão e da persuasão é de suma importância a comunicação e o controle que cada um deve exercer sobre ela, conscientizando-se de seus sentimentos e de suas emoções, de tal modo que as situações que estejam em questão sejam solucionadas. Por isso mesmo, há o emprego de uma pragmática comunicacional que se pretende eficaz, determinante ou propiciadora das condições psicológicas que facilitam a autopersuasão e a persuasão. A linguagem figura aqui como reforço psicológico que estimula a autorresponsabilidade, a autoestima e a autonomia, como condição para aumentar a capacidade de liderança e o próprio carisma.

Para finalizar, podemos dizer, seguindo Dardot e Laval (2016), que a gestão da alma, entendida como transformação de si mesmo, está atrelada, no contexto neoliberal, ao processo de gestão e de empresariamento de si mesmo. O movimento de interiorização espelha-se ou realiza-se em consonância com a universalização dos pressupostos éticos do *ethos* neoliberal. O que se espera é que cada indivíduo se transforme, conforme argumenta Foucault (2008), em *homo oeconomicus*, portanto, naquele que se adapta à realidade e que vai responder sistematicamente às suas demandas. Nesse sentido, o *homo oeconomicus* é o parceiro da nova razão governamental, o qual está lançado no jogo das incertezas e da impermanência do próprio mercado. No entanto, do ponto de vista dos discursos e da produção de verdades e de seus efeitos de poder, o sucesso ou o fracasso de cada sujeito é de responsabilidade de cada um dos competidores. Estará mais apto à sobrevivência aquele que melhor souber investir ou adquirir um capital humano raro.

Em suma, percebe-se que os avanços do Neoliberalismo foram decisivos para moldar uma escola sob os efeitos das políticas neoliberais. Nota-se, a partir da análise dos eixos temáticos, dos pressupostos teóricos e das atividades desenvolvidas pelo material didático, uma articulação entre os discursos neoliberal e empreendedorismo, com ênfase nos campos dos saberes da “Psi” e da Neurociência, visto que, o sujeito empreendedor é/deve ser dotado de habilidades e de competências para atender às demandas do mercado de trabalho. Para isso, devem ser movidos diferentes campos de saberes, e as competências devem ser desenvolvidas ao máximo e amplamente, ou seja, o discurso empreendedor responsabiliza o sujeito pelo seu sucesso ou fracasso e, ao mesmo tempo, torna-se sedutor, justamente porque se utiliza de estratégias que produzem novos modos de subjetividade. Resta-nos saber quais resistências ou formas de enfrentamento dessa “nova” realidade, como resistir aos efeitos de políticas

neoliberais que podem ser vistas com caráter individual, porém que precisam da coletividade para existir e que, ao mesmo tempo, tentam reduzir ao máximo a intervenção do Estado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, tivemos como objetivo geral analisar os livros didáticos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, intitulados “Empreendedorismo e Projeto de Vida”, elaborados pela Metodologia OPEE – Orientação Profissional, Empregabilidade e Empreendedorismo, de autoria de Leo Fraiman. Essa coletânea é composta por uma sequência didática que vai do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Em função do tempo do mestrado e também do caráter reiterativo do material analisado, optamos por concentrar a análise sobre os cadernos utilizados nos cinco primeiros anos do Ensino Fundamental. É importante salientar que se trata de material didático utilizado por várias instituições de ensino privado da região de Presidente Prudente-SP.

Na análise dos cadernos, tivemos como preocupação central problematizar o modo como se faz presente na escola o discurso empreendedor, bem como se estabelece a relação entre esse discurso, o neoliberalismo e a maneira como ocorre no âmbito das relações de saber e de poder, no contexto de ensino e de aprendizagem, os processos de subjetivação que objetivam o sujeito para si mesmo e para os outros. Portanto, o nosso foco de análise esteve voltado para os enunciados que repetem e, assim, reforçam, muitos dos princípios e dos valores do neoliberalismo econômico, em circulação em diferentes instâncias formativas, com destaque para o papel que é requerido da escola nesse contexto.

Nesse sentido, a escola emerge na modernidade como uma instituição que não está fora das relações sociais de poder, mas está intrinsecamente ligada ao jogo das relações de saber e de poder nas quais ela se insere. Relações que são ambíguas, pois elas tanto podem domesticar e homogeneizar as diferenças quanto podem produzir outros modos de se conduzir na vida, que afrontam uma determinada ordem discursiva e de poder. Dessa perspectiva, a escola não se constitui como a instituição, a princípio, emancipadora, nos moldes do que foram os propósitos dos ideais universais do iluminismo, mas ela se configura um espaço formativo em que as disputas ocorrem e não se dão alheias aos interesses econômicos, políticos e sociais que tecem cada momento histórico.

Nas últimas três décadas tem predominado, sobretudo no âmbito da economia e da política discursos e práticas que reduzem o papel do Estado no desenvolvimento de políticas públicas para saúde, educação, emprego, seguridade social, saneamento básico e meio ambiente. No caso específico da educação, não se trata somente de redução de investimentos, mas também da incorporação no âmbito dos currículos escolares de discursos voltados ao

empreendedorismo, como indutor de novas subjetividades identificadas, portanto, ajustadas ao *ethos* neoliberal. É dessa perspectiva que os cadernos “Empreendedorismo e projeto de vida” funcionam, na análise que fizemos a partir, sobretudo, de Foucault e Dardot e Laval, como um dispositivo de governamentalidade que agencia processos de subjetivação.

Pensar os cadernos como dispositivos de governamentalidade nos possibilitou identificar algumas proposições e enunciados que reverberam, claramente, os valores e os princípios do neoliberalismo. Conforme esclarecemos na introdução desta pesquisa, o nosso intuito não foi nos certificar do quanto ou não os alunos estariam identificados com esses valores, o que demandaria um outro tipo de pesquisa, mas de compreender como aparecem nos cadernos determinados enunciados e os efeitos de verdade que os mesmos visam produzir nos sujeitos.

É importante destacar que na governamentalidade neoliberal entra em cena novas maneiras de se exercer o controle e a subjugação dos sujeitos. Se a disciplina ocupou centralidade nas instituições disciplinares tradicionais, no contexto da modernidade, aos poucos, entram em cena outros expedientes de agenciamento das subjetividades, os quais não estão somente focados na obediência e na docilização dos corpos, mas que passam a ter como alvo a produção de disposições afetivas e de desejos alinhados ao governo econômico dos indivíduos. Instaure-se aqui uma nova maneira de exercer o governo da vida e a condução da conduta dos sujeitos, que passa pelo fomento dos princípios do autoempreendedorismo, de tal modo que os indivíduos se rendam voluntariamente aos mecanismos indutores de processos de subjetivação e de individuação regidos pela lógica econômica.

Essa nova forma de exercício da governamentalidade, ao se valer dos elementos do empreendedorismo, procura mobilizar nos sujeitos, via a uma série de enunciados, os quais miram a ideia de autonomia, de liberdade de escolha, de criatividade, de inovação, de controle emocional, de sucesso e de realização profissional. Todos esses aspectos são mobilizados como capital humano que os indivíduos podem e devem adquirir para concorrer num mercado de trabalho que se tornou flexível, impermanente e incerto. Para isso, entretanto, os indivíduos devem passar por uma transmutação subjetiva, através da incorporação de comportamentos e de crenças que exigem dos sujeitos memorização, repetição, preparo e treino como técnicas de modelação da subjetividade.

Destacamos no terceiro capítulo desta dissertação, algumas proposições que na nossa compreensão se filiam à lógica do empreendedorismo. A primeira proposição é construída a partir do reforço modelar das figuras bem-sucedidas no esporte, como Pelé e Guga, apresentadas como pessoas criativas, inovadoras, batalhadoras e que souberam apresentar

soluções criativas a desafios que tiveram que enfrentar. São duas figuras bem-sucedidas no esporte e que subliminarmente demandam dos sujeitos disposição para competitividade. O modelo dos esportistas e, por tabela, a competitividade esportiva, apresenta-se como um valor que deve modelar o comportamento das crianças desde muito cedo. Esse não é um expediente novo no agenciamento da subjetividade dos indivíduos, mas que exercem nos mais jovens o fascínio e a crença de que a vida é competição e a certeza de que os melhores vencerão e estarão no topo da cadeia. Associa-se a esse raciocínio a cultura do desempenho, tão requisitada pelo neoliberalismo, defendida e sempre alimentada pela ideia do esforço individual, condição essencial para vencer na vida.

São utilizadas também imagens do cartunista Maurício de Sousa e um breve relato de sua história e de seus personagens. Em seguida, é ressaltado o sucesso do cartunista em vários países. O uso de Maurício de Sousa está associado, certamente, ao sucesso do autor com os pequenos leitores e à ideia de alguém bem-sucedido profissionalmente. Na descrição feita do perfil empreendedor do cartunista, estão destacadas as seguintes qualidades: criatividade, perseverança, autonomia, comprometimento e flexibilidade. Essas qualidades são didaticamente descritas, numa atitude aconselhamento que soa como um convite a para que os sujeitos desenvolvam essas qualidades. Obviamente que essas são as qualidades, digamos, reiteradamente repetidas pelos discursos empreendedores, como aquelas requeridas para estruturação da subjetividade do *homo oeconomicus* do neoliberalismo. Assim, por exemplo, está definida a flexibilidade: “é o que nos leva a mudar o rumo ou nos adaptarmos quando algum obstáculo aparece em nosso caminho”. Esta talvez seja a habilidade mais demandada hoje dos “sujeitos empreendedores”, no momento em que aumenta o desemprego e cresce o número de trabalhadores informais, os quais são obrigados a se ajustarem à lógica da precarização e da desregulamentação das leis trabalhistas.

Se as histórias e as imagens de pessoas famosas e bem-sucedidas são úteis como figuras modelares, logo são feitas ressalvas de que o empreendedorismo de sucesso não está reservado somente às figuras famosas, o que revelaria o contrassenso do próprio discurso sobre o empreendedorismo, posto que há um número bastante restrito de bem-sucedidos. Então, é preciso reequilibrar a situação, ressaltando que o empreendedorismo ocorre de diferentes formas e que há variados tipos de empreendedores, inclusive aqueles que não são conhecidos internacionalmente. No fundo, o que importa é que o aluno apreenda que o gesto de se tornar empreendedor tem relação com o futuro profissional, como sonhos, perspectivas e projetos, embora seja ressaltado que esse seja um jogo complexo, imprevisível e desafiador. No entanto, o dono do jogo é o próprio aluno. Nas entrelinhas, está descrito que empreender é

um jogo complexo que comporta riscos, mas cada um é responsável pelo controle desse jogo, o que, a princípio, soa estranho e falacioso, fazendo crer que essa é uma situação de jogo em que o jogador pode controlar os lances, posto que ele é dono do jogo. E como exercer esse controle? Investindo em si mesmo e regulando a vida pela racionalidade da própria empresa.

É nesse momento que outras figuras ou as imagens modelares de empreendedores são exploradas, tornando essa prática acessível a todo mundo. No corpo dos recortes aparecem as figuras do Betinho e de uma garotinha, ambos vitimados por doenças congênitas, mas que souberam transformar as dificuldades e as limitações de saúde em motivo para superação. Isso não está dito dessa maneira nos recortes, mas fica subtendido.

Há no conjunto do material analisado uma série de conselhos, de sugestões e de exercícios propostos como técnicas de si, em que ao estudante é ensinado o combate à negatividade, sugerindo alguns exercícios, como, por exemplo: “diga a si mesmo frases positivas”; “lembre-se de situações em que você se saiu bem”; “fique de pé por dois minutos em posição de poder pense que é capaz e que tem força...”; “comemore cada passo em direção ao sucesso”. Todas essas técnicas fazem parte dos manuais de autoajuda e das expertises daqueles que proferem os discursos do empreendedorismo. No entanto, essas técnicas não levam à adoção de uma conduta que rompe com a ordem estabelecida, mas, ao contrário, reforçam os modos de sujeição a ela.

Para finalizar, ressaltamos que há uma apropriação pelo mercado da relação que os indivíduos estabelecem consigo mesmos e os espaços formativos, como é o caso da escola, que incorporaram dispositivos que fomentam a governamentalidade empresarial que visa a transformar cada pessoa numa espécie de “indivíduo-empresa”. Neste caso, a empresa é transformada no modelo que deve ser subjetivado pelos indivíduos, os quais devem administrar seu capital e fazer render seus dividendos.

Romper com essa governamentalidade neoliberal é tarefa complexa, posto que a mesma é indutora de processos de subjetivação assentados na incitação de desejos, acerca dos quais o próprio sujeito que deseja não percebe que ele deseja o que o mercado econômico lhe impõe. Há toda uma engenharia em funcionamento que busca convencer a cada um de que ele é o responsável pelo seu próprio sucesso ou fracasso. O desafio parece estar na possibilidade de opor a tudo isso contracondutas que conduzam a novos processos de subjetivação. O desafio então está em como não se conduzir como uma empresa e não se relacionar com os outros tendo como parâmetro a norma da concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016). Trata-se, nesse caso, como indicam Dardot e Laval (2016, p. 401), de “recusar funcionar como uma empresa de si, que é distanciamento de si mesmo e recusa do total engajamento na corrida do

desempenho, na prática só pode valer se forem estabelecidas, com relação aos outros, relações de cooperação, compartilhamento e comunhão”.

Encerrar essas considerações com essa citação, sem desenvolvê-la ou seguir adiante com a argumentação dos autores, pode parecer uma fuga, e certamente o é. No entanto, a frase nos remete à ideia de que as saídas não passam pelos individualismos, mas passam, sim, pela invenção de saídas coletivas que possam intensificar as contracondutas de cooperação que rompem com a nossa cumplicidade com o sistema (DARDOT; LAVAL, 2016).

Enfim, esta discussão não se encerra aqui, mas abre possibilidades para estudos posteriores sobre a temática e, mais do que isso, torna-se o início de uma longa reflexão a respeito dos caminhos que a Educação vem trilhando.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009, p. 25-51.

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial**. Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Zazie Edições: Rio de Janeiro, 2018.

CASTRO, Edgardo. Biopoder. **Vocabulário de Foucault**. Trad. De Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte, MG., Autêntica Editora, 2009.

CASTRO, Edgardo. **Governo, Governar, Governamentalidade**. Vocabulário de Foucault. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009, p. 188-193.

CASTRO, Edgardo. Liberalismo. **Vocabulário de Foucault**. Trad. De Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte, MG., Autêntica Editora, 2016, p. 243-244.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELORS, Jacques *et al.* **Educação um tesouro a descobrir**. relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1996.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DUARTE, André. **Vidas em risco**. Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 35-61.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance**: a aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução de Pedro F. Bendassolli. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 243-276.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal: 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**. Vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Aula de 14 de março de 1979. *In*: FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Aula de 21 de março de 1979. *In*: FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos VII**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**: ditos e escritos vol. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-140.

FRAIMAN, Leo. **Empreendedorismo e projeto de vida**: 1º ano: Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

FRAIMAN, Leo. **Empreendedorismo e projeto de vida**: 2º ano: Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

FRAIMAN, Leo. **Empreendedorismo e projeto de vida**: 3º ano: Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

FRAIMAN, Leo. **Empreendedorismo e projeto de vida**: 4º ano: Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

FRAIMAN, Leo. **Empreendedorismo e projeto de vida**: 5º ano: Ensino Fundamental. 1. ed. São Paulo: FTD, 2016.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-1 Edições, 2017.

MINTO, Lalo Watanabe. Disponível em:
http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_teorias_do_capital_humano.ht. Acesso em: 24 mar. 2014.

ROSA, Susel Oliveira da. Os investimentos em “capital humano”. *In*: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 35-61.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SALGADO, Júlia. Acultura empreendedora nos discursos sobre a juventude. *In*: **Revista Galáxia** (São Paulo Online), n. 25, p. 193-204, jun. 2013).

SCHULTZ, T. **O Capital Humano**: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Editores Zahar, 1973.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. *In: COLÓQUIO FOUCAULT*, 11, 1999. Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

ANEXOS

Os livros selecionados estão estruturados da seguinte forma:

TABELA 1 – Apresentação e organização do material didático

- “Turma do Léo: Nesta parte, apresenta-se as personagens que acompanharão os alunos durante o desenvolvimento das atividades, ao longo da coleção.
- Abertura de módulo: Inicia o trabalho com uma cena que representa o que será estudado no módulo.
- Conteúdo teórico: Por meio de textos e imagens, expõe o conteúdo do módulo. A seção apresenta perguntas de conhecimento prévio ou de aquecimento, textos referentes ao assunto e o uso de diferentes gêneros e variados recursos visuais.
- Pensar, sentir e agir: Apresenta atividades sobre os assuntos tratados.
- Valores e atitudes: Apresenta por meio de texto e imagens dois valores importantes. Por exemplo: cuidado e responsabilidade.
- Atividade Lúdica: propõe uma atividade bem divertida.
- Diário de bordo: Reforça o conteúdo estudado por meio de atividades.
- Saberes em prática: Sugere projetos e jogos sobre o que estudante aprendeu.
- Em prosa e verso: Nesta seção, são apresentados diferentes gêneros textuais: contos, fábulas, poemas, letras de canção, relacionados ao tema do módulo.
E mais...alguns boxes:
- O que diz o texto: atividades relacionadas ao texto da seção Em prosa e verso .
- Roda de conversa: É o momento de conversar sobre a história apresentada.
- Ideias em rede: indica filmes, livros e sites para aprofundamento dos temas”.

Fonte: Adaptada pela autora (2022).

No início do livro, antes de apresentar o módulo 1, aparecem as personagens que farão parte de todo conteúdo desenvolvido e das atividades propostas.

Ao total, são 6 personagens: Vítor, Patrícia, Leo, Mariana (usuário de cadeira de rodas), Silvana e Tadeu (menino negro/preto). Cada um desses personagem é apresentado com suas características e gostos pessoais. Observe a imagem a seguir:

Figura 20 – Personagens da Coleção



Fonte: Material didático.

a) Livro do 1º Ano – “Cada um é um”



TABELA 2 – Conteúdos do 1º ano

- Módulo: Descobrindo a si mesmo.

- **Módulo 1: Cada um é um**

- Apresenta as diferenças entre as pessoas;
- Seção “*Pensar, ser e agir*” - Atividades de identificação, por exemplo: gostos;
- Tópico dos **Sentimentos** – O que é? Como? Quais? –
- Seção “*Pensar, ser e agir*”- Atividades relacionadas aos sentimentos
- *Em prosa e verso* traz uma história conhecida pelas crianças: Os três Porquinhos; as atividades exploram as características das personagens; e em seguida, propõe se a criança se identifica com alguma das personagens, e também, questiona (opinião) sobre a atitude do porquinho que ajudou os dois irmãos, essas questões encontram-se na seção “roda de conversa”.

Na sequência, atividades simples referente a história apresentada.

Observação: As histórias utilizadas nos livros estão sempre relacionadas à literatura infantil conhecidas pelo público infantil a qual se destinam.

- *Atividade lúdica*: Desenho em tamanho natural.
- No tópico Valores e Atitudes, são abordados dois valores: Cuidado e Responsabilidade, explorando os conceitos a partir de atividades.
- *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo.
- *Ideias em rede*: Indicação de livro- “Cabeças”, Matthew Van Fleet.

- Módulo: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões.

- **Módulo 2: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões**

- **O que é trabalho?** (Texto-Explicação);
- Neste tópico é abordado o trabalho remunerado, doméstico e voluntário. Destaca-se em um determinado momento do texto a atuação da pessoa empreendedora no mundo trabalho.
- Exemplo: A figura do jogador Pelé (esportista).
- Seção “*Pensar, ser e agir*”- Atividades relacionadas ao (mundo) do trabalho;
- Na sequência aparecem **As Profissões**.
 - O que é profissão?
 - Profissão x Trabalho
- Seção “*Pensar, ser e agir*”- Atividades relacionadas às profissões.

• Em <i>prosa e verso</i> apresenta o texto: O pintor de Jundiaí. - Na <i>roda de conversa</i> trata da profissão pintor. Qual a sua função? Alguém conhece um pintor? - Estudo do texto (atividades simples) • <i>Valores e atitudes</i>. Agora, os valores abordados são: <u>Amor e Tolerância</u>, também explora conceitos a partir das atividades. • <i>Diário de bordo</i>: atividade para finalizar o módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de livros- “Coleção Hoje Vou Ser...”, Ana Oom.
- Módulo: Descobrindo a vida financeira. • <u>Módulo 3: Descobrindo a vida financeira</u> • <u>Querer ou precisar:</u> - Apresenta um texto explicando que o <i>querer</i> está voltado para o <i>desejo</i> e o <i>precisar</i> está voltado para a <i>necessidade</i>. • Seção “<i>Pensar, ser e agir</i>”: aborda um gênero textual (história em quadrinhos), e em seguida, traz algumas questões referentes aos desejos; a influência do desejo na criança. - Atividades relacionadas ao texto. • <u>Poupar e economizar</u> - Por meio de atitudes do dia a dia, o texto busca apontar diferentes formas de poupar. • Seção “<i>Pensar, ser e agir</i>”: Atividades relacionadas a poupar e economizar. *O autor destaca a importância dos sonhos. • Em <i>prosa e verso</i> a história utilizada é: João e o pé de feijão. Na sequência, na <i>roda de conversa</i> algumas questões são colocadas para reflexão. Na sequência, atividades simples referente a história apresentada. • <i>Proposta da atividade lúdica</i>: Plantar feijão. • <i>Valores e atitudes</i>: neste módulo, os valores abordados são: <u>simplicidade e paz</u>, também apresenta atividades para explorar tais valores. • <i>Diário de bordo</i>: atividades para finalizar o conteúdo abordado no módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de livro- “Quero ser rico: rico de verdade”, Álvaro Modernell. • <i>Saberes em prática</i>

- *Projeto Especial*: Representação artística de um sentimento.
- *Jogos*: Memória.

Fonte: Adaptada pela autora (2022).

b) Livro do 2º Ano – “Quem somos?”



Tabela 3 – Conteúdos do 2º ano

- Módulo: Descobrindo a si mesmo.

- **Módulo 1: A importância dos nomes**

- Apresenta um texto sobre a importância do nome e do registro (exemplo: modelo de certidão de nascimento);
- Atividades relacionadas ao nome;
- Tópico – **“Estou mudando”** – Apresenta um texto tratando das mudanças que ocorrem durante a fase de crescimento e ao longo da vida adulta. Mudanças físicas e pessoais. Em seguida, proposta de atividades presentes na seção *“Pensar, sentir e agir”*.
- Em *prosa e verso* traz uma música de Toquinho, “Gente tem sobrenome”. Na “roda de conversa”, lança algumas questões relacionadas ao nome e apelidos.

Na sequência, algumas atividades para complementar o estudo do nome.

- *Atividade lúdica*: A proposta de elaborar uma história em quadrinhos a partir da rotina da criança.
- No tópico Valores e Atitudes, são abordados dois valores: Diversidade e Respeito, explorando os conceitos a partir de atividades.
- *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo (Tirinha do Calvin & Haroldo).

Ideias em rede: Indicação de livro- “Rosita Maria Antonia Martins da Silva”, Ana Terra.

- Módulo: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões.

- **Módulo 2: Profissões e formas de trabalho**

- Neste tópico são abordadas as profissões antigas e atuais de forma sucinta e com exemplos. Depois, são abordadas as diferentes formas de trabalho no campo. São elas: mão de obra familiar, posseiros, parcerias, arrendatários e trabalhadores assalariados temporários.
- Na seção “Pensar, sentir e agir”: atividades relacionadas às profissões.
- **O empreendedor brasileiro**

Neste tópico, o texto aborda questões, como: O que é empreendedorismo? O que significa? E apresenta um exemplo de empreendedor.

- Na seção *“Pensar, sentir e agir”*: atividades relacionadas ao

empreendedorismo.

- Em *prosa e verso* apresenta o texto (poema): Cara pintada.
- Na *roda de conversa* trata da profissão palhaço e apresenta algumas questões para trocar ideias.
- Estudo do texto (atividades simples).
 - *Proposta atividade lúdica*: Pintura facial de palhaço.
 - *Valores e atitudes*. Agora, os valores abordados são: Felicidade e Cooperação, também explora conceitos a partir das atividades.
 - *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo.
 - *Ideias em rede*: Indicação de livro- “E o palhaço o que é?”, Guto Lins.

- Módulo: Descobrindo a vida financeira.

- **Módulo 3: Nem todo desejo é necessidade**
- Desejo ou necessidade:
- Apresenta um texto explicando a diferença entre querer ou precisar.
 - Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: Atividades relacionadas ao desejo e necessidade.
 - **O que é dinheiro?**

O texto aborda aspectos históricos relacionados ao dinheiro e, apresenta os valores em moedas e cédulas.

- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao dinheiro.
- Em *prosa e verso* a história utilizada é: Como ser rica e especial. Na seção “*roda de conversa*”, lança-se algumas questões relacionadas a história e reforça o diálogo sobre sonhos e sentimentos.
- Estudo do texto (atividades simples)
 - *Proposta de atividade lúdica*: Feira de trocas.
 - *Valores e atitudes*: neste módulo, os valores abordados são: Amor e Universalidade, também apresenta atividades para explorar tais valores.
 - *Diário de bordo*: atividades para finalizar o conteúdo abordado no módulo.
 - *Ideias em rede*: Indicação de livro- “Crise financeira na floresta”, Ana Paula Hornos.
 - *Saberes em prática*
- *Projeto Especial*: Homenagem aos professores e profissionais da escola.
- *Jogos*: 1- Conte uma história

2- Roda dos alimentos (alimentação saudável).

Fonte: Adaptada pela autora (2022).

c) Livro do 3º Ano – “Cuidando de si”



Tabela 4 – Conteúdos do 3º ano

- Módulo: Descobrindo a si mesmo.

- **Módulo 1: Palavras e sentimentos**

- Apresenta um texto sobre a importância de cuidar dos sentimentos (como identificar e demonstrar);
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: Atividades relacionadas aos sentimentos;
- Em *prosa e verso* traz um texto de Eduardo Galeano, “Janela sobre a palavra (IV)”. Na “*roda de conversa*”, lança algumas questões relacionadas às emoções.

Na sequência, algumas atividades para complementar o estudo do texto.

- *Proposta de atividade lúdica*: Mímica dos sentimentos.
- Tópico – **“Erros e medos”** – Apresenta um texto tratando do “papel” e da importância dos erros e medos na nossa vida. Em seguida, proposta de atividades presentes na seção “*Pensar, sentir e agir*”.
- No tópico *Valores e Atitudes*, são abordados dois valores: Respeito e Responsabilidade, explorando os conceitos a partir de atividades.
- *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo
- *Ideias em rede*: Indicação de livro- “O livro dos sentimentos”, Todd Parr.

- Módulo: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões.

- **Módulo 2: Profissões**

- Neste tópico é abordado tipos de profissionais.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas às profissões.
- **Empreendedor brasileiro**

Neste tópico, o texto aborda questões, como abrir o próprio negócio e cita quais aspectos são considerados importantes; apresenta um exemplo de empreendedor- o tenista Guga. Por fim, apresenta a regra dos 5S (cinco palavras em japonês que formam um conjunto de atitudes).

- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao empreendedorismo.
- Em *prosa e verso* apresenta o texto em homenagem aos professores: “Lembrança” de Maria Libia Naves Pepe.

- Na *roda de conversa* trata da profissão e importância do professor e apresenta algumas questões para trocar ideias.

- Estudo do texto (atividades simples).

- *Proposta atividade lúdica:* Cartão de retalhos.
- *Valores e atitudes.* Agora, os valores abordados são: Persistência e Solidariedade, também explora conceitos a partir das atividades.
- *Diário de bordo:* atividade para finalizar o módulo.

Ideias em rede: Indicação de livro- “O que você vai ser quando crescer?”, Galia Lami Dozo.

- Módulo: Descobrindo a vida financeira.

- **Módulo 3: Poupar e economizar**

- Apresenta um texto explicando a diferença entre poupar e economizar.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: Atividades relacionadas a poupar e economizar.
- **Dinheiro**
- O texto aborda aspectos relacionados ao dinheiro, discute sua utilidade e apresenta alguns exemplos de diferentes moedas existentes no mundo.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao dinheiro, como poupar e economizar.
- Em *prosa e verso* o poema utilizado é: O cofrinho, de Tatiana Belinky. Na seção “*roda de conversa*”, lança-se algumas questões relacionadas à história e reforça o diálogo sobre o “bom senso”.

- Estudo do texto (atividades simples)

- *Proposta de atividade lúdica:* Cofrinho.
- *Valores e atitudes:* neste módulo, os valores abordados são: Cooperação e Prudência, também apresenta atividades para explorar tais valores.
- *Diário de bordo:* atividades para finalizar o conteúdo abordado no módulo.
- *Ideias em rede:* Indicação de filme- “Wall-E”, Direção: Andrew Stanton.
- *Saberes em prática*

- *Projeto Especial:* Aprendendo a fazer escolhas.

- *Jogos:* Trilha dos valores.

Fonte: Adaptada pela autora (2022).

d) Livro do 4º Ano – “A melhor versão de si”



TABELA 5 – Conteúdos do 4º ano

- Módulo: Descobrindo a si mesmo.

- **Módulo 1: Palavras e sentimentos**

- Apresenta um texto sobre a importância das relações humanas; (A relação humana destacada é a amizade).
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: Atividades relacionadas ao texto.
- Tópico – “**A melhor versão de si mesmo**” – Apresenta um texto tratando de situações da vida e a relação em ser pessimista ou otimista; Como reagimos diante das situações? Com “mimimi” ou de forma positiva. Apresenta algumas dicas de “*Empoderamento*” pessoal.
- Seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao modo “mimimi” ou modo otimista.
- Em *prosa e verso* traz a fábula “A raposa e a cegonha”, de Fábulas de la Fontaine. Na “*roda de conversa*”, lança algumas questões relacionadas à história para ser discutida com os estudantes.

Na sequência, algumas atividades para complementar o estudo do texto.

- *Proposta de atividade lúdica*: Pega-Pega.
- No tópico *Valores e Atitudes*, são abordados dois valores: Humildade e Colaboração, explorando os conceitos a partir de atividades.
- *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo.
- *Ideias em rede*: Indicação de livro- “Diversidade”, Tatiana Belinky.

- Módulo: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões.

- **Módulo 2: O que posso fazer?**

- Neste tópico é retomada a discussão referente as profissões antigas e atuais de forma sucinta e com exemplos. A ideia é ampliar a discussão e, consequentemente, o repertório dos estudantes para uma futura escolha profissional.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: Atividades relacionadas ao texto (profissões).
- **Um empreendedor brasileiro**
- Neste tópico, o texto apresenta o exemplo de outro empreendedor- o cartunista Maurício de Sousa. A partir disso, são elencadas algumas qualidades que as pessoas empreendedoras, normalmente, dispõem.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao texto.

• Em <i>prosa e verso</i> traz a fábula “A cigarra e a formiga”, de Fábulas de la Fontaine; e também, apresenta um texto sobre a “Declaração dos Direitos das Crianças”, do IBGE. • Na “<i>roda de conversa</i>”, lança algumas questões relacionadas à história e aos direitos das crianças para ser discutida com os estudantes. - Estudo do texto (atividades simples). • <i>Proposta de atividade lúdica</i>: Gincana das Profissões. • No tópico <u>Valores e Atitudes</u>, são abordados dois valores: <u>Igualdade e Liberdade</u>, explorando os conceitos a partir de atividades. • <i>Diário de bordo</i>: atividade para finalizar o módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de livro- “Pra lá de Marrakech”, de Rogério Andrade.
- Módulo: Descobrindo a vida financeira. • <u>Módulo 3: Organizando a vida</u> • Apresenta um texto explicando o “método de organização”, que está baseado em cinco etapas: “utilização, ordenação, limpeza e manutenção da limpeza, saúde e bem-estar e autodisciplina”. • Na seção “<i>Pensar, sentir e agir</i>”: Atividades relacionadas ao método. • <u>Mesada, Semanada e Empreendedorismo</u> • O texto aborda aspectos relacionados a mesada ou semanada e como “empregar” esse dinheiro (empreender). • Na seção “<i>Pensar, sentir e agir</i>”: atividades relacionadas ao texto. • Em <i>prosa e verso</i> traz a letra da música: Criança não trabalha, de Arnaldo Antunes; Paulo Tatit • Na seção “<i>roda de conversa</i>”, lança-se algumas questões relacionadas à música. - Estudo do texto (atividades simples) • <i>Proposta de atividade lúdica</i>: Varal de quadrinhos. • <i>Valores e atitudes</i>: neste módulo, os valores abordados são: <u>Simplicidade e Honestidade</u>, também apresenta atividades para explorar tais valores. • <i>Diário de bordo</i>: atividades para finalizar o conteúdo abordado no módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de vídeos/site- “Turma da Bolsa” (Bovespa). • <i>Saberes em prática</i> - <i>Projeto Especial</i>: Aprendendo a doar.

- *Jogos*: Trilha dos hábitos.

Fonte: Adaptada pela autora (2022).

e) Livro do 5º Ano – “Como eu me vejo”



TABELA 6 – Conteúdos do 5º ano

- Módulo: Descobrindo a si mesmo.

- **Módulo 1: Linha do tempo**

- Apresenta um texto sobre a importância dos ciclos na nossa vida; (A História em ordem cronológica).
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*: Atividades relacionadas ao texto. (Linha do tempo)
- Tópico – “**Como eu me vejo**” – Apresenta um texto tratando das qualidades pessoais e como desenvolvê-las; autoconhecimento.
- Seção “*Pensar, sentir e agir*: atividades relacionadas ao autoconhecimento. (Metas)
- Em *prosa e verso* traz a fábula “A queixa do pavão”, de Fábula de Esopo.
- Na “*roda de conversa*”, lança algumas questões relacionadas à história para ser discutida com os estudantes.

Na sequência, algumas atividades para complementar o estudo do texto.

- *Proposta de atividade lúdica*: Origami do pavão.
- No tópico *Valores e Atitudes*, são abordados dois valores: Tolerância e Responsabilidade, explorando os conceitos a partir de atividades.
- *Diário de bordo*: atividade para finalizar o módulo.
- *Ideias em rede*: Indicação de livro- “Autorretrato”, Renata Bueno.

- Módulo: Aprendendo sobre o trabalho e as profissões.

- **Módulo 2: Construindo uma marca**

- Neste tópico, o texto aborda o que é marca e a relação com o produto. Em seguida, trata da marca pessoal, ou seja, como criar o “marketing pessoal”.
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*: Atividades relacionadas ao texto (marca).
- **Ser empreendedor**
- Neste tópico, o texto apresenta outras formas de empreendedorismo, com mais dois exemplos de empreendedores- o sociólogo Herbert José de Souza, conhecido como Betinho (e seu projeto social); e a jornalista Francine Lima, que atua nas redes sociais, tratando do assunto “mercado de alimentos” (hábitos alimentares).
- Na seção “*Pensar, sentir e agir*”: atividades relacionadas ao texto.
- Em *prosa e verso* traz um poema “Matéria de rascunho”, de Eduardo Tornaghi.

• Na “<i>roda de conversa</i>”, lança algumas questões relacionadas ao poema para ser discutida com os estudantes. - Estudo do texto (atividades simples). • <i>Proposta de atividade lúdica</i>: Stop das Profissões. • No tópico <u>Valores e Atitudes</u>, são abordados dois valores: <u>Paz e Respeito</u>, explorando os conceitos a partir de atividades. • <i>Diário de bordo</i>: atividade para finalizar o módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de livro- “Dom, talento e vocação. Quem não tem?”, de Fernando Carraro.
- Módulo: Descobrindo a vida financeira. • <u>Módulo 3: Modalidades de dinheiro</u> • Apresenta um texto explicando quais os outros meios, além do dinheiro, que podemos utilizar para fazer comprar (Cartões de débito e crédito). A importância de organizar as finanças. • Na seção “<i>Pensar, sentir e agir</i>”: Atividades relacionadas ao texto estudado. • <u>Consumidor ou consumista?</u> • O texto aborda aspectos relacionados ao consumo; e algumas dicas para ser um consumidor “consciente”. • Na seção “<i>Pensar, sentir e agir</i>”: atividades relacionadas ao texto. • Em <i>prosa e verso</i> traz a fábula: A gansa dos ovos de ouro”, Fábula de Esopo. • Na seção “<i>roda de conversa</i>”, lança-se algumas questões relacionadas à fábula. - Estudo do texto (atividades simples) • <i>Proposta de atividade lúdica</i>: Quem ri primeiro. • <i>Valores e atitudes</i>- neste módulo, os valores abordados são: <u>Felicidade e Solidariedade</u>, também apresenta atividades para explorar tais valores. • <i>Diário de bordo</i>: atividades para finalizar o conteúdo abordado no módulo. • <i>Ideias em rede</i>: Indicação de livro- “Dinheiro & suas finanças”, de David F. Hastings. • <i>Saberes em prática</i> - <i>Projeto Especial</i>: Elaboração de jogos sobre temas estudados ao longo dos módulos. - <i>Jogos</i>: Circuito.